

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

COMEÇOU HÁ DOIS ANOS...
A PRIMEIRA ETAPA DO CICLO VITAL NA FAMÍLIA POR ADOÇÃO

Rita Angélica Da Cruz Raínho

Junho 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Margarida Isabel Rangel Santos Henriques*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

A presente Dissertação de Mestrado encontra-se associada ao projeto de Doutoramento em Psicologia de Marlene Sousa, intitulado “*Estudo longitudinal da vinculação, desenvolvimento e ajustamento nos dois primeiros anos de adoção*”, realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) e concluído em Janeiro de 2015, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Isabel Rangel Santos Henriques. Tal projeto de Doutoramento é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através da bolsa de Doutoramento SFRH/BD/68843/2010, atribuída à doutoranda.

Tive a oportunidade de colaborar neste projeto de investigação, durante os anos letivos 2011/2012 a 2013/2014. A minha participação passou pela realização de transcrições de diversas entrevistas, em formato áudio e audiovisual, tendo recebido formação para esta e outras tarefas desempenhadas pela equipa de investigação.

Após a oportunidade de me associar ao projeto de Doutoramento acima referido, assumi-me como responsável pela autoria da análise de conteúdo das entrevistas. O estudo presentemente apresentado constitui-se como fruto dessa mesma análise.

Agradecimentos

*“Deus quer, o Homem sonha, a obra nasce”
(Fernando Pessoa)*

Na certeza de que nada nos é possível sem fé e coragem, agradeço por esta caminhada, este crescimento, esta imensa realização.

Agradeço em primeiro lugar à Professora Doutora Margarida Henriques, pela sua orientação exemplar: dedicada, exigente, persistente, compreensiva e colaborante. Pela transmissão de conhecimentos e saberes, pelas palavras de encorajamento e por ser tantas vezes “a luz ao fundo do túnel”. Sem ela, esta conquista não teria sido possível!

Agradeço profundamente aos meus pais, pelo seu amor incondicional, pelos esforços que realizaram e a confiança que depositam em mim todos os dias. Pelos valores que me transmitem e a esperança que me ajudam a encontrar. Por me acompanharem e acreditarem em mim, mesmo quando eu penso que ninguém o faz. Por todas as outras coisas que ficam por referir, mas que sei que eles sabem, porque os pais sabem sempre tudo e sempre da melhor maneira possível.

Ao André, por ser A Minha Má Pessoa. O que conhece os meus verdadeiros “Eus” e os “amigos que me aparecem”. Que luta todos os dias por me mostrar que podem existir vários tons de cinzento naquele meu espectro que, geralmente com pouca cor, oscilando entre o preto-preto e o branco-branco. Que me fez voltar a acreditar no “*happy ever after*” e me ajuda a acreditar em mim própria. Por ser todos os nomes estranhos em diminutivo que me lembro que lhe ficam bem. Pela sua paciência, ajuda, dedicação, companheirismo e, acima de tudo, pelo seu amor.

Ao Avô Nando e à Avó Tita, que me proporcionaram tantas possibilidades, não só ao longo destes cinco anos académicos, como durante toda a minha vida. Com o seu amor e dedicação, sempre a acompanhar os passos da sua menina. Ao Avô Nel, Avó Tina, Padrinhos e Tios, por serem a melhor família que poderia ter. Por se interessarem verdadeiramente, desejarem o melhor do mundo para mim e fazerem tudo o que está ao seu alcance para que eu atinja as mais felizes metas.

À Catarina, por ser a minha prima e mana, que eu adoro e que mesmo nas férias se prestou a ajudar a prima e abdicou do seu descanso. Por me orgulhar de a ter na minha vida, agradeço-lhe todos os momentos que partilhamos!

À Filipa Mendes, pela incondicional amizade, pela presença e preocupação constante, pela palavra sábia e calorosa. Pela sintonia que nos une, pela complementaridade que nela encontro. Por ser a irmã que um dia chegou e veio para ficar.

Aos meus amigos, colegas e companheiros. À Xana Mota, Adriana, Andreia, Vanessa, Olga e Rita, pela sua amizade incondicional. A tantos outros que vestem o Laranja e são os corajosos do primeiro andar da biblioteca – Carolina, João Gregório, Armanda, Carina e tantos outros - obrigada pelos momentos partilhados e o apoio que me deram. À Ana Camacho, pela sua disponibilidade e amizade. Aos que deixei uns quilómetros abaixo do Douro, Jéssica e Vanessa, Vitória, Mónica, Liliana e Susana (pela paciência nas tantas faltas!). E a todos aqueles que, permanecendo ou passando na linha vida, deixaram um pouco de si e levaram um pouco de mim. Os de sempre e as recentes “aquisições” na minha coleção de pessoas importantes. Àqueles que sei que podem não ser “de sempre”, mas sei que serão “para sempre”. São as minhas verdadeiras relíquias do meu ano de finalista!

Aos meus afilhados - Paula e André - e madrinhas – Andreia, Joana e Carina - pelo apoio constante, pelas aprendizagens que me proporcionaram e os tantos momentos e recordações que me permitiram.

Às Irmãs RMI, por me terem proporcionado o porto-seguro, “a casa que é muito mais que paredes”. Às pessoas importantes desta casa que me fazem sempre sorrir.

Aos colegas da Oficina de Investigação, que acompanharam semanalmente a evolução deste projeto, e em especial à Marlene, que não só me iniciou desde cedo no mundo da investigação científica, como me possibilitou abraçar este projeto. À Alexandra, sempre presente nestes últimos tempos de caminhada, à Inês e Cristina, colegas de ano e de Oficina que desempenharam um papel tão importante nesta etapa da minha vida e à Diana Teixeira, presente ao longo de todo o meu percurso académico.

Faltariam muitas palavras de gratidão para expressar tudo o que trago no coração. Assim, obrigada a todos aqueles que em algum momento me ajudaram, com a sua colaboração, com o seu contributo, com as suas ações, com as suas palavras, ou tão simplesmente, com a sua presença. Sou realmente abençoada por dizer que são muitos os nomes que aqui se enquadram e que agradeço, do fundo do meu coração, a todos eles.

Gosto muito de todos vocês!

*“Passo a passo, grão a grão, completamos esta construção. Não imaginas o poder que te deixaram na palma da mão! Colhe a âncora, faz-te ao mar, rumo a Norte tu vais navegar, porque há Alguém que **acredita** que tu tens forças para remar!”*

Resumo

A literatura no âmbito da adoção ressalta alguns aspetos preponderantes relativos às vivências das famílias por adoção, nomeadamente a chegada abrupta da criança à família, exigindo a reorganização familiar, as dificuldades na adaptação recíproca entre a criança e a família e os desafios associados à construção da vinculação.

Este estudo pretende explorar como é que as mães descrevem a construção da relação com a criança, o percurso da família nos primeiros dois anos de adoção e como se caracteriza a experiência da maternidade adotiva. Participaram 39 mães, com idades entre os 34 e os 46 anos, que adotaram maioritariamente com o conjugue, havendo apenas uma família monoparental. As crianças adotadas tinham entre 31 e 58 meses no momento da entrevista às mães, dois anos após a sua chegada à família. As entrevistas foram realizadas no domicílio das mães, posteriormente transcritas e submetidas a uma análise de conteúdo, identificando categorias a partir dos dados, seguindo uma metodologia inspirada na *grounded theory*. Para a sistematização das categorias e análise dos dados, recorreu-se ao programa de análise qualitativa *QSR NVivo 10*.

Os resultados evidenciaram os principais aspetos que caracterizam a parentalidade adotiva, destacando-se o período de chegada e adaptação mútua pais-criança, bem como atribuições das mães ao passado das crianças para justificar determinadas dificuldades vivenciadas. Verificou-se a referência a uma grande evolução, física e psicológica da criança, durante os dois primeiros anos na família, sugerindo a importância deste período-chave, reparador do seu desenvolvimento. Do ambiente destas famílias, destaca-se a importância do apoio conjugal, e, relativamente às redes de recursos familiares, o apoio familiar é o mais preponderante, principalmente nos cuidados prestados à criança. Relativamente à identidade da mãe adotiva, destaca-se a referência a mudanças pessoais positivas, como terem-se tornado mais sensíveis e afetuosas, mais felizes e mais ponderadas. Descrevem-se maioritariamente como mães preocupadas, presentes e protetoras. Evidenciou-se um discurso muito positivo do projeto da adoção, tendo sido identificadas 438 referências (57.8%) de valência emocional positiva, sugerindo grande satisfação e ausência de dificuldades que não tenham sido ultrapassadas.

Tendo em conta a exigência que os dois primeiros anos representam para as famílias adotivas e o reconhecimento crescente da importância da formação dos candidatos a adoção, tal formação beneficiará de ser sustentada por dados de investigação, refletindo o conhecimento empírico neste domínio.

Abstract

The literature in the context of the adoption highlights some prevailing aspects relating to the experiences of the families for adoption, including the abrupt arrival of the child to the family, requiring the family reorganization, difficulties in mutual adaptation between the child and the family and the challenges associated with the establishment of attachment.

This study aims to explore how mothers describe the construction of the relationship with the child, the family route in the first two years of adoption and how the experience of adoptive motherhood is characterized. Thirty-nine mothers participated, aged between 34 and 46, who have adopted mostly with the spouse, having only one single parent family. Adopted children were between 31 and 58 months of age at the time of the interview to mothers, two years after their arrival to the family. The interviewes were held at the mothers home's, transcribed and subjected to content analysis, identifying categories from the data, using a methodology inspired by the *grounded theory*. The systematization of the categories and data analysis was done using the qualitative analysis program *QSR NVivo 10*.

The results showed the main aspects that characterize parental adoption, with emphasis on the period of arrival and parent-child mutual accommodation as well as assignments from mothers to the children's past to justify certain difficulties experienced. It was verified a reference to major evolution, both physical and psychological of the child during the first two years within the family, suggesting the importance of this key-period, as a fixing development. From the environment of these families, highlights the importance of spousal support, and, from the networks of family resources, family support is the most predominant, especially in the caregiving to the child. Relating to the identity of the adoptive mother, outstands a reference to the positive personal changes, such as having become more sensitive and affectionate, happier and more considered. The describe themselves mostly as concerned, presents and protective mothers. It showed up to be a very positive speech of the adoption project, having identified 438 references (57.8%) of positive emotional valence, suggesting great satisfaction and no absence of difficulties that have not been overcome.

Taking into account the requirement that the first two years represent for adoptive families and the growing recognition of the importance of training candidates for adoption, this training will benefit from being sustented by data research, reflecting the empirical knowledge in this field.

Résumé

La littérature dans le contexte de l'adoption souligne certains aspects dominants concernant les expériences des familles d'adoption, y compris l'arrivée brutale de l'enfant à la famille, ce qui nécessite une réorganisation de la famille, les difficultés d'adaptation mutuelle entre l'enfant et la famille et les défis associés à la construction contraignant.

Cette étude vise explorer comment les mères décrivent la construction de la relation avec l'enfant, l'itinéraire de la famille dans les deux premières années de l'adoption et la façon qui caractérise l'expérience de la maternité adoptive. Trent-neuf mères, âgées de 34 et 46, ont participé, la plupart de ces mères ont adopté avec le conjoint, et seulement une famille monoparentale. Les enfants adoptés ont entre 31 et 58 mois au moment de l'entrevue de mères, soit deux ans après son arrivée à la famille. Les personnes furent interrogées au foyer des mères, la transcription fut soumise à l'analyse du contenu, identifiant les catégories à partir des données, en utilisant une méthodologie inspirée par la *grounded theory*. Pour la systématisation de l'analyse des données et des catégories fut utilisé le programme d'analyse qualitative QSR NVivo 10.

Les résultats ont montré les principaux aspects qui caractérisent la parentalité adoptive, mettant l'accent sur la période de l'arrivée et l'accommodement mutuel parent-enfant ainsi que les affectations de mères d'enfants dans le passé pour justifier certaines difficultés rencontrées. Il a fait référence à une évolution majeure, enfant physique et psychologique pendant les deux premières années dans la famille, ce qui suggère l'importance de cette période clé, le développement réparateur. Pour l'environnement de ces familles, il faut souligner l'importance du soutien du conjoint, et, pour les réseaux de ressources de la famille, le soutien familial est prédominant, surtout dans le soin de l'enfant. Sur l'identité de la mère adoptive, il ya une référence à des changements personnels positifs, car elle, deviennent plus sensibles et affectueuses, plus heureuses et plus considérée. Décrites comme la plupart des mères, elles sont concernées, présentes et protègent. Le projet d'adoption a révélé un discours très positif, identifiant 438 références (57,8%) de valence émotionnelle positive, suggérant une grande satisfaction et l'absence d'importantes difficultés qui n'ont pas surmontées.

Tenant compte de l'exigence que les deux premières années représentent pour les familles adoptives et la reconnaissance croissante de l'importance de la formation des candidats à l'adoption, c'est un avantage d'être informé par les données de recherche, qui reflète la connaissance empirique dans ce domaine.

Índice

Introdução	1
1. Adoção enquanto fenómeno complexo e multifacetado	1
2. Particularidades da parentalidade adotiva.....	2
3. O desafio da vinculação na adoção	8
Estudo Empírico	12
1. Método.....	12
1.1. Introdução	12
1.2. Participantes	13
1.3. Materiais.....	13
1.4. Procedimentos	14
1.4.1. Seleção da Amostra e Recolha de dados	14
1.4.2. Tratamentos de Dados	14
2. Resultados.....	16
A) Descrição das vivências na família ao longo nos dois primeiros anos de adoção	17
1. A chegada e a adaptação	17
2. Relação Pais-Criança	19
3. Evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção	34
4. Ambiente familiar	34
5. Rede de recursos familiares	38
B) A experiência da maternidade adotiva: construção e avaliação da experiência	39
1. Mudanças da mãe enquanto pessoa	40
2. Auto-descrição do papel materno e convicções	43
3. Mãe identifica parecenças entre ela e a criança	43
C) Valência emocional das vivências na parentalidade adotiva	45
3. Discussão	46
4. Conclusão	56
Referências Bibliográficas.....	59

Índice de Figuras

Figura 1 - Esquema geral de categorias.....	16
Figura 2 - Descrição das vivências na família ao longo nos dois primeiros anos de adoção e respectivas subcategorias em análise	17
Figura 3 - Subcategorias principais da categoria 'Relação Pais-Criança'	20
Figura 4 - Subcategoria 'Práticas Parentais'	27
Figura 5 - Subcategoria ' Rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais	30
Figura 6 - Subcategoria 'Dificuldades e Receios' - Dificuldades	32
Figura 7 - Subcategoria 'Rede de recursos familiares'	38
Figura 8 - A experiência da maternidade adotiva: construção e avaliação da experiência .	40
Figura 9 – Subcategoria ‘Mãe identifica parecenças entre ela e a criança’	44
Figura 10 – Vivências positivas - mães com mais referências codificadas.....	45
Figura 11 – Vivências negativas - mães mais com mais referências codificadas	46

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Subcategoria ‘Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo’	25
Tabela 2 – Subcategoria ‘Manifestações de afeto e momentos de interação familiar’	26
Tabela 3 – Subcategoria ‘Práticas parentais’ - Atitudes na parentalidade	29
Tabela 4 - Subcategoria 'Fatores facilitadores da relação'	33
Tabela 5 – Subcategoria ‘Ambiente Familiar’ - Relação conjugal	36
Tabela 6 – Subcategoria ‘Ambiente Familiar’ - Relações estabelecidas no contexto familiar	37
Tabela 7 - Subcategoria 'Mudanças da mãe enquanto pessoa'	42

Introdução

1. Adoção enquanto fenómeno complexo e multifacetado

A temática da adoção está repleta de complexas particularidades constituindo um fenómeno multifacetado. A tendência inicial da investigação no âmbito da adoção estava centrada na criança adotada. Numa primeira fase a preocupação estava focada no seu desenvolvimento psicológico, procurando perceber se este se desenrolava de modo normativo e, numa fase posterior, os estudos focaram a recuperação destas crianças perante as dificuldades que vivenciaram. Após estas correntes de investigação surge uma terceira, centrada nos fatores e processos subjacentes ao ajustamento e desenvolvimento das pessoas adotadas. Nesta tendência de investigação surgem, entre outros temas, estudos acerca dos mais diversos aspetos da vida e dinâmica familiar das famílias adotivas, realçando a necessidade de investigação no domínio da parentalidade adotiva (Palacios & Brodzinsky, 2010).

De um modo geral, podemos afirmar que o processo de adoção é caracterizado, num primeiro momento, pela “impossibilidade dos pais biológicos permanecerem com os seus filhos e pela disponibilidade de outras pessoas, motivadas por diferentes razões, para cuidarem dessas crianças” (Santos, Raspantini, Silva, & Escrivão, 2003, p.14). Desta forma, estabelece-se “legalmente um vínculo entre duas pessoas, à semelhança da filiação natural, mas independentemente dos laços de sangue” (Artigo 1586 do Código Civil Português, 2014).

No entanto, e apesar da adoção se apresentar como uma forma de proteção à infância, em que a família proporciona um lar “securizante, permanente, protetor e promotor do desenvolvimento da criança” (Ferreira, Pires, & Salvaterra, 2004, p. 409), quem decide adotar não deve limitar a sua motivação ao papel de assistência e acolhimento das crianças. Simultaneamente deverá ter em consideração o seu desejo de constituir e viver numa família, na qual poderá estabelecer diversas relações afetivas (Macdonald & Mcsherry, 2013), ancoradas no sentimento de “pertença e irreversibilidade proporcionado pelo vínculo jurídico” (Ferreira et al., 2004).

São vários os fatores que caracterizam a adoção, contribuindo para a singularidade de cada processo. Assim, as adoções variam de acordo com as características da criança, dos

pais adotivos, da equipa de profissionais que acompanha o processo e ainda em função de diversos aspetos situacionais associados à família alargada e à comunidade em que a família se insere. A conjugação de todos estes fatores faz com que a generalização acerca do processo através do qual se constitui uma família adotiva se torne uma tarefa difícil e arriscada (Grotevant & McDermott, 2014).

2. Particularidades da parentalidade adotiva

De acordo com Palacios (2010), devemos considerar, que em primeira instância, um pai e uma mãe por adoção são pais e, como tal, estas famílias regem-se de forma idêntica a outras configurações familiares. São, portanto, definidas por um conjunto comum de critérios que englobam metas, motivações, sentimentos, características e qualidade de vida familiar (Rodrigo & Palacios, 2001). Na perspetiva de Ceccarelli (2007), que define família com base no investimento do ponto de vista afetivo, todas as famílias são construídas e todos os filhos são adotivos. O conceito de família adotiva supera as fronteiras biologicamente impostas ao acolher um novo elemento com o qual não existe um parentesco biológico, para com o qual os pais assumem responsabilidades parentais, proporcionando-lhe os cuidados necessários, afeto e proteção (Diniz, 1993, cit in Fonte, 2004). Nestas famílias, o papel assumido por pais e filhos resulta então da conjugação de componentes afetivas (Schettini, Amazonas, & Dias, 2006).

O desempenho da função parental não se reduz à expressão da personalidade e características individuais dos pais. O modelo multifatorial da parentalidade proposto por Belsky (1995) apresenta uma visão da função parental como resultado final da conjugação de vários elementos, tais como o percurso de vida de cada elemento do casal, o vínculo afetivo estabelecido entre eles, as características da criança e ainda o próprio contexto e rede social de apoio (Belsky et al., 1995 cit in Santona & Zavattini, 2005).

Em todas as famílias primíparas e de um modo geral, os sentimentos e as experiências das mães na transição para a maternidade pela primeira vez, podem ser considerados semelhantes (Koepke, Anglin, Austin, & Delesalle, 1991). Tanto no caso das famílias biológicas como nas famílias constituídas por adoção, os pais têm a necessidade de desenvolver vínculos afetivos com os filhos e procurar a satisfação das necessidades básicas da criança, pelo que determinados desafios enfrentados são comuns (Gibbs, 2010).

Geralmente os pais adotivos são confrontados com crianças que foram vítimas de abuso ou negligência, que viveram a experiência de institucionalização, vivenciaram uma série de perdas e que podem ter diversos atrasos desenvolvimentais e necessidades especiais ao nível da educação, saúde e do ponto de vista social (Gibbs, 2010). Estes aspetos fazem com que a entrada da criança adotada na família desencadeie situações particulares que não estão presentes no caso dos pais biológicos (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002), constituindo especificidades que se poderão repercutir em todos os seus intervenientes (Relvas & Alarcão, 2007).

No decorrer do período de transição para a parentalidade adotiva podemos constatar diversas singularidades, já que estes pais poderão enfrentar obstáculos como alterações ao nível da saúde mental (Campbell & Cohn, 1991; Gair, 1999; Nomura et al., 2002; Senecky et al., 2009; Weissman et al., 2005 cit in McKay & Ross, 2010), da saúde física (Gjerdingen & Center, 2003; Thompson, Roberts, Currie, & Ellwood, 2002 cit in McKay & Ross, 2010) e das relações e dinâmicas de intimidade com o conjugue (Ceballo, Lansford, Abbey, & Stewart, 2004; Cox, Paley, Burchinal, & Payne, 1999 cit in McKay & Ross, 2010), tornando este processo muito desafiante. Podemos ainda mencionar alguns aspetos que, não sendo invariantes da parentalidade adotiva, são altamente frequentes, tais como as experiências relacionadas com a infertilidade (Cohen, Coyne, e Duvall, 1993; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003 cit in McKay, Ross, & Goldberg, 2010), o facto de, nesses casos, serem pais pela primeira vez numa idade, em média, mais avançada (Ceballo et al, 2004; Cohen et al, 1993; Dean, Dean, White, & Liu, 1995; Gjerdingen & Froberg, 1991 cit in McKay et al., 2010) e o facto de terem de lidar com o estigma associado à adoção (Wegar, 1995 cit in McKay et al., 2010). A somar a estas particularidades, terão que ser capazes de lidar com informações acerca da história de vida da criança, compreender as suas necessidades a nível físico e psicológico e, dessa forma, ajudá-los a superar a dor proveniente da experiência de abandono (Santona & Zavattini, 2005).

As especificidades do processo de adoção estão também presentes ao nível das dificuldades e receios experienciados pelos pais adotivos. Desde um primeiro momento, enfrentam um tempo indeterminado de espera que abre espaço para criar expectativas e idealizar a criança por quem esperam, conjugado com um processo de avaliação por vezes considerado intrusivo e gerador de grande ansiedade (Brodzinsky & Huffman, 1988 cit in Fontenot, 2007). No decorrer do processo de construção da sua identidade como pais adotivos, estes continuam a enfrentar dificuldades específicas, como os sentimentos associados ao julgamento por parte de outras pessoas relativamente à sua opção por um

projeto de adoção, ao desafio de estabelecer um vínculo afetivo com o filho que traz um passado suscetível de dificultar o estabelecimento desse vínculo (Huber & Siqueira, 2010), e, ainda, as preocupações associadas à comunicação sobre a adoção (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Palacios & Sanchez-Sandoval, 2005). Um estudo com mães adotivas, levado a cabo por Sherwen, Smith, e Cueman (1984 cit in Fontenot, 2007) permitiu identificar algumas das preocupações e receios específicos, entre os quais sobressaem a insuficiência de apoios, o medo de expressar sentimentos negativos relativamente à criança e o receio quanto a um possível regresso dos pais biológicos.

Todas estas singularidades evidenciam a complexidade da parentalidade adotiva. Procurando obter resultados que contribuam para uma melhor adaptação quer dos pais adotivos, como dos filhos, como da própria sociedade (Huber & Siqueira, 2010), a temática da parentalidade adotiva tem vindo a ser amplamente estudada, sendo de salientar alguns dos principais resultados da investigação neste âmbito.

O estudo levado a cabo por Johnstone (2007), no qual foram realizadas entrevistas e *focus groups* com 15 pais que adotaram 19 crianças, teve como principal objetivo explorar de que forma é que os pais desenvolvem as relações de vinculação e de parentalidade com as suas crianças. Um dos principais resultados a salientar neste estudo remete-nos para a importância atribuída pelos pais ao tempo de interação lúdica e afetiva e de comunicação com a criança, sendo por eles considerado como o fator-chave para o estabelecimento de uma boa relação pais-criança. Estes resultados foram confirmados em investigações posteriores, permitindo identificar características que devem estar presentes no bom desempenho do seu papel por parte dos pais adotivos. De entre estas destaca-se a capacidade de “compreender e responder às necessidades da criança, de mostrar respeito e amor, de tocar e segurar adequadamente, de ser consistente ao fornecer estrutura e limites, de passar tempo de qualidade com a criança a comunicar e jogar, de pedir ajuda quando necessário e fazer um uso apropriado dos recursos e suportes existentes, ao nível familiar, de saúde, serviços sociais e grupos de suporte” (Flynn, Welch e Paget, 2004; McGuiness, Ryan, e Robinson, 2005; Rushton, 2003; Sturgess e Selwyn, 2007 cit in Gibbs, 2010, p.47). Os pais por adoção deverão ainda apresentar “uma atitude positiva e capacidade de resolução de problemas” (p.47) (Brodzinsky e Pinderhughes, 2002; Evan B. Adoption Institute Donaldson, 2004; McRoy, Courtney, Chanmugam, Madden, Ayers-Lopez, 2009 cit in Gibbs, 2010). Walker (2008) acrescenta ainda que aqueles que se assumem como cuidadores substitutos das crianças, deverão evidenciar qualidades como “a capacidade de gerir um amplo leque de sentimentos, em si e nos outros, ter resolvido todas as perdas e traumas que

tenham sofrido ao longo da vida e ainda adquirir a função reflexiva” (p.49), que lhes permite refletir acerca dos seus pensamentos e sentimentos, bem como dos pensamentos e sentimentos dos outros (Walker, 2008).

Os pais por adoção atravessam uma série de fases antes de se tornarem pais, sendo umas externas, mais centrados nos processos legais e outras internas, relacionados com o questionamento sobre se a adoção será o passo acertado a seguir e se estão efetivamente preparados para o assumir. Poderá ainda existir uma fase intermédia, referente aos comentários dos amigos e outras pessoas próximas da família, como vizinhos (Smith, 1997). Apesar de apenas ser possível designar uma família como família adotiva a partir do momento em que ocorre a adoção propriamente dita, é fundamental considerar todas as etapas anteriores a esta, desde o planeamento do projeto, passando pela avaliação, o primeiro contato estabelecido com a criança até se alcançar uma situação legalmente estável (Pim, Ferreira, Rodrigues, & Costa, 2006).

De acordo com Smith (1997), estas fases são designados por “claiming”, processo social de anúncio aos outros da chegada da criança e de estabelecimento de um compromisso de vida com a criança no qual sejam incluídos os “direitos, responsabilidades e privilégios” (Anderson, Piantanida & Anderson, 1993 cit in Smith, 1997), e por “entitlement”, fase que resume a dinâmica base da família adotiva. Este segundo conceito refere-se a um processo psicológico, muito mais complexo e profundo, compreende o sentimento de direito a serem pais daquela criança e, reciprocamente, o sentimento por parte da criança de que aquela é, efetivamente, a sua família. Assim sendo, podemos assumir que se trata de uma resposta que integra as necessidades afetivas, as motivações e os projetos dos pais. Dessa forma, os pais adquirem um sentimento incondicional de pertença relativo à criança. Nos pais biológicos não existem estas particularidades, pelo que o “entitlement” ocorre de modo espontâneo, contrastando com o processo que os pais adotivos atravessam.

Nas famílias adotivas, o “entitlement” constrói-se através da interação quotidiana entre os pais e a criança adotada, edificando-se uma família enquanto sentimento mútuo, isto é, será a verdadeira família aquela que os seus membros sentirem como tal (Smith, 1997).

É fundamental considerar que a transição para a parentalidade adotiva ocorre “como resultado das interações entre os desafios e os facilitadores experimentados durante todo o processo de adoção” (McKay & Ross, 2010).

Assim sendo, de entre os vários fatores que podem facilitar a transição para a parentalidade adotiva podemos referir que pelo facto dos pais adotivos serem, em média, mais velhos terão maior probabilidade de terem aprendido como lidar com as dificuldades

de forma mais adequada e apresentarem, nesta fase das suas vidas, uma situação financeira mais segura (Kadushin, 1980 cit in Levy-Shiff, Goldshmidt, & Har-Even, 1991). Acrescenta-se que estes casais, pelo tempo que estão juntos e as vivências negativas que partilharam em relação à eventual infertilidade, poderão apresentar uma relação conjugal mais ajustada, assente na compreensão mútua (Humphrey, 1975; Humphrey & Kirkwood, 1982; Levy-Shiff et al, 1990 cit in Levy-Shiff et al., 1991). É curioso constatar que os mesmos aspetos acima referidos como particularidades das famílias adotivas que se podem assumir como obstáculos, são também referidos como potenciais forças e facilitadores do projeto de adoção. De acordo com Hoksbergen (1996, cit in Relvas & Alarcão, 2007) o tempo que os pais passam com a criança é determinante para que estes assumam psicologicamente a sua parentalidade, uma vez que aspetos como as experiências do quotidiano e o acompanhamento do desenvolvimento da criança são cruciais no decorrer deste percurso (Relvas & Alarcão, 2007).

Os pais adotivos consideram ainda bastante positivo a existência de apoios e recursos, principalmente ao nível da família alargada e amigos (Sánchez-Sandoval, 2011), sendo que a aceitação e o suporte providenciados transmite aos pais mais segurança para o desempenho do seu novo papel (Feigelman & Silverman, 1983). É ainda fundamental que a família possa beneficiar de algum suporte exterior à família, que apoie e controle o desenvolvimento do processo (Pim et al., 2006).

O momento da chegada da criança à família, conjugado com a falta de informação sobre a criança poderá ser vivenciado pelos pais adotivos como um fator suscetível de provocar *stress* (Bejenaru & Roth, 2012; Bird et al, 2002; Judge, 2003 cit in Howat-Rodrigues, Tokumaru, Amorim, Garcia, & Izar, 2013). Nesta fase, inicia-se o período de adaptação (Ferreira et al., 2004), caracterizado por diversos desafios para todos os intervenientes envolvidos. De acordo com Corbella e Gómez (2010), é possível enumerar algumas das características prévias, fundamentais para a adaptação da família adotiva, das quais se destacam o seu equilíbrio emocional e psicológico e a qualidade da relação conjugal. Neste período, a família ambiciona e procura que ocorra o estabelecimento de vínculos afetivos e de um sentimento de pertença que deve ser duradouro e prolongado através das gerações (Pim et al., 2006), sendo que os filhos podem desempenhar um papel ativo no estabelecimento das relações de proximidade e pertença na família (Kirk, 1964; Neil, 2012 cit in Macdonald & Mcsherry, 2013). A integração familiar, considerada por Lakin (1992, 1996, cit in Timm, Mooradian, & Hock, 2011) como um dos principais problemas das

famílias adotivas, reflete a adição de um novo membro à família, alterando o seu equilíbrio e, conseqüentemente, exigindo o seu restabelecimento.

O processo de adaptação à adoção poderá ser dificultado, por fatores relacionados como características das crianças, dos pais ou da própria família. De entre as características associadas à criança, podemos destacar idades mais avançadas no momento da adoção, problemas de comportamento, dificuldades emocionais e vivências anteriores de negligência e abuso (Rosenthal & Groze, 1992; McDonald et al., 1991; Festinger, 1986; Barth & Berry, 1988; Reid et al., 1987 cit in McDonald, Propp, & Murphy, 2001). Por sua vez, ao atentarmos nas características dos pais que podem dificultar este processo, salientam-se as suas elevadas expectativas, falta de experiência e as atitudes negativas relativamente à criança e ao processo de adoção (Barth & Berry 1988; Glidden, 1991; Groze, 1996b; McDonald et al., 1991; Partridge et al., 1986; Groze & Rosenthal, 1993 cit in McDonald et al., 2001). A conjugação dos diversos fatores “dificultadores” poderá conduzir ao insucesso da adoção, a qual poderá ser evitada se o período de pré-adoção for cuidadosamente vivido e acompanhado e ainda se existir um suporte adequado na pós-adoção.

A adaptação pais-criança ocorre de um modo muito distinto nas famílias biológicas e adotivas. Nestas últimas, não existe um período de gestação a programar, de certa forma, o momento do nascimento, mas sim, frequentemente, após um longo período de espera, sucedem-se escassos momentos de preparação desde que recebem a notícia de existência de uma criança para a família e a chegada desta. Deste modo, a transição torna-se uma mudança abrupta. Esta rápida transição para a parentalidade, é designada por Weir (2004) por um “*leap-frogging*”, o equivalente ao “salto de uma rã”, no ciclo de vida das famílias adotivas. O autor refere também que nestas famílias é usual surgir que uma sensação de perda associada ao sentimento de terem sido “deixados ficar para trás” (“*lagging behind*”) pelos outros nas suas redes sociais, ou seja, à medida que estes foram tendo os seus filhos e percorrendo as várias fases do ciclo de vida, esta família não os acompanhou. Posteriormente, após uma rápida transição e ajustes acelerados, as famílias adotivas “voltam a sentir-se no caminho certo” (“*catch-up*” ou “*on-track*”), numa perspetiva de comparação social, relativamente a outras pessoas da sua vida (Weir, 2004).

3. O desafio da vinculação na adoção

À semelhança do que se verifica no caso da parentalidade biológica, os laços entre pais e filhos adotivos vão sendo estabelecidos e fortalecidos de forma lenta e progressiva, pelo que o facto da integração da criança na família ocorrer o mais cedo possível poderá ser benéfico para o equilíbrio afetivo familiar e para o próprio desenvolvimento da parentalidade (Relvas & Alarcão, 2007). É usual referir-se que o facto da adoção ocorrer o mais cedo possível também é benéfico para a vinculação (Lionetti, 2014), perspetivando assim um ajustamento positivo da família adotiva (Singer, Brodzinsky, Ramsay, Steir, & Waters, 1985). No entanto, os resultados neste âmbito nem sempre são significativos, tendo em conta que o estabelecimento de laços afetivos e de vinculação entre pais e filhos é estabelecido através da interação (Timm et al., 2011), pelo que mesmo em adoções mais tardias é possível o estabelecimento do vínculo afetivo entre pais e filhos.

Quando falamos no estabelecimento de laços afetivos, reportamo-nos a relações significativas espontaneamente estabelecidas entre pessoas, sem haver esforço consciente ou aprendizagem por parte dos intervenientes. Este conceito diferencia-se da definição de vinculação, que diz respeito à primeira relação afetiva da criança e que servirá de modelo para as suas futuras relações (Bowlby, 1973).

De acordo com Bowlby (1982), o conceito de *modelos internos dinâmicos* (“*internal working models*”), refere-se ao modo como a criança constrói as suas representações do mundo e do papel que nele desempenha. Desta forma, as crianças avaliam a responsividade dos seus cuidadores e, conseqüentemente, antecipam situações futuras, mediante a sua previsão da disponibilidade das figuras de vinculação. O processo de vinculação pressupõe, então, o estabelecimento de laços emocionais, ocorrendo de forma similar, quer se trate de uma família biológica ou adotiva, dada a necessidade de segurança que a criança tem. Esta necessidade faz com que a criança desenvolva tais vínculos afetivos com os adultos mais próximos e que cuidam dela de forma permanente, não tendo de ser forçosamente os pais biológicos, tal como usualmente concebemos (Román & Palacios, 2011). Tanto em famílias adotivas como biológicas, a vinculação desenvolve-se quando a criança é capaz de confiar em alguém para lhe proporcionar a satisfação das suas necessidades básicas (Bowlby, 1982).

Dado que a adoção se assume como um momento de descontinuidade, envolvendo uma mudança radical do contexto familiar, o estabelecimento desse vínculo poderá ser dificultado e até mesmo comprometido (Román & Palacios, 2011). A dificuldade das crianças se vincularem aos pais adotivos foi reportada como uma das mais proeminentes nas

famílias adotivas (Schmidt, Rosenthal, & Bombeck, 1988). Vários fatores podem prejudicar o estabelecimento da vinculação entre pais e filhos adotivos, tais como a ansiedade associada à incerteza durante o processo de adoção, a existência de menos modelos parentais e de apoios adequados e a história prévia da criança (Singer et al., 1985). Não havendo muitos dados disponíveis referentes à influência de variáveis da criança, como o temperamento, ou relativos à família adotiva (Palacios & Brodzinsky, 2010; Stams, Juffer, & van IJzendoorn, 2002, cit in Lionetti, 2014), um dos fatores mais investigados é o contributo da idade da criança quando é adotada, aspeto fortemente correlacionado com o tempo de institucionalização, e que indica, ainda que nem sempre com resultados significativos, que quanto mais precoce ocorrer a adoção, mais favorável será.

Apesar dos fatores que promovem o estabelecimento de um padrão seguro de vinculação em famílias adotivas não terem sido ainda determinados, a vida das crianças anterior à adoção caracteriza-se pela carência de cuidados prestados de um modo estável e sensível, o que as coloca em risco de estabelecerem padrões não seguros de vinculação (Lionetti, 2014). O facto de não estabelecerem uma relação nos primeiros anos poderá conduzir a um comportamento inicial dependente, seguido pela procura desmedida e indiferenciada de atenção (Hoksbergen, 1997). Este fenómeno, também designado de “*sociabilidade indiscriminada*”, reflete a tendência para o estabelecimento de relações pouco seletivas, sem haver desconfiança ou precauções nas relações com desconhecidos. De acordo com os estudos levados a cabo por Zeanah, Smyke e Dumitrescu (2002), o comportamento indiscriminado é muito identificado por crianças que vivem em instituições. Os prolongados períodos de tempo em que vivem em instituições, fazem com que estas crianças evidenciem comportamentos amistosos com desconhecidos e, contrariamente, não se demonstrem afetados perante situações de separação ou perda. Nesta mesma investigação, foram confirmados resultados de estudos anteriores (Chisholm, 1998; Chisholm et al., 1995; O'Connor et al., 1999, 2000, cit in Zeanah et al., 2002), indicando que o comportamento indiscriminado pode ser verificado tanto em crianças que têm uma figura de vinculação como naquelas que não têm. De facto, tais estudos revelaram que, mesmo depois de terem sido adotadas e terem estabelecido relações de vinculação com os seus pais adotivos, as crianças que estiveram institucionalizadas podem continuar a apresentar este padrão de comportamento indiscriminado (Zeanah et al., 2002). No entanto, fenómeno carece ainda de investigação, pelo que não é possível afirmar que se trate de um problema ao nível da vinculação, ou se diz respeito a um problema de socialização, podendo surgir paralelamente a um padrão seguro de vinculação (Román & Palacios, 2011).

De forma a não condicionar a vinculação, no momento em que a família conhece a criança, apesar de não coincidir com o seu nascimento biológico, é favorável que estejam asseguradas condições semelhantes às do parto. É então aconselhável que neste momento procedam a comportamentos vinculativos, tais como o toque e o cheiro, tendo em conta que estes comportamentos serão, no contexto do desenvolvimento da relação pais-filhos, os responsáveis pelo surgimento da filiação. Este sentimento desencadeará reações nos pais como procurar semelhanças das crianças com eles próprios e com os familiares e, nas crianças, permitirá que se sintam verdadeiramente filhas e membros da família (Sá & Cunha, 1996). Para assegurar o estabelecimento de relações de vinculação seguras, é ainda fundamental que a criança adquira confiança nos pais, e que estes, por sua vez, providenciem um ambiente “caloroso, consistente e contingente” (Singer et al., 1985 p.1550), relativamente às necessidades da criança. Se os pais forem capazes de desenvolver tais características e de proporcionar o ambiente desejado, as relações de vinculação estabelecidas com as suas crianças não terão fundamento para se distinguirem substancialmente da realidade que ocorre no caso dos pais biológicos (Singer et al., 1985).

O processo de vinculação desenvolve-se na interação pais-criança durante o primeiro ano juntos e é consolidado no decorrer do segundo ano da relação (Karen, 1998). A investigação sugere que as dificuldades nas relações de vinculação são bem ultrapassadas pelas crianças, especialmente se adotadas durante o seu primeiro ano ou ano e meio de idade (Palacios & Brodzinsky, 2010). No caso de crianças adotadas mais tardiamente, verifica-se que a ida permanente para a família adotiva teve efeitos positivos ao nível da representação da vinculação, verificados dois anos após a adoção (Steele, Hodges, Kaniuk, & Steele, 2010).

A primeira fase do *Ciclo Vital* das famílias adotivas, de acordo com a proposta de Rosenberg (1992), que se centra essencialmente nas etapas de desenvolvimento das famílias adotivas, corresponde ao “*nascimento da família adotiva e o início da parentalidade*”. Esta etapa diz respeito à chegada da criança à família e dá especial ênfase ao primeiro mês de relação, no qual ocorre a adaptação mútua entre a família e a criança. A adaptação recíproca poderá sofrer a influência de muitos fatores, nos quais se incluem o ambiente e cultura em que se inserem e o apoio e aceitação por parte de amigos e da família alargada (Relvas & Alarcão, 2007). É também nesta primeira etapa do ciclo vital que ocorre a fase da integração do novo membro e, posteriormente, no decorrer do relacionamento familiar e fruto de um processo gradual, ocorre a fase de vinculação.

Na fase seguinte, “*família adotiva com criança em idade pré-escolar (3-5 anos)*”, a relação de confiança anteriormente iniciada é reforçada e a criança, que ainda não

compreende a diferença entre um filho biológico e um filho adotivo, tem um pensamento desprovido de lógica que a pode levar a desenvolver sentimentos de insegurança relativamente a tudo o que não compreende bem, como poderá ser o caso da adoção (Relvas & Alarcão, 2007).

Na sua generalidade, os estudos mostram que é possível que parentalidade adotiva e as relações estabelecidas ocorram de um modo positivo, ainda que no decorrer deste processo sejam necessários diversos tipos de apoios, como a família, amigos e profissionais (Gibbs, 2010). No entanto, os pais adotivos não nasceram formatados para tal, como se de um gene específico se tratasse, e, muitas vezes, na constituição de uma família por adoção, o amor e o bom senso não são suficientes. Torna-se então evidente que os pais adotivos necessitam de informação e formação que os ajude a lidar com os muitos desafios que se desencadeiam na constituição de uma família adotiva (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2005).

Uma das fontes de conhecimento possivelmente pertinente para futuros pais poderá derivar da experiência de outras famílias que tenham enveredado por este percurso, aumentando assim o seu conhecimento acerca da forma como o processo é perspectivado.

O presente estudo pretende focar-se no modo como as mães descrevem a construção da relação com a criança e a evolução da família ao longo dos primeiros dois anos de adoção. Será também abordada a experiência da maternidade adotiva, ao nível da construção e a avaliação da experiência das mães no decorrer dos primeiros dois anos de adoção.

Estudo Empírico

1. Método

1.1. Introdução

O principal objetivo do presente estudo é compreender de que forma é que as mães adotivas descrevem a construção da relação com a criança e a evolução da família ao longo dos primeiros dois anos de adoção. Pretende-se apreender um retrato do percurso e das vivências familiares, mediante a análise dos conteúdos mais focados pelas mães adotivas ao longo da entrevista realizada, em função dos conteúdos por elas abordados.

Partindo dos aspetos teoricamente ressaltados, os objetivos específicos desta investigação consistem em: (1) verificar em que medida as mães identificam diferentes fases ao longo dos dois anos, diferenciando nomeadamente os períodos de adaptação, de integração e de estabelecimento da vinculação; (2) compreender como decorreu período de adaptação recíproca criança-família; e (3) investigar de que forma ocorreu o estabelecimento da vinculação nestas famílias, quais as principais dificuldades vivenciadas, bem como as principais estratégias implementadas para lidar com as mesmas. Objetiva-se ainda compreender como se caracterizam estas mães no seu papel materno e depreender qual a valência emocional subjacente ao seu discurso, compreendendo assim qual a avaliação global que fazem desta experiência.

Podendo ainda considerar-se inovador em Portugal um estudo neste âmbito, o interesse desta investigação reside em mapear nas famílias portuguesas e em processos de adoção nacionais, as primeiras etapas de construção da família adotiva, explorando de que modo é que o discurso materno identifica as diversas fases e o como avalia o percurso no seu conjunto. Desta forma, pretende-se que os resultados possam trazer implicações práticas, na medida em que ao permitirem descortinar particularidades associadas à adoção, possam ser úteis tanto a pais adotivos, como aos serviços de adoção que mediam os processos, bem como aqueles que possam estar interessados a futuramente ter filhos por adoção.

1.2. Participantes

O presente estudo encontra-se integrado num projeto de investigação no âmbito da adoção, tendo como objetivo principal compreender a perspetiva das mães acerca da sua experiência e da criança numa fase inicial de pós-adoção.

A amostra do estudo é constituída por 39 mães por adoção, que se reportam aos seus filhos adotivos. As mães tinham idades compreendidas entre os 34 e os 46 anos, sendo a média das idades de 39.49 anos ($DP = 2.88$). No que concerne às habilitações literárias das mesmas, predominam as mães licenciadas (71.8%), seguindo-se das que possuem o ensino secundário (17.9%), sendo que apenas 4 mães têm habilitações correspondentes ao 2º e 3º Ciclo do ensino básico. Todas as participantes deste estudo encontravam-se empregadas no momento da avaliação. A adoção foi realizada pelos casais, à exceção de um dos casos, em que foi levada a cabo por uma família monoparental.

Relativamente às crianças alvo desta investigação, 19 são do género masculino e 20 do género feminino, e tinham idades compreendidas entre os 31 e os 58 meses aquando o momento da recolha dos dados ($M=43.59$; $DP= 8.52$). Após terem passado por períodos de institucionalização que atingiram um máximo de 26 meses ($M=11.78$; $DP= 6.73$), as crianças encontravam-se integradas na família adotiva, no momento da avaliação, em média há 28.5 meses, sendo que a criança integrada há menos tempo estava com a família há 25 meses e a que chegou à sua família adotiva há mais tempo conta com 31 meses de integração.

Importa ainda referir que, no momento da avaliação da família adotiva, apenas existiam 13 crianças com irmãos e 5 famílias da amostra já tinha precedentes na adoção, sendo que a criança alvo do estudo não foi a primeira criança que adotaram. Acrescenta-se ainda que 5 das crianças pertencentes a esta amostra foram adotadas simultaneamente com um irmão biológico.

1.3. Materiais

Como métodos de recolha de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas sobre relação mãe-criança, elaboradas com o intuito de perceber a experiência materna no decorrer do processo de adoção (cf. Anexo I). Para o tratamento e análise dos dados recorreu-se ao programa de análise qualitativa QSR NVivo 10. Para a caracterização da amostra, utilizou-se o SPSS.

1.4. Procedimentos

1.4.1. Seleção da Amostra e Recolha de dados

O processo de seleção da amostra foi levado a cabo pela investigadora responsável pelo projeto de Doutoramento ao qual o presente estudo se encontra vinculado. Numa primeira fase, as mães receberam o contacto da investigadora, no qual foi solicitada a sua participação, após terem sido explicitados os objetivos do estudo e terem sido fornecidas informações necessárias a respeito do mesmo.

A amostra foi assim previamente selecionada e os dados recolhidos, nos domicílios de cada uma das famílias que participaram, na altura em que completavam sensivelmente dois anos com a criança que adotaram na sua família.

1.4.2. Tratamentos de Dados

Tendo em conta que a gravação é usualmente considerada uma boa prática nas entrevistas qualitativas (Hermanowicz, 2002 cit in Elliott, 2005) já que permite o acesso a muitos tipos de dados, tais como as pausas, a entoação ou os risos, estas foram devidamente áudio-gravadas, com o consentimento das entrevistadas. Posteriormente, procedeu-se à transcrição das mesmas para proceder à sua análise qualitativa. O processo de transcrição pretende superar um procedimento mecanizado, sendo que as decisões de como o mesmo deverá ser desenvolvido está intimamente relacionado com o tipo de análise pretendida (Elliott, 2005).

A partir da transcrição de cada uma das entrevistas foi possível organizar toda a amostra para se dar início às três fases que, de acordo com Bardin (1977) constituem a análise de conteúdo, sendo elas a pré-análise a exploração do material e o tratamento dos dados, inferência e interpretação. Nesta perspetiva, a fase de pré-análise diz respeito ao contato inicial com os documentos, em que, para além de uma organização inicial, se procede à formulação de hipóteses e preparação do material para análise. Seguidamente, foi então possível passar a uma fase de exploração do material, que, sendo uma fase longa e exaustiva, é caracterizada pela administração sistemática das decisões solidificadas anteriormente. Nesta fase foi realizada a codificação das entrevistas, procedimento que consiste na criação de ferramentas conceptuais que nos permitem classificar e comparar as características mais relevantes do fenómeno em análise. Importa salientar que, para tal, é necessário percorrer

um processo de abstração, que nos permite passar de toda a complexidade dos dados, até aqueles que se manifestam mais importantes para o objetivo do estudo (Dey,1993).

Por último, teve lugar a fase de tratamento dos dados, caracterizada pela inferência e interpretação, com o objetivo principal de tornar os dados válidos e significativos. Para tal, foi estruturada e elaborada uma grelha de categorias, que contou com a avaliação de um 2º juiz, de forma a serem tomadas decisões mais consistentes. A categorização realizada não contempla unicamente o discurso das mães, sendo também considerado o seu discurso, a conversa com a investigadora durante a entrevista, bem como também as perguntas que lhe foram dirigidas como forma de enquadrar o seu discurso.

Na análise qualitativa das entrevistas assumiu-se como referência as questões colocadas na entrevista e o discurso das próprias mães, para identificar as categorias e subcategorias. A codificação da valência emocional do discurso da mãe corresponde à avaliação da experiência através de juízos de valor, adjetivação, metáforas, reflexões avaliativas e atribuições positivas e negativas apresentadas pelas mães acerca das situações. Sublinhe-se que esta categorização não é exclusiva relativamente à anterior, mais centrada nas particularidades da vivência da família adotiva nos dois primeiros anos de adoção. Foi efetuada tanto pela referência a aspetos positivos como pela negação da existência de aspetos negativos, tendo em conta o contexto da entrevista.

A grelha de categorias expande-se por subcategorias até 5 níveis de especificidade. Foram consideradas o número de fontes, isto é, o número de mães que referiram cada uma das categorias, bem como o próprio número de referências codificadas. Mediante a esquematização dos resultados em quadros e figuras, foi possível sintetizar e enfatizar os mesmos.

2. Resultados

Foram definidas três grandes dimensões de análise no discurso das mães acerca das vivências da família adotiva nos primeiros dois anos de adoção: (A) a descrição das vivências e da evolução da criança; (B) a construção da maternidade adotiva e avaliação da experiência materna; (C) a valência emocional da experiência materna na adoção.

O esquema seguinte permite visualizar os diferentes níveis em análise, bem como as categorias principais de cada um deles. As subcategorias que correspondem às especificidades de cada uma destas poderão ser visualizadas nos anexos II (*c.f. Anexo II-A a II-E, Quadros 1 a 5*), III (*c.f. Quadro 6*) e IV (*c.f. Quadro 7*). As categorias e subcategorias serão referidas seguidamente em *itálico*, acompanhadas, em alguns casos, pelo número total de referências (uma vez que em alguns casos, a mesma mãe faz mais do que uma referência relativa à mesma categoria) e o número de mães que as fizeram.

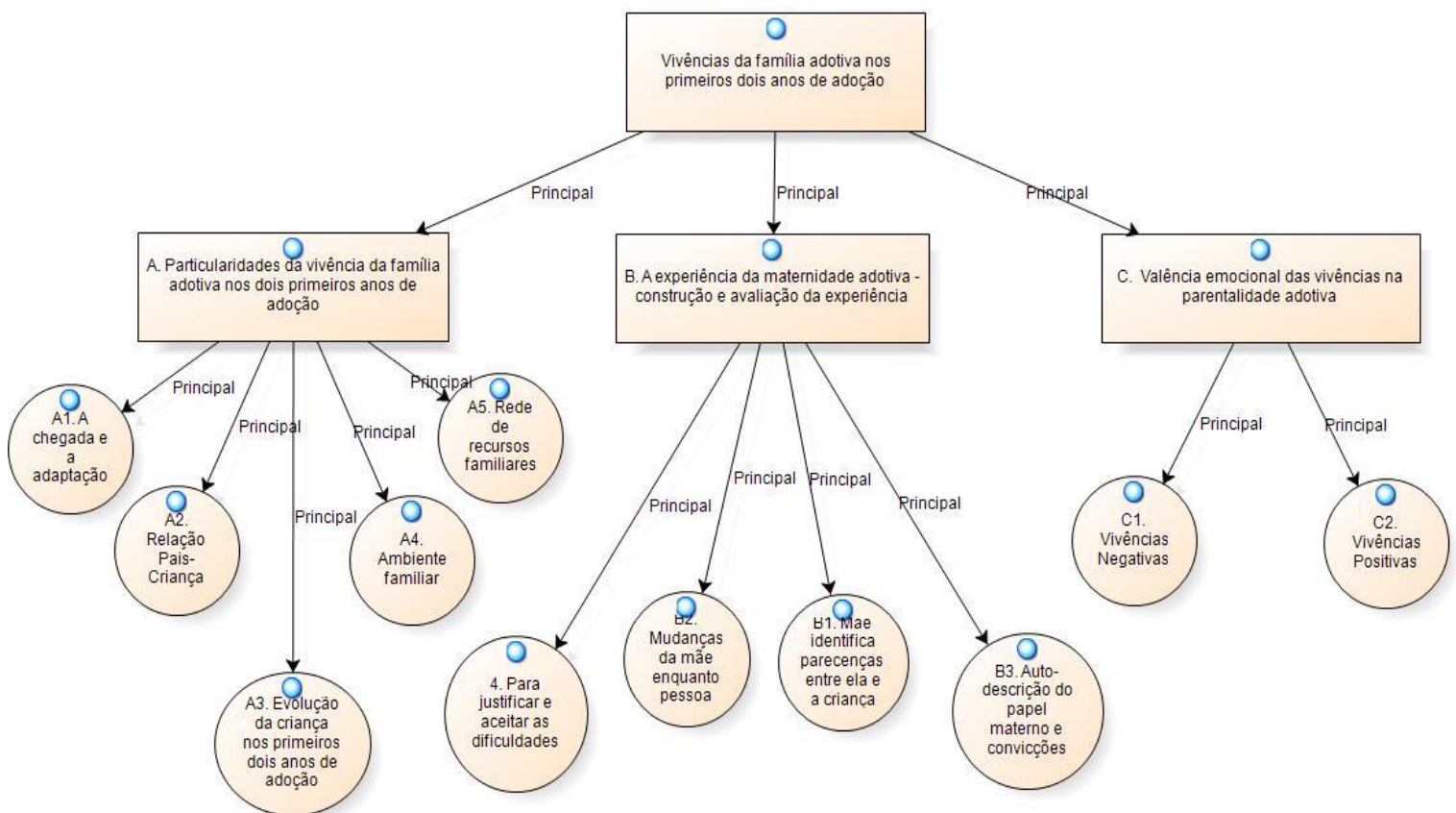


Figura 1 - Esquema geral de categorias

A) Descrição das vivências na família ao longo nos dois primeiros anos de adoção

Para compreender como se processam os primeiros dois anos de vivência conjunta das famílias adotivas, foi realizada uma análise descritiva que abrange diversos aspetos relevantes e ilustrativos da experiência destas famílias. Neste nível de análise, encontramos cinco categorias principais, que serão abordadas detalhadamente mais à frente. O esquema seguinte permite uma visão geral e integradora dessas categorias gerais:

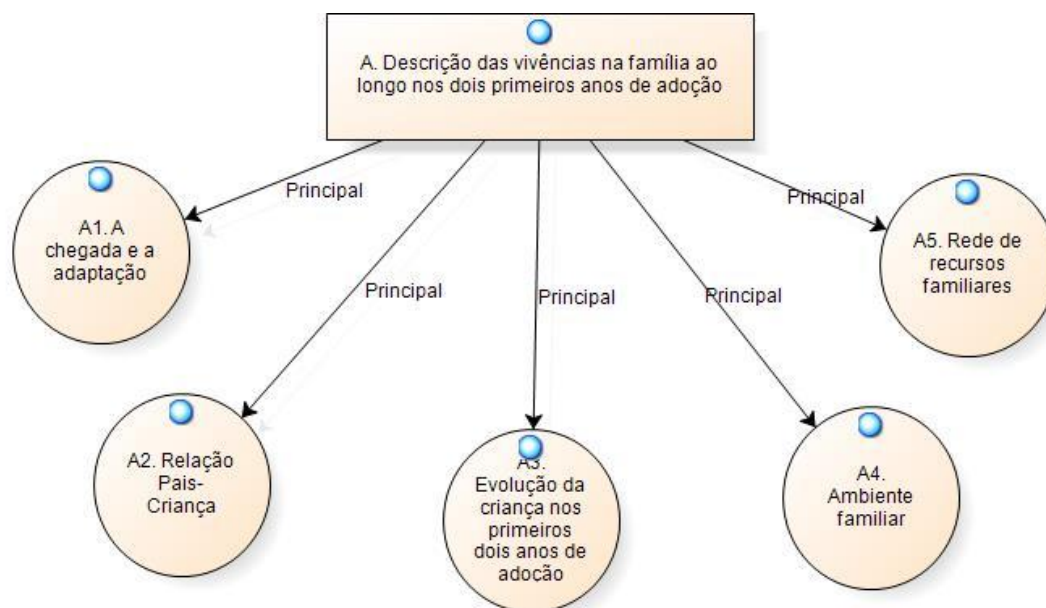


Figura 2 - Descrição das vivências na família ao longo nos dois primeiros anos de adoção e respetivas subcategorias em análise

1. A chegada e a adaptação (c.f. Anexo II – Quadro 1)

Nesta primeira categoria em análise foram constituídas quatro subcategorias: 1) A chegada da criança à família; 2) Mudanças na vida familiar; 3) Dificuldades dos pais e das crianças na adaptação e 4) Facilitadores da adaptação.

No momento da *chegada da criança à família*, algumas mães reportaram que a criança sinalizou a *mudança de ambiente* (5 mães¹), tendo identificado no seu olhar uma expressão atenta, admirada e expectante. A maioria das mães (25 mães) considera que houve *uma chegada positiva da criança*, ainda que expressos de formas distintas. Neste sentido, existem referências ao facto da criança se ter adaptado de imediato às rotinas e conseguindo

¹ Número de mães que referem esta categoria

adormecer facilmente, inclusive ao colo da mãe. Este processo é mencionado por algumas mães como algo que ocorreu de forma muito natural, superando as suas expectativas. Ao reportarem que não sentiram dificuldades a este nível, as mães referem ainda que as crianças foram bem recebidas na família alargada, havendo mesmo situações em que, desde logo, as crianças chamavam os avós e tios dessa mesma forma, num clima de grande alegria para toda a família.

Na eventualidade de puder vir a pensar que os casos em que é referido que a criança se adaptou sem qualquer problema corresponderem às crianças adotadas mais cedo, foi explorada essa variável. Tal não se verificou, sendo que esse mesmo grupo de crianças foi adotado inclusive com uma idade ligeiramente superior à média etária do grupo no total ($M=15.2$, $DP=8.4$ e $M=14.77$, $DP=8.6$, respetivamente).

Relativamente à *adaptação da criança às regras e rotinas familiares*, as referências das mães apontam que as crianças conseguiram corresponder ao modo como os pais atuam, ainda que prevaleça a ideia de que, em algumas situações, os pais adotaram algumas estratégias para facilitar tal adaptação, que passaram essencialmente pela perseverança na situação.

As mães fazem referência a uma grande diversidade de *mudanças na vida familiar*, principalmente no que diz respeito ao *ambiente e dinâmica familiar* e aos seus *horários e rotinas*. Referem um ambiente familiar mais alegre, mas, simultaneamente, com mais desorganização em casa. Ao nível da *relação conjugal*, referem sair e viajar menos com o conjugue e terem um cuidado constante com o que falam por saberem que a criança os poderá ouvir. Resumidamente, “*abdicaram deles (casal) para eles (crianças)*” (Mãe 37). Também o *comportamento dos irmãos* sofreu alterações, sendo que as mães referem casos nos quais o irmão da criança adotada ficou mais irrequieto, assim como outros em que o irmão teve tendência ao isolamento. Relativamente às mudanças nos horários e rotinas, destacam-se as mães que apenas *constatam a existência de mudanças* (15 mães), sendo menor o número de mães que referem *queixas de sobrecarga para os pais* (7 mães).

As mães referem ainda a existência de determinadas *dificuldades dos pais e da criança na adaptação*. Estas contemplam a forma como a criança se comportava e reagia ao que os pais lhe diziam, bem como casos em que a criança procurava estar insistentemente perto dos pais ou, pelo contrário, ia com outras pessoas com facilidade. As mães fazem ainda referência à dificuldade associada à emergência do sentimento de responsabilidade por parte dos pais, que, ao se depararem com uma criança a seu cargo, vivenciaram medo, pânico e momentos angustiantes. De modo geral, a grande dificuldade reportada foi “*incorporar os*

traços” da criança (Mãe 19), aceitando-a como ela é. Uma mãe reporta-se à possibilidade da criança ter memórias da sua mãe biológica, devido ao modo como se comportava em determinadas situações. O seu relato ilustra que tal aspeto poderá ter constituído uma dificuldade na adaptação pais-criança:

“(...) no início, eu lembro-me que haviam algumas questões, que não sei se era por ele se lembrar ainda da outra mãe, também [I: Hum hum] até que cheguei a questionar a educadora e a pessoa que estava lá porque eu sempre tive tendência a usar muito coisas pretas, carteira preta, e ele não queria, pedia para não usar. “Não gosto disso”, “Não gosto, não uses, não quero”. Eu achava estranho mas apercebi-me que realmente depois que aquilo deveria lembrar alguém/ a mãe (I) que ele tinha [I: Exatamente]. Depois fui perguntar à psicóloga, e disse-me que realmente ela se vestia de uma forma muito escura [I: Hum hum].. Achei curioso, achei curioso essa parte” (Mãe 1)

Apesar das dificuldades mencionadas, as mães referem também aspetos que foram *facilitadores da adaptação*: (1) Características próprias da criança, como serem simpáticas, meigas e amáveis; a idade das crianças, sugerindo que por serem mais novas tiveram mais facilidade na adaptação; (2) a idade dos irmãos, que sendo já suficientemente autónomos permitiram que a mãe dedicasse o tempo necessário à criança adotada, de acordo com as suas necessidades; (3) implementar rotinas semelhantes às da instituição; (4) passar tempo com a criança durante a licença de maternidade e (5) dar-lhe afeto, também foi referido como um aspeto que facilitou a adaptação família-criança.

De um modo geral, todas as mães referiram estas dificuldades de adaptação como algo temporário, que após determinado período de tempo foi solucionado ou melhorou o seu rumo. No entanto, uma mãe (Mãe 5) refere que as dificuldades de adaptação da criança se têm vindo a perpetuar no tempo, continuando a vivenciar experiências difíceis na relação com a criança.

2. *Relação Pais-Criança* (c.f. Anexo II – Quadro 2)

A categoria *Relação Pais-Criança* é a mais abrangente e relevante categoria em estudo. Trata-se da categoria central em análise e, portanto, é a que se encontra mais desenvolvida, compreendendo um vasto número de subcategorias, que abrange uma grande diversidade de informação. Tais informações encontravam-se dispersas nas entrevistas, sendo que algumas surgem como resposta a questões colocadas pela investigadora e outros conteúdos como discurso espontâneo das mães.

Nesta categoria foram identificadas seis grandes subcategorias, a partir das quais foram especificados outros níveis de análise, que serão abordados seguidamente.

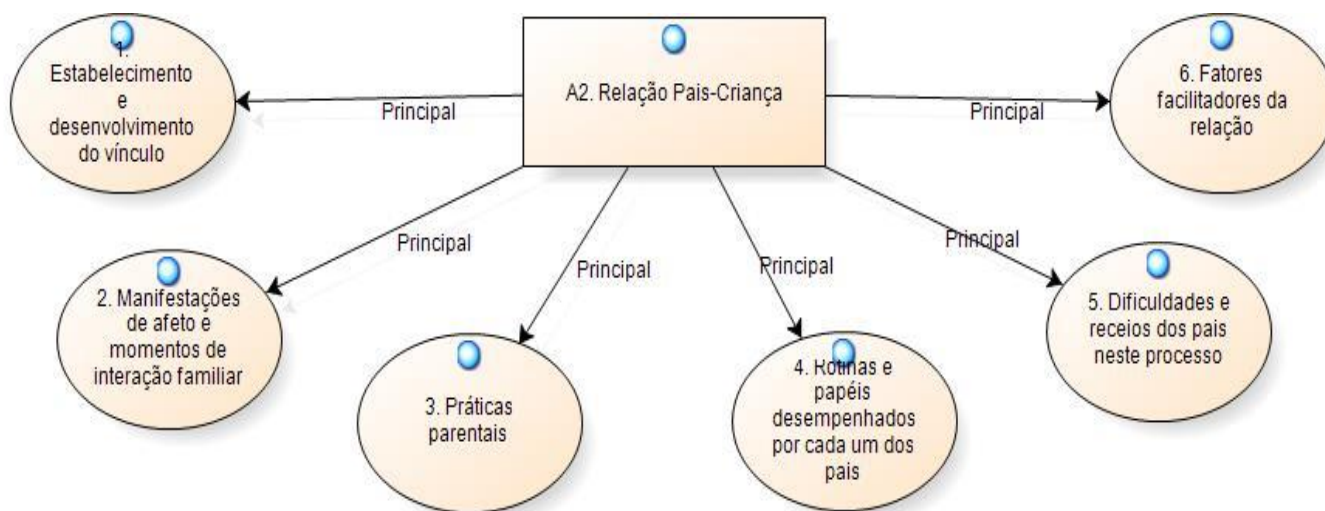


Figura 3 - Subcategorias principais da categoria 'Relação Pais-Criança'

Um fator preponderante na relação estabelecida entre os pais e a criança é o *estabelecimento e desenvolvimento do vínculo*. Neste sentido, as mães referem que em alguns momentos *a criança manifesta preferência por um adulto*. Para além de referirem a *preferência pela mãe* e a *preferência pelo pai*, que, na sua perspetiva surge frequentemente associada à ausência de figuras masculinas no período de vida na instituição, as mães apontam ainda a *preferência por outro adulto significativo*, nomeadamente outros familiares que mantêm uma relação de proximidade com a criança.

Para além do estabelecimento e desenvolvimento, importa perceber a *perceção do vínculo afetivo*, de acordo com as mães. Assim, existem referências que apontam que a *criança reconhece os pais como seus* (34 ref.), já que chamam por eles em caso de necessidade, quer em situações difíceis, quer apenas para pedir o seu afeto e atenção. O mesmo sentimento, mas por parte da mãe também acontece, verificando-se referências da categoria *mãe reconhece a criança como sua* (37 ref.), nas quais as mães dizem que a criança “é como se fosse sua filha biológica”, identificando inclusivamente parecenças físicas e acrescentando que nada poderia substituir aquela criança. Em momentos de grande necessidade para a criança este reconhecimento da ligação mãe-filha também aparece identificada. Num único caso (Mãe 5), existem referências no sentido do *não reconhecimento do vínculo*, por uma mãe que se sente rejeitada pela criança, refere dificuldades no estabelecimento do vínculo afetivo e mostra preferência pelos seus filhos biológicos, dizendo inclusivamente que não sente a criança adotada como sua filha.

O modo como crianças e pais *reagem às separações* encontra-se relacionado com o estabelecimento do vínculo afetivo. As mães reportam diferentes *reações das crianças* perante situações que envolvem a separação dos seus pais adotivos. Algumas mães (7 mães) referem que a criança *aceita a separação*. Existem também mães que referem que as crianças *aceitam a separação mas com algumas restrições*, isto é, apenas em algumas situações e quando estão garantidas determinadas condições. Há ainda referência a crianças que *não aceitam a separação* dos seus pais.

As mães cujas crianças aceitam com facilidade separar-se dos seus pais adotivos referem que estas não se importam e reagem positivamente à sua ausência. Outras referências apontam que as crianças se conseguem separar dos pais em determinadas situações, em função do local e pessoas com quem ficam, bem como o tempo que demorar tal separação. Precisam também de antecipar o regresso dos pais e que a separação esteja confinada a um curto período de tempo. As maiores dificuldades de aceitar a separação por parte das crianças aparecem muito associada à ida para a escola, momento que desencadeia fortes reações de choro que muito dificultam a separação. É de realçar que as referências codificadas revelam que algumas das crianças começaram por não aceitar a separação mas entretanto já reagem melhor a situações idênticas. Essas mesmas mães referem ainda que, em determinadas situações, as crianças aceitam bem a separação dos seus pais adotivos mas noutras ainda não há uma aceitação completamente positiva.

Por sua vez, a reação dos pais face à separação das crianças passa pela *aceitação*, mesmo que por vezes refiram que lhes custe passar por essa situação, a *preocupação*, não confiando se a criança fica bem na sua ausência, o *evitamento da separação* e ainda a *não-aceitação e tristeza*. Nesta última categoria, nas quais as mães referem ficarem mal na ausência das crianças, mais uma vez existe uma forte referência às primeiras idas para a escola, nas quais perante a reação negativa das crianças, também as mães reagem mal.

Associado ao estabelecimento de vínculo afetivo, surge-nos a capacidade das mães para fazerem a *leitura dos comportamentos e emoções da criança*, já que uma vez estabelecida uma relação de proximidade entre pais e filhos, torna-se possível conhecer e antecipar os comportamentos das crianças, em função dos seus estados emocionais.

Ao nível da *leitura dos seus estados emocionais* (11 mães), as referências apontam principalmente o reconhecimento das variações de humor da criança. Já no que diz respeito às *necessidades básicas da criança* (8 mães), as mães referem identificar quando estas têm fome, sono ou estão doentes. Mencionam ainda conseguir ler as *necessidades de afeto e atenção por parte da criança* (3 mães), como no caso destas exigirem a disponibilidade da

mãe para brincar ou nos momentos em que fazem chamadas de atenção. Num dos casos, existe referência a chamadas de atenção por parte da criança em que esta se magoa intencionalmente para que a mãe seja obrigada a direcionar-lhe toda a atenção:

“Ou tava na sanita sentada e eu a fazer a cama e ela a dizer sempre 'já está, já está!', e eu disse: 'espera, vou já também, vou já e espera aí', mas depois eu vi-a a bater-se a ela própria na perna e depois ferra-se” (Mãe 5).

Por fim, quanto às referências do *reconhecimento das características da criança* (3 mães), estas compreendem essencialmente os seus gostos, preferências e medos.

A subcategoria seguinte diz respeito à *reação da mãe a sentimentos e comportamentos negativos da criança*. A reação com maior ênfase em termos de número de fontes e de referências foi a *desvalorização da situação* (5 mães, com 6 ref.). Outras reações referidas foram a *tristeza* (5 mães), a *irritação* (4 mães), *apreender com a situação* (2 mães), o *desespero* (1 mãe), a *preocupação* (1 mãe), a *agressão física à criança* (1 mãe). Este último caso diz respeito à mãe 5, referindo:

“Eu, ih Jesus, cheguei a casa e preguei-lhe duas palmadas no rabo, porque.../ só para aliviar a minha dor. Aquilo é demais!” (Mãe 5).

Relativamente à *comparação da criança a filhos biológicos*, a grande maioria das mães considera *equiparável*, tanto no caso de terem filhos biológicos, como quando apenas têm a criança adotada e referem-se a esta como se fosse filho biológico. Existem algumas referências que apontam para a *distinção entre filhos biológicos e adotivos*, provenientes apenas de duas fontes. Uma delas (Mãe 5) refere mesmo que o sentimento é distinto do que nutre pelos filhos biológicos. Outra mãe (Mãe 10), faz a distinção mais ao nível do tempo de preparação que teve durante a gestação e que não ocorreu no caso da criança adotada.

Quando nos reportamos ao *impacto emocional do estabelecimento do vínculo*, verificamos que a maior parte das referências das mães apontam para uma *ligação emocional imediata e inexistência de rejeições de recuos na relação por parte da criança* (33 mães, com 80 ref.), que reflete uma empatia inicial mútua entre a criança e a família, traduzindo-se por uma relação sempre positiva. Porém, existem ainda referências relativas à *inexistência de ligação emocional imediata e relação construída ao longo do tempo* (8 mães, com 15 ref.), relativas a relações que se foram construindo e intensificando progressivamente. Algumas referências das mães fazem alusão a *rejeição por parte da criança* (8 mães, com 20 ref.). A maior parte destas referências provêm da mesma fonte (Mãe 5, com 13 ref.), e dizem respeito a situações em que a mãe se sentiu efetivamente rejeitada pela criança. No entanto, esta categoria compreende ainda situações em que as mães sentem alguma

preferência da criança pelo pai, quando as crianças são repreendidas e ficam sentidas, evitando as mães, e ainda situações em que a criança tem facilidade em separar-se dos pais e ir com outras pessoas.

Para compreendermos de que forma foi estabelecido o vínculo afetivo, devemos ainda atender ao *percurso da relação pais-criança*, categoria que conta com referências que identificam *evolução global na relação* (26 mães, com 45 ref.), bem como outras que se reportam ao *agravamento da relação*. Esta última situação foi apenas referida por uma mãe (Mãe 5), face a 26 mães que identificaram evoluções na relação, reportando-se a um sentimento de amor crescente, que torna a ligação progressivamente mais forte e aproxima pais e filhos.

Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo		Exemplos
Criança manifesta preferência por um adulto	Preferência pela mãe	Mãe 23: “Ela depois agarrou-se muito a mim, eu era a única pessoa praticamente que lhe podia tocar, mesmo para tudo, para tudo! Para vestir, para dar banho, para dar colo, para tudo! Ela não deixava ninguém aproximar-se. Nem pai”.
	Preferência pelo pai	Mãe 26: “É engraçado, porque ele olhou para o meu marido de uma forma diferente do que olhou pra mim. Logo no primeiro dia que me viu [I:hum, hum], Sim, gostou muito mais da interação, com ele foi muito maior do que comigo”.
	Preferência por outro adulto significativo	Mãe 35: “Ela era mais vinculada à minha cunhada. [I:Hum hum]. É que a minha cunhada é mais meiga, é mais permissiva, é/ tem uma voz mais ternurenta. Enquanto eu tratava dela, não sei quê, mas lá está, (()) que era ela que estava com ela ao colo. E ela muitas/ e tem (()) só porque sim. (()) E ela tinha preferência por ela do que por mim”.
Perceção do vínculo afetivo	Criança reconhece os pais como seus	Mãe 20: “Por exemplo, eu no início passava e ele ficava a olhar ou chorava, depois houve uma fase em que dizia só adeus, e agora passo, “mamã é minha, mamã!” ((risos)). Pronto só ali há um sentimento de posse, agora”.
	Mãe reconhece a criança como sua	Mãe 3: “E sinto-me mãe, mesmo mãe. Por tudo. Ahmm, porque falo com a Cláudia desde sempre e a Cláudia é minha filha.. Desde o primeiro momento é minha filha”.
	Não reconhecimento do vínculo	Mãe 5: “E depois a miúda parece.. parecia mongoloide. E depois sempre assim a olhar para nós e não dizia nada.. E agora ao longo do tempo vai-se notando que a criança tem um atraso. E..e..e.. tá a ter.. não sei.. Não é... geneticamente não é minha!”.
Reação às separações	Reação da criança	
	- Aceita a separação	Mãe 13: “Foi no fim-de-semana passado foram os dois para casa dos pais da minha afilhada, nossos amigos, eles foram lá a casa. Eles têm duas miúdas. A minha afilhada tem 2 anos e uma outra com 5. Foram lá a casa e quando se iam embora, em tom de brincadeira “então vocês vêm?” e foram mesmo. Entraram os dois no carro, jantaram com eles e só depois é que vieram para casa mas nem queria vir embora”.
	- Aceita a separação com algumas restrições	Mãe 6: “Ela se estiver um bocado/ pode ir e vai com todos mas a mãe e o pai! [I: ((risos)) Quer de vez em quando estar com o pai e com a mãe”.
	- Não aceita a separação	Mãe 14: “É complicado deixá-lo porque ele não gosta. Ele gosta de andar mesmo connosco, não gosta de ficar com ninguém. [I: Ele reage.../] Chora, fica triste...”.

Reação às separações	Reação dos pais	
	- Aceitação da separação	Mãe 13: “Estão naquela fase mesmo de desligar que eu acho ótimo, pessoalmente não me importo nada que eles sejam assim, quero que eles sejam assim, eu era assim em miúda e gosto que eles sejam assim”.
	- Preocupação	Mãe 14: “Triste também. Eu ao vê-lo triste fico triste também, sem dúvida nenhuma, e sempre preocupada, não ando bem”.
	- Evitamento da separação	Mãe 11: “É assim não é, não é uma coisa que seja agradável portanto evitamos ao máximo isso, não é? [I: Exato] Se sabemos pronto se há a necessidade de eles ficarem com alguém diferente se sabemos que ele não conhece esse alguém mesmo que a gente conheça esse alguém não os deixamos... regra geral não”.
	- Não-aceitação da separação e tristeza	Mãe 12: “ É assim, também nunca tive, nem imagino estar muito mais tempo sem ela. Portanto, o tempo do trabalho praticamente e só isso porque também não imagino estar assim dias a fio sem estar com ela”.
Leitura dos comportamentos e emoções da criança	Estados emocionais da criança	Mãe 3: “Às vezes eu digo: 'Hoje estás de mau humor. Hoje acordaste do lado errado.' E ela às vezes vem assim mais aborrecida, mas com o desenrolar do dia, eu sei que ela melhora, mas às vezes é assim.. Principalmente, quando dorme muito à tarde, quando ela acorda assim mais.. 'Já dormiste demais? Agora olha.. mudaste o humor!’”.
	Necessidades básicas da criança	Mãe 1: “E agora também já o conhecemos. Agora sei perfeitamente que quando ele fica mal disposto, há dois motivos [I:Hum hum]. Ou está com fome ou está com sono”.
	Necessidades de afeto e atenção por parte da criança	Mãe 25: “Mas quando está com aquela/ pronto, não sei, vem lá com agitada, durante o dia não sei o quê que se passou, que não brincaram/ ela precisa de tudo só para ela. [I: Só para ela. A atenção muito focada nela.] Ah.. não ela em si mas estar sempre com ela, brincar com ela, de lhe fazer o que ela quer”.
	Reconhecimento das características da criança	Mãe 11: “Ele é muito teatral, bem mais do que eu também pronto é criança, óbvio! Eu consigo perfeitamente perceber quando é que é teatro e quando é ele há-de parar quando pronto... se calhar entendo-o bem...”.
Reação da mãe a sentimentos e comportamentos negativos da criança	Aprender com a situação	Mãe 26: “E eu fico perdida e é isso, é isso que me faz-me tentar me melhorar, percebe? E não reagir logo de forma errada, portanto para próxima vez não o levo ao parque”
	Desespero	Mãe 5: “Geme, tudo sem lágrimas! Já é uma coisa só para mostrar que não quer. Depois.. aquilo esperar até chegar a vez, sempre ali a Catarina a fazer.. a pegar em tudo e eu: 'Catarina, não toques!'... Ai Jesus! Aquilo é para matar-me por dentro”.
	Desvalorização	Mãe 19: “Quando eu chego ela esconde-se e vira-me a cara ao início e eu ignoro. Faço de conta: “Oh T., a mamã chegou! Pronto já estou aqui”. Faço de conta que estou a tratar das minhas coisas e ela daí a um bocadinho está agarrada a mim com saudades da mamã”.
	Irritação	Mãe 26: “Ele prefere o pai [I: hum, hum], mas eu não consigo gerir nada melhor isso porque ainda me irrita mais [I: hum, hum] aí sou mesmo infantil”.
	Preocupação	Mãe 38: “Ah, eu fico preocupada. Pois fico. Fico preocupada, porque é assim: ele não pode ficar com ninguém, não é? A minha mãe muitas vezes quer ficar com ele. Eu assim: 'Não pode ser, porque já sabes que...' Se é difícil para nós, para uma pessoa de 70 anos... [I: Mais complicado] Pior, não é? Eu lembro-me que fiquei preocupadíssima a primeira vez que ele me saiu da cama e do parque, que eu até chorei na altura. Eu assim: 'Como é que vai ser?’”.
	Tristeza	Mãe 11: “Nuno vai mais para o pai e eu caramba ((risos)) fico assim mais, mas pronto passa ((risos)) [I: Mas pronto sente isso com alguma tristeza?] É”.
Comparação da criança a filhos biológicos	Agressão física à criança	Mãe 5: “Eu, ih Jesus, cheguei a casa e preguei-lhe duas palmadas no rabo, porque.. só para aliviar a minha dor. Aquilo é demais!”.
	Distinção entre filhos biológicos e adotivos	Mãe 5: “Eu quando estou com ela é como quem está com um estranho.. Com um estranho que.. não sei, que se tem aqueles sentimentos de tentar proteger e isso.. A pessoa... Mas quando é com os outros dois, eu acho que, quando eles estão doentes, eu fico tão... eu durmo sempre com eles, dou ali aquela superproteção. O que eu tenho com eles e com ela...”.
	Equiparação entre filhos biológicos e adotivos	Mãe 6: “Eu nunca olho para a Mariana e sinto que foi uma criança adotada. [I: Hum hum] Sinto que ela que saiu de dentro de mim [I: Hum hum]. Nunca me lembro “ fui buscar esta criança, aquele dia”, nunca me passou isso pela cabeça”.

Impacto emocional do estabelecimento do vínculo	Ligação emocional imediata e inexistência de rejeições de recuos na relação por parte da criança	Mãe 14: “Sim, acho que nunca assim... houve sempre muita ligação entre nós, entre o casal e ele. Mesmo, mesmo muito! Desde o primeiro dia. A maneira como ele, até o pessoal da diocese “nem parece que ele está em casa há dois dias ou três”, ficavam admirados mesmo. Ele nunca me largava para nada e acho que continua assim”.
	Inexistência de ligação emocional imediata e relação construída ao longo do tempo	Mãe 29: “ M: Eu acho que foi em crescendo/ [I: E não há assim nenhum crescendo específico ?] Eu, eu não consigo, não consigo identificar momento específico, acho que foi mesmo gradual, foi crescendo, fomos, fomo-nos conhecendo, não é? [I: Exatamente] E..e confiando uma na outra e ganhando esta relação, acho que foi mesmo”.
	Rejeição por parte da criança	Mãe 5: “Eu sinto-me rejeitada quando estou no supermercado e ela trata a outra por mãe.. isso sim. Ou, foi aquele primeiro ano que fomos para praia e nós estávamos debaixo lá daquele guarda sol.. (...) E nós estávamos lá sentados, já não sei, a comer qualquer coisa, e ela foi para tenda ao lado para comer, já não nos queria a nós...”.
Percurso da relação	Identificação de evolução global na relação	Mãe 8: “Mas depois percebi que ia ser tudo/ tinha que ser tudo muito natural e que as coisas iam acontecendo naturalmente. E a verdade é que uma pessoa/ acho que o amor é tão instintivo, é tão natural, que não consigo explicar, é mesmo sentir. Mas a verdade, também posso dizer, é que o meu amor pelo Miguel neste momento é muito maior que na primeira semana, nas duas primei/ no primeiro mês, eu/ Acho que uma pessoa começa naturalmente a ama-lo, mas claro que agora, agora uma pessoa não consegue pensar em ficar sem ele, não é?”.
	Identificação de agravamento na relação	Mãe 5: “Eu acho que agravou... está a agravar ao longo do tempo, porque ela está a ficar maior, está a dizer mais coisas e está a ficar uma relação mais complicada”.

Tabela 1 – Subcategoria ‘Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo’

Para melhor compreender a relação pais-crianças, atendemos nas referências das mães quanto a *manifestações de afeto e momentos de interação familiar*. Relativamente às *manifestações de afeto* reportadas pelas mães, destaca-se a *proteção e afeto dos pais em relação à criança*, que se manifesta através de expressões afetivas e do empenho do casal para que a criança se sinta o melhor possível. De seguida, destacam-se o *reconhecimento por parte da mãe das manifestações de afeto da criança para com os seus pais*, quer seja dizendo abertamente que gostam muito deles e atribuindo-lhe nomes carinhosos, como pelo facto de só quererem estar com os pais e virem a correr para eles com grande satisfação e alegria após uma separação. Nesta subcategoria existem ainda referências relativas a *manifestações de necessidade de receber afeto e atenção por parte da criança*, que englobam aspetos como a necessidade que as crianças sentem para que se confirme o sentimento que as mães têm por elas, perguntando mesmo se as mães gostam de si, a procura de proximidade física para adormecer e o facto de terem determinados comportamentos para prenderem a atenção materna.

Relativamente aos *momentos de interação familiar*, destacam-se os *momentos de interação lúdica e afetiva*, que compreendem referências às brincadeiras e passeios em família, mas também a momentos em que se expressa o carinho pela criança, transmitindo-lhe aconchego e afeto, como quando as mães cantam para adormecer a criança. Por sua vez,

as referências aos *momentos centrados nos cuidados prestados à criança* englobam aspetos como o casal ir em conjunto a consultas da criança, partilharem refeições e prestar cuidados de saúde à criança.

Manifestações de afeto e momentos de interação familiar		Exemplos
Manifestações de afeto	Criança manifesta necessidade de receber afeto e atenção	Mãe 21: “Eu acho que ela às vezes também faz muita asneira [I: Hum hum] porque.. porque, ou seja, para chamar a atenção, não é? [I: Hum hum]. Se uma pessoa não lhe estiver a dar muita atenção, se eu chegar a casa e porque tenho montes de coisas para fazer ainda, e se começo logo a andar de um lado para o outro e não lhe dou a devida atenção, ela parte para a/ conforme eu costumo dizer, está a partir para a asneira [I: Hum hum, hum hum]. Acho que é para chamar a atenção”.
	Proteção e afeto dos pais em relação à criança	Mãe 8: “E pronto, e viver/ e não ter medo de dizer “eu amo-te muito, és muito importante para mim.” [I: Ser expressiva também no sentimento que nutre por ele]. Dizer “tu és um filho super querido para o papá e para a mamã, tu és um filho muito desejado para o papá e para a mamã, és um filho maravilhoso para o papá e para a mamã” ((risos)). E pronto, dizemos isso muitas vezes”.
	Mãe reconhece manifestações de afeto da criança para com os seus pais	Mãe 16: “Temos uma ligação muito grande na mesma, que ela diz que eu sou o amor. Ela vem a correr e diz que sou o amor dela, a namorada”.
Momentos de interação familiar	Momentos de interação lúdica e afetiva	Mãe 4: “ Às vezes até de... parece de amiguinhos, que eu sento-me muito a brincar com ele e não sei quê... e com o mano”.
	Momentos centrados nos cuidados prestados à criança	Mãe 24: “Não sei se também os outros casais é assim, ah, o pai está sempre presente, acompanha-nos sempre às consultas sempre do Miguel, o pai está sempre presente, eu ainda nunca fui a nenhuma consulta ao pediatra com Miguel sozinha, vamos sempre os três. Sempre, e conversamos e falamos”.

Tabela 2 – Subcategoria ‘Manifestações de afeto e momentos de interação familiar’

As práticas parentais implementadas e que pautam a relação pais-criança têm também um papel de destaque nas entrevistas analisadas. De acordo com as referências das mães, podemos distinguir as *estratégias implementadas pelos pais*, que se referem a práticas às quais os pais recorrem para com os seus filhos e as *atitudes na parentalidade*, isto é, as estratégias e recursos que os pais adotam para eles próprios para lidarem na relação com as crianças.

As estratégias implementadas pelos pais mais referidas pelas mães foram a *punição*, o *conversar com a criança* e o *ignorar ativo*, exemplificadas de seguida, respetivamente:

“ (...) há outras vezes que eu chego lá puxo por uma orelha e digo: "conto até três se tiveres a berrar mando-te não sei para onde! ou ponho-te sozinho!"”. (Mãe 11)

“Se eu a chamo à razão, digo assim: “Oh T., a mamã fala assim para ti?”, se eu tento fazer com que ela diga o que é que eu estou a fazer ou ela perceber o que está a fazer, ela volta a ficar outra vez meiga e como se nada tivesse acontecido “mamã, só estava a brincar””. (Mãe 19)

“Outras vezes eu fazia de conta que nem lhe ligava, não via, quer dizer via não é? E a gente olhava assim mas não ligava muito também para não lhe/ para ele ver também que o que fazia não quer dizer que tivesse a mostrar, a chamar a atenção”. (Mãe 37)

Também ao nível das estratégias para o estabelecimento de limites, todas as categorias se destacaram nas referências das mães, sendo elas a *definição de regras, definir e manter a sua opinião (dizer “não”)* e *ser figura de autoridade*.

Outras estratégias referidas pelas mães foram as seguintes: *corrigir a criança, usar estratégias de negociação e dar possibilidades de escolha, discutir os comportamentos da criança na sua presença, manter a consistência nas práticas parentais, permitir a exploração mas com vigilância, o reforço, transmissão de valores, distrair a criança, a estimulação, impedir que a criança fuja de perto dos pais, induzir um comportamento na criança, minimizar o impacto da separação física à criança e a modelagem*.

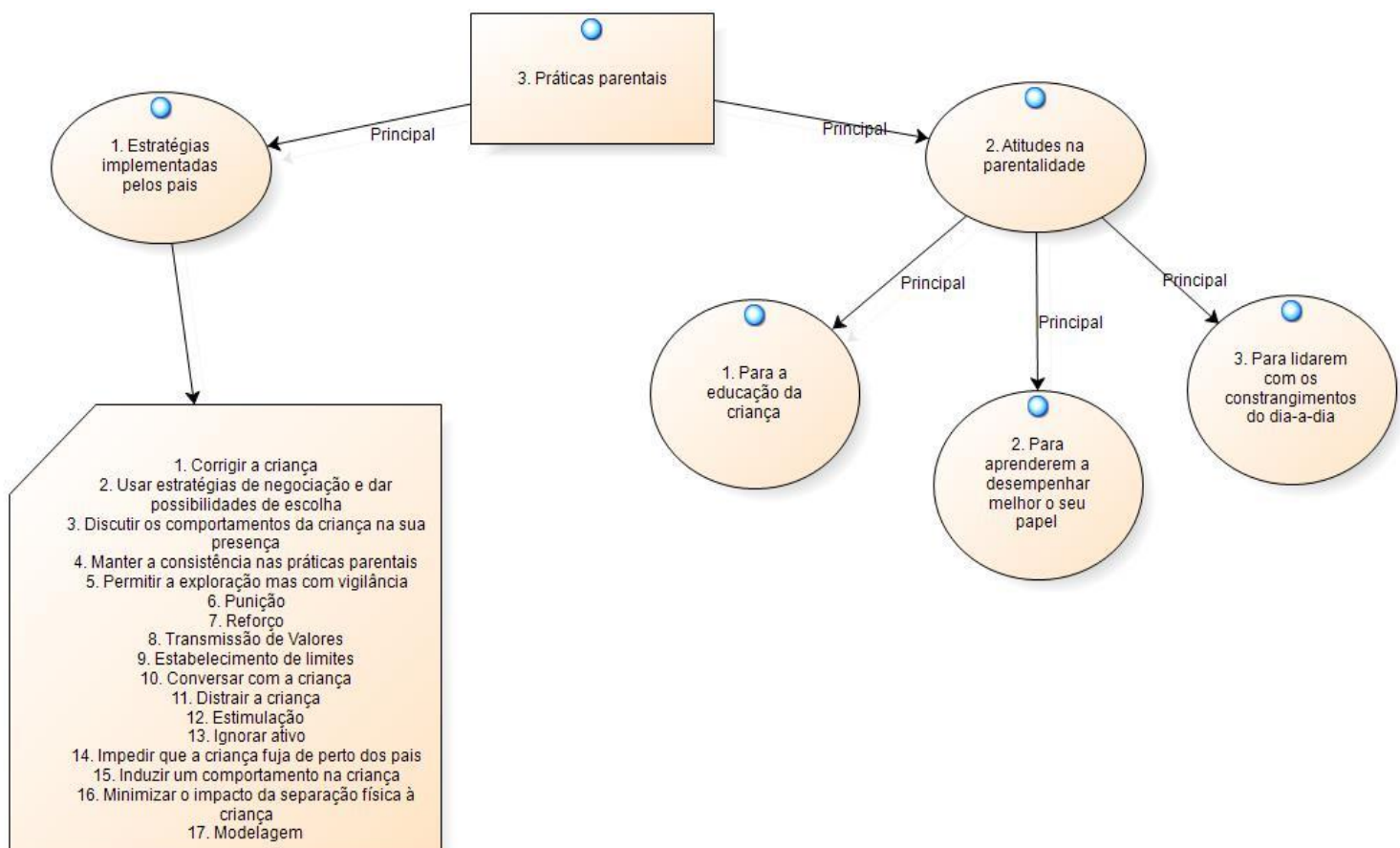


Figura 4 - Subcategoria 'Práticas Parentais'

Em relação às referências de atitudes adotadas pelos pais, estas são *para a educação da criança, para aprenderem a desempenhar melhor o seu papel* e ainda *para lidarem com os constrangimentos do dia-a-dia*. Para a educação da criança, destaca-se a atitude de *sobre proteção para com a criança*, seguindo-se as referências que revelam a importância de *negociar e ser flexível* e, por último, de *não ceder* perante a criança.

Existem referências das mães a atitudes que têm para *melhorarem o seu desempenho do papel parental*, tais como procurar informação, quer junto de outras pessoas com mais experiência, quer através da leitura de conteúdos relativos ao tema. É ainda fundamental referir as principais referências das mães quanto a atitudes que lhes permitem *lidar com os constrangimentos do dia-a-dia*, das quais se destaca uma *atitude calma, otimista e desvalorização das situações*, seguindo-se da *persistência e paciência*. Fazem também alusão à importância da *comunicação na família* e da *divisão de tarefas no casal*. Como forma de *justificar e aceitar as dificuldades* que vivenciam, as mães fazem diversas *atribuições*, que passam pela *adoção*, pela própria *criança* e também pelo *período de vida na instituição*. As atribuições mais vezes referidas são as relativas à adoção (15 mães, com 24 ref.), nas quais as mães referem crenças a respeito da idade de adoção e sua influência no sucesso do processo, ao modo como a criança se comporta na família, à forma como lidam com a comunicação sobre a adoção com a criança, à importância que atribuem à licença de maternidade e subsídios, ao passado da criança, às motivações para a adoção e ao próprio processo de adoção. Seguem-se as atribuições relacionadas com a criança (13 mães, com 23 ref.), que incidem muito nas características e comportamentos das crianças e no modo como as mães os interpretam. Surgem referências que apontam que a criança testa os limites da mãe ou que não gosta de estar em casa. Também surgem referências relativas à crença de que o modo como as crianças interagem com os pais se repercute e influencia as próprias crianças. Estas atribuições relativas às crianças compreendem ainda a leitura que as mães fazem perante os receios das crianças, sendo de destacar o caso das mães que transmitem a crença de que as crianças temem um novo abandono:

“Ela com o tempo perguntava-me se eu ia trabalhar: “mamã, vais trabalhar amanhã?”. E eu comecei a perceber que ela se calhar tinha medo que eu não voltasse do trabalho. (...) Eu acho que ela tem medo que eu não volte. É essa a ideia que eu tenho. Por muito que lhe diga que não, por muito que lhe prove que não, é essa a ideia que ela tem. Ela tem medo que eu não volte ou que a abandone”. (Mãe 19).

Por último, existem algumas atribuições das mães relativas ao passado da criança, nomeadamente relativas ao *período de vida na instituição* (10 mães, com 14 ref.), nas quais as mães expressam a sua idealização acerca do que terá sido o passado da criança. As referências das mães apontam para o se ter tratado de uma *experiência difícil* para a criança, na qual houve *falta de figuras*

masculinas e, naturalmente, *múltiplos cuidadores*. Fazem referência a *hábitos da instituição* e apontam ainda que as crianças terão vivenciado *privação afetiva* e de *experiências*.

Atitudes na parentalidade	Exemplos	
Para a educação da criança	Ser sobreprotetor com a criança	Mãe 4: “Porque eu tenho alguma dificuldade em confiar nas pessoas em relação aos bebês, porque como eles não conseguem transmitir aquilo que se passa... Agora o João já começa a transmitir. É capaz de dizer o que é que comeu e bate certo. (risos) Já começo a ficar mais aliviada, mas até eles terem esse entendimento e poderem transmitir.. Mas aquilo para mim faz-me alguma confusão. E foi essa.. Acho que foi a maior dificuldade que eu tive.. Foi ser capaz de ir trabalhar e de fazer a minha vida sem ele, e hmm, ter serenidade para dizer assim: 'Não, ele tá bem e está a ser..’”.
	Não ceder	Mãe 15: “Tentamos não ceder, tentamos arranjar um ponto de encontro que fosse ali uma estratégia que fosse, minimizasse a situação mas ela, que nunca percebesse que eu cedia ou o pai, porque senão, se ela perceber que nós cedemos, no dia a seguir estamos feitos”.
	Negociar e ser flexível	Mãe 9: “Há uma característica que eu também tenho. Eu também sou do contra! [I: Hum hum.] E por isso é que eu quando comecei a ver esta questão/ ‘Ok, tu também és do contra, o teu filho é do contra, isto não vai dar resultado. Tu tens que ceder, tu és adulta, portanto atina’”.
Para aprenderem a desempenhar melhor o seu papel		Mãe 30: “ Eu também tentava acompanhar isso tentava perceber tentava ler, questionava conhecidos que tivessem crianças mais velhinhas”.
Para lidarem com os constrangimentos do dia-a-dia	Atitude calma, otimista e desvalorização das situações	Mãe 2: “Tranquilos e calmos e levamos as coisas../ fazemos muito descontraídos, não é.. E correu tudo bem”.
	Comunicação na família	Mãe 27: “E depois muita paciência, falando muito.. com o João, também.. [I: Hum hum] Para/ Temos conseguido [gerir?] Gerir”.
	Divisão de tarefas no casal	Mãe 7: “Tentamos dividir as tarefas, como é óbvio, passa por aí”.
	Persistência e paciência	Mãe 2: “É logo! Está cansada? Esquece. Dói a cabeça? Toma-se um comprimido!”.
Para justificar e aceitar as dificuldades	Atribuições relativas à adoção	Mãe 15: “Não! É assim, é assim, eu acho que no início ela provavelmente devia pensar que eu era uma pessoa que tratava dela ou qualquer coisa assim, hmm, não, se calhar, não sei”.
	Atribuições relativas à criança	Mãe 30: “Lá está a mais problemática foi de facto na pré-escola não é?! Ai eu senti, senti que ele poderia estar a pensar que estava a ser abandonado. .. Hum não sei, ele tinha três anos acabados de fazer quando foi para a pré .. e estava connosco desde os vinte e um meses portanto estava connosco há pouco mais de um ano. E eu não sabia até que ponto é que ele tinha noção dessa dessa situação de ter deixado o que deixou e vir para nós. E eu não sabia se ele estaria a viver uma segunda separação ou não. Não era separação mas na cabecinha dele ele podia achar que era. Ainda por cima porque ele vinha de uma instituição onde havia muitas crianças, e a pré-escola na cabecinha dele podia ser muito idêntica podia ser outra instituição não é?! Portanto eu não sei se isso lhe passou pela cabeça”.
	Atribuições relativas ao período de vida na instituição	Mãe 32: “Quando nós vínhamos embora, ela ficava a chorar. Queria vir com nós. Acho que nasceu logo ali uma.. não sei.. Prontos, é normal numa instituição não há muito colo, não há muito mimo, não é?! Não pode”.

Tabela 3 – Subcategoria ‘Práticas parentais’ – Atitudes na parentalidade

A relação pais-criança compreende as *rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais*. Assim, nesta categoria, as referências das mães apontam que as *tarefas a cargo da mãe* passam essencialmente pelos *cuidados básicos de alimentação, higiene e segurança*, sendo ainda responsável por outros aspetos, tais como a *interação afetiva e interação lúdica com a criança*, o *desempenho do papel de encarregado de educação na escola*, *trabalhar competências desenvolvimentais com a criança* e ainda providenciar o *transporte da criança para a escola*. À semelhança do que se verificou nas tarefas ao cargo da mãe, também nas *tarefas a cargo do pai* o maior número de referências é apontado na subcategoria *cuidados básicos de alimentação, higiene e segurança*, seguindo-se a *interação lúdica*. Outras tarefas referidas foram *colocar a criança a dormir*, *desempenhar a figura de autoridade*, *assegurar o papel de encarregado de educação* e o *transporte da criança para a escola*.

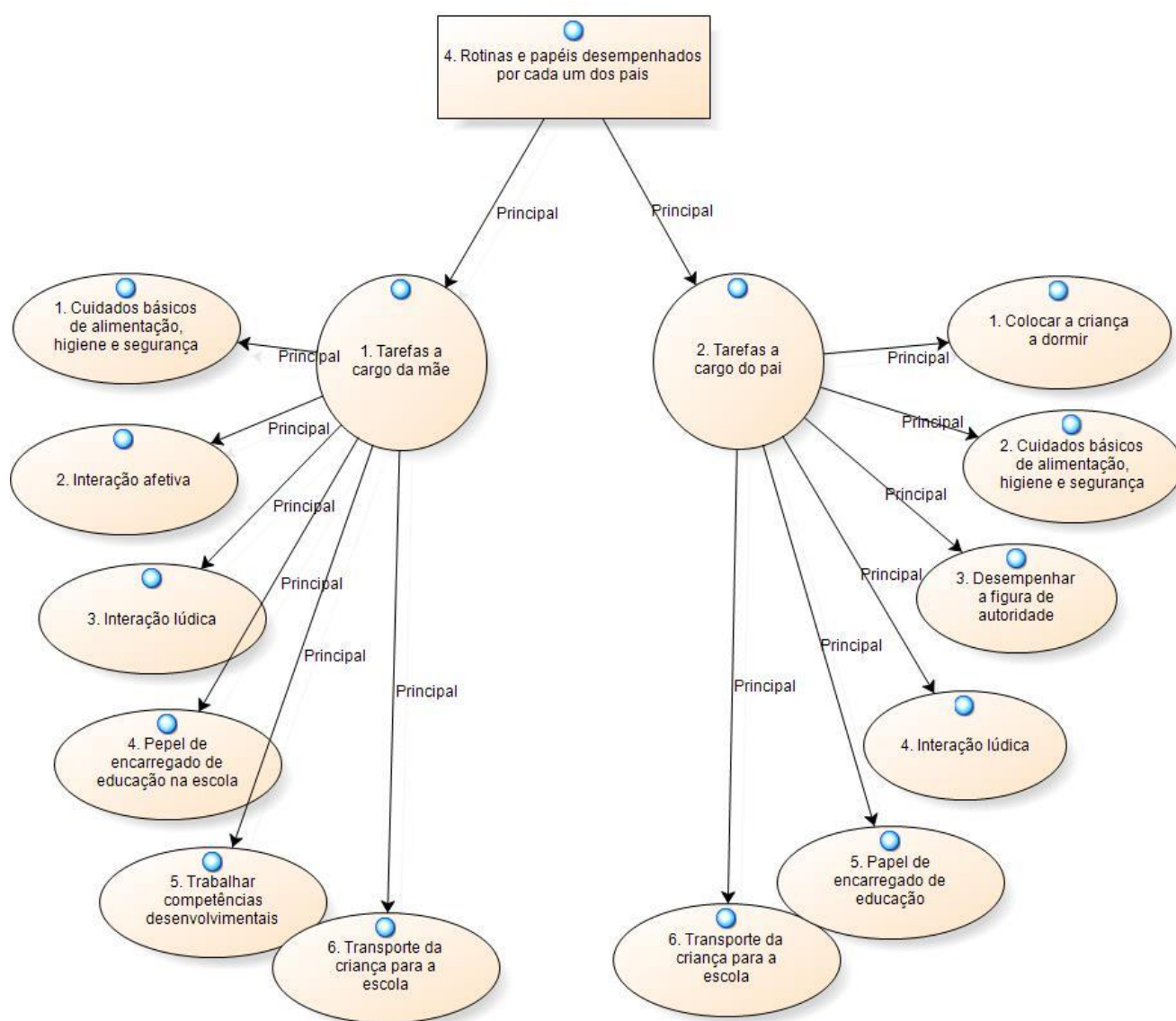


Figura 5 - Subcategoria ' Rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais

Um aspeto preponderante e muito influente na relação pais-criança são as *dificuldades e receios dos pais neste processo*. Atendendo nas referências das mães quanto às *dificuldades*, ficou claro que algumas estavam mais *relacionadas com as crianças* e outras, pelo contrário, *com os pais*. De entre as dificuldades relacionadas com as crianças mais referidas destacam-se então as relacionadas com *comportamentos críticos da criança*, sendo mais referidas as *birras e comportamentos de oposição*, seguindo-se os *comportamentos agressivos* e os *momentos em que a criança recusa separar-se dos pais*.

Também foram muito referidas pelas mães dificuldades relativas às *caraterísticas de temperamento da criança*, essencialmente devido à sua teimosia ou àquilo que as mães descrevem como sendo um “*feitio difícil*”, bem como *dificuldades a nível do desenvolvimento*, na aquisição de determinadas competências desenvolvimentais, como por exemplo ao nível da fala e de deixar de usar fralda. Outras dificuldades relacionadas com a criança referidas pelas mães são relativas à sua *saúde, alimentação* e a aspetos relacionados com o sono.

Por sua vez, as dificuldades mais referidas relacionadas com os pais foram o *desgaste físico e psicológico* e a *gestão do dia-a-dia (questões logísticas)*. As dificuldades relativas à *educação da criança*, mais propriamente no que concerne à *definição de limites e regras* também foi muito referida pelas mães, que quanto à educação das crianças mencionaram ainda dificuldades nas *escolhas relativas à escola da criança* e associadas à *falta de consistência nas práticas educativas*.

Foram referidas outras dificuldades relativas aos pais, tais como a *falta de atenção e disponibilidade para a criança*, a *falta de apoio conjugal*, a *falta de experiência e de preparação psicológica prévia*, a *falta de recursos económicos*, a *falta de tempo para si*, a *dificuldade na gestão de emoções e sentimentos* e as *dificuldades sentidas nos cuidados prestados à criança*.

Para além das dificuldades, as mães fizeram ainda referência a alguns receios que experimentaram. O que mais vezes foi referido foi o receio de *não ser capaz de desempenhar o papel de mãe*, seguido pelo receio de ser *rejeitado pela criança* e ainda de *receios associados ao futuro da criança*. Outros receios referidos são relativos às *caraterísticas e comportamentos da criança*, ao *medo de vir a ficar sem a criança* ou de *ser rejeitado* por ela. Num momento inicial, algumas mães referiram ter o receio de *não gostar da criança* e assumem, desde já, terem alguma preocupação relativamente ao momento da *revelação da adoção*.

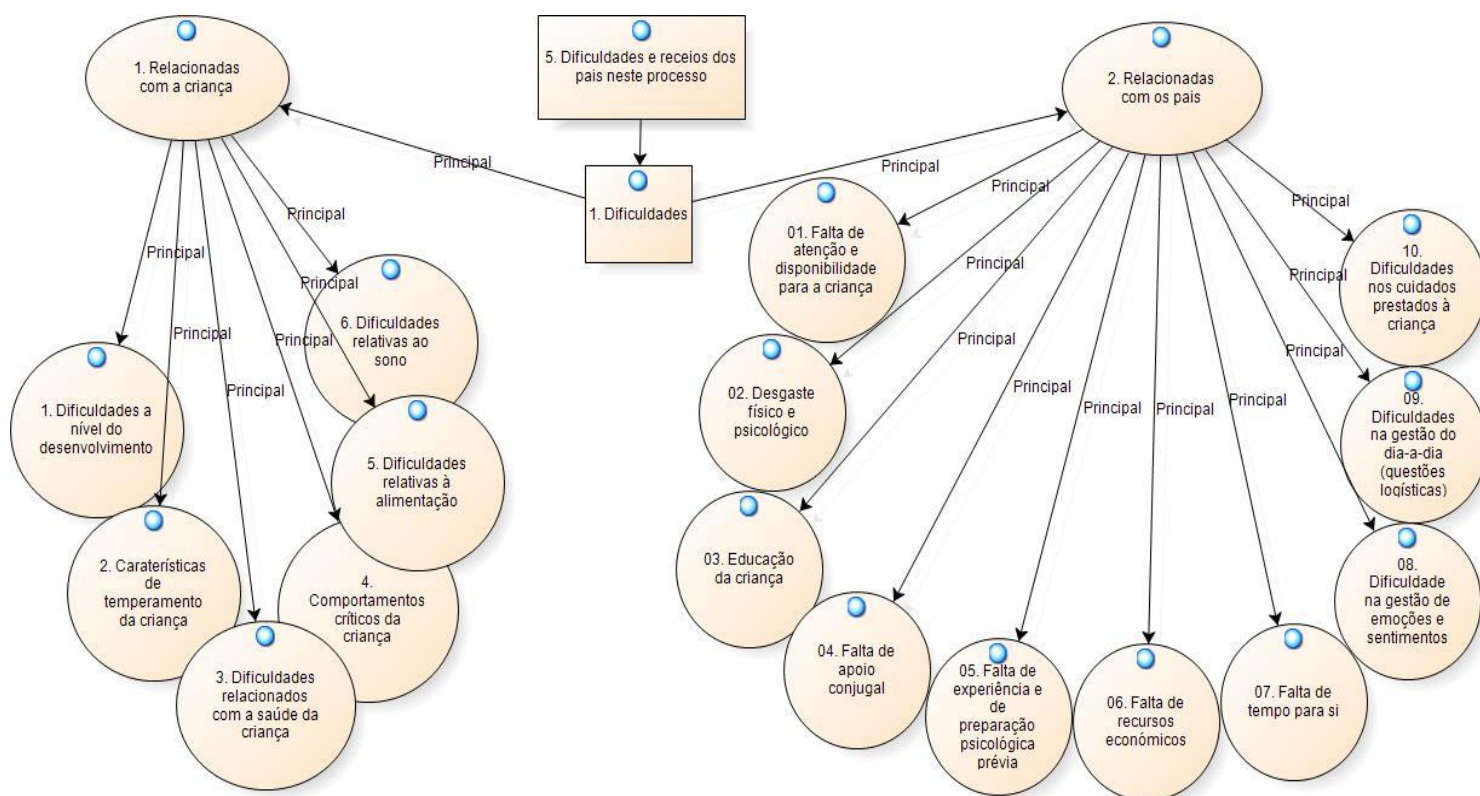


Figura 6 - Subcategoria 'Dificuldades e Receios' - Dificuldades

Para concluir os resultados relativos à relação pais-criança, seguem-se os *fatores* que as mães referiram como sendo *facilitadores dessa mesma relação*. Mais uma vez associam alguns desses *fatores* à *criança*, outros aos *pais*, e outros ainda a *outros aspetos*, tais como os momentos de interação, a colaboração e a atitude dos irmãos perante a chegada da criança, atividades desportivas como o yoga que a criança pratica com a mãe e o próprio fator tempo. Quanto aos facilitadores da relação relacionados com a criança, as suas *caraterísticas* e o seu *temperamento* foram os mais referidos. A *idade de adoção* também foi apontada como facilitadora, sendo que as referências das mães são consensuais ao apontar que o facto da criança ser muito pequena facilitou o processo. As próprias *necessidades que a criança apresentava* também foram referidas como facilitador da relação. Foram referidos pelas mães mais aspetos facilitadores da relação relacionados com os pais. Os mais referidos foram a sua *motivação*, *força de vontade e disponibilidade para receber a criança* e a sua *personalidade*, sendo que as mães destacaram aspetos como serem pacientes, afetuosas, tranquilas, destemidas e comunicativas como alguns dos aspetos que facilitaram a relação com a criança. Outras referências das mães apontam como facilitadores relacionados com os pais as suas *caraterísticas*, a *experiência prévia com crianças*, a *experiência profissional*, o *gosto por crianças*, a sua *idade e experiência de vida* e terem usufruído de *licença de maternidade*, aspeto também ele muito referido.

Fatores facilitadores da relação	Exemplos
Relacionados com as crianças	
- Características da criança	Mãe 16: “E ela sempre até muito fácil de lidar, sabe. Comia bem [I: Hum hum], dormia muito bem, não era aborrecida”.
- Idade de adoção	Mãe 20: “Foi muito fácil porque eles vieram muito .. muito cedo, cinco meses e três semanas, bebês”.
- Necessidades da criança	Mãe 23: “[I: Essa vinculação dela a si logo muito.. rápido?] Sim. [I: E ao olhar para ela? Como é que sentiu esta/] Eu acho que foi.. foi muito rápido também porque/ Por causa de todas as necessidades que ela tinha, não é?”.
- Temperamento	Mãe 15: “Ah, a espontaneidade dela, eu acho que em si é boa disposição, a alegria dela e ao mesmo tempo pra nós, é indefesa não é?”.
Relacionados com os pais	
- Experiência prévia com crianças	Mãe 14: “É assim, para mim não foi muito difícil lidar com ele porque tenho muitos sobrinhos, eu sempre fui habituada a ter crianças connosco, lá em casa”.
- Experiência profissional	Mãe 20: “Há quinze anos que trabalho com crianças dos três aos cinco, mal era, se eu agora sentisse ((risos)) posso sentir depois. Às vezes o adolescente a mim, mete-me um bocadinho de confusão, mas isto ((risos)) [I: Já está muito habituada, não é?]. Já estou como peixe na água, como costume dizer, é”.
- Gosto por crianças	Mãe 6: “Sei lá, Sra. Dra.. Eu como gostei sempre muito de crianças, adorei sempre crianças, eu acho que eu fazia tudo para que ela gostasse de mim”.
- Idade e experiência de vida	Mãe 27: “Foi um processo, e além disso, eu já tinha alguma maturidade, já não tinha propriamente/ O facto de já ter quase 40 anos ajudou/ ((Risos)) a perceber.. já vivi a minha vida, já saí muito, já passei, portanto, porque/ foi de uma insistência tal.. hum..”.
- Licença de maternidade	Mãe 23: “Era só eu com ela em casa, todo o dia de maneira que... o, o, o/ a ligação mãe-filha ficou muito mais forte, muito mais reforçada em relação às outras pessoas, porque eu era a única pessoa que estava com ela o dia todo, não é? [Se ela já tinha esse comportamento, ainda mais/] Ainda mais se reforçou. Porque de facto, toda a gente trabalhava, nos dias normais/ O irmão ia para a escola, o pai ia trabalhar, e o dia inteiro era passado comigo.. de maneira que ainda mais reforçava o.. só mãe (())/ essa, essa dependência. Não deixava mesmo ninguém, ninguém”.
- Motivação, força de vontade e disponibilidade para receber a criança	Mãe 2: “Estávamos no ponto mesmo de ser pais, não é? Estávamos mesmo com aquela vontade muito, muito presente que tínhamos de ter um bebé”.
- Personalidade	Mãe 22: “Eu sou um mel. [((risos))] ((risos)) sou uma (()). Sempre fui assim, mesmo com a minha mãe, com o meu irmão e tudo, portanto, não tinha dúvidas que ia ser com ela [I: Hum hum, Hum hum. E portanto, acha que contribuiu para essa/]. Ah sim, sem dúvida. [I: Hum hum] Sem dúvida. [I: Hum hum] Eu sinto-me uma protetora dela, não é? [I: Hum hum, Hum hum] E eu acho que ela sente isso também, que a protejo bastante [I: Hum hum, Hum hum]. É, não, isso aí não tenho a menor dúvida. [I: E é isso também que contribuiu aqui para uma maior/] Sim [I: Maior cumplicidade, não é?] Também acho que sim, também acho que sim”.
Outros facilitadores da relação	Mãe 8: “O Miguel foi sempre tão recetivo a nós, o fato de, logo de início ele adormecer ao meu colo, o Miguel no início, sei lá, durante o primeiro mês, dois meses, ele adormecia ao meu colo [I: hum hum]. E era sempre comigo. E eu conseguia que ele adormecesse ao meu colo, e ele acalmava e ia relaxando, relaxando, até adormecer. E.. ele estar a tomar o biberãozinho e agarrar assim a mãozinha, não sei olhe [I: sim sim]. Eu acho foi/ que são estes momentos.. [que acha que fortaleceram esta ligação]. Sim, sim, sim. [I: Que formou esta vinculação assim]. Sim, sim”.

Tabela 4 - Subcategoria 'Fatores facilitadores da relação'

3. Evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção (c.f. Anexo II – Quadro 3)

No decorrer dos dois primeiros anos de adoção, as mães conseguiram identificar *evoluções da criança*, em diferentes aspetos. As evoluções que receberam maior destaque e receberam um maior número de referências foram a “*menor dependência dos pais e maior capacidade de exploração*” (9 ref., por 3 mães) e o “*desaparecimento da apatia inicial*” (8 ref., por 6 mães). No primeiro caso, as referências das mães contemplam situações em que as crianças inicialmente procuravam muito o contacto físico com as mães e a proximidade constante, sendo que progressivamente se foram tornando mais independentes. Por sua vez, quando falamos de desaparecimento da apatia inicial, englobamos as referências das mães a comportamentos que as crianças apresentavam num primeiro momento, tais como serem muito sossegadas e inexpressivas e ainda ficarem admiradas com facilidade com tudo o que contemplavam ao seu redor, comportamentos esses que foram desaparecendo progressivamente com o decorrer do tempo de integração da criança na família:

“*Ele em uma semana mudou completamente, ele era um bebé muito triste, muito/não reclamava por nada (...) podíamos abaná-lo que ele não reagia. Passado uma semana, quem o viu dizia, já reclamava, já/? mudou completamente*”. (Mãe 7)

Outras evoluções referidas pelas mães passam pelo *crescimento físico* (4 ref.), *mudanças desenvolvimentais* (5 ref.), *evolução no sono e alimentação* (3 ref.), bem como na *fala e motricidade* (6 ref.). No decorrer dos dois anos as mães conseguiram perceber e fazer referência a um *maior à vontade da criança na relação com os outros* (4 ref.) bem como a *existência de menos comportamentos de oposição* (1 ref.). Existem ainda referências que apontam em sentidos opostos: enquanto algumas mães consideram que a criança ficou *mais calma e sossegada* (3 mães), algo que uma das mães atribuiu “à sua insistência e da educadora, que tem vindo a moldar a criança” (Mãe 31), outras referem o contrário, verificando que a criança está *mais irrequieta* (2 mães).

4. Ambiente familiar (c.f. Anexo II – Quadro 4)

Ao estudar as principais particularidades das famílias adotivas, o ambiente familiar é um aspeto fundamental a investigar, uma vez que é no seio familiar que ocorrem as principais interações e se desenvolvem as relações mais significativas. O ambiente familiar reflete e influencia o modo de organização familiar, pelo que compreender como se caracteriza o ambiente das famílias adotivas poderá ser um importante contributo.

Os resultados nesta categoria permitiram descortinar, o funcionamento da *relação conjugal*, bem como o modo como se caracterizam *outras relações no contexto familiar*. Ao nível da relação conjugal, foi possível perceber de que forma se processa o *apoio do conjugue na relação com a criança*, através da cooperação mútua para a resolução de problemas e da mediação da comunicação da criança, em caso de rutura entre esta e um dos pais:

“Às vezes há ali um/ há rutura mesmo, tipo ficou a berrar e depois tem que vir, se a rutura foi comigo tem que ir o pai tentar remediar, e se a rutura for com o pai tenho que chegar eu para remediar ((risos))”.
(Mãe 30)

O apoio prestado ao conjugue é também no sentido de *facilitar a gestão do dia-a-dia no papel de pai e mãe*. Esse apoio é expresso através da cooperação mútua na divisão de tarefas entre o casal, bem como da comunicação e discussão de situações problemáticas. A *qualidade da relação conjugal* também foi um aspeto mencionado pelas mães, sendo que 3 delas não *identificam alterações* a esse nível após a adoção, tendo-se “*mantido tudo mais ou menos igual*” no casal (Mãe 19). No entanto, outras mães revelam opiniões distintas, identificando alterações a este nível. O número de referências nesta subcategoria é idêntico (6 ref.), revelando que as mães tanto referem *aspetos negativos e agravamento da relação conjugal*, como *identificam aspetos positivos e melhorias na relação conjugal*. Os aspetos negativos e agravamento da relação passam por referências que revelam a identificação de discordância com o conjugue e uma maior sobrecarga de trabalho em comparação ao pai da criança. Por sua vez, os aspetos positivos e melhoria da relação que as mães referem, não se confinam à chegada da criança à família e à alegria daí desencadeada, englobando também referências ao apoio prestado pelo conjugue durante todo o processo. Contemplam também referências das mães que reconhecem o bom desempenho do papel de pai e que manifestam o afeto que nutrem pelo seu conjugue.

Relação conjugal	Exemplos
Apoio do conjugue	
- Ajuda na relação com a criança	Mãe 30: “às vezes há há ali um, há rutura mesmo, tipo ficou a berrar e depois tem que vir, se a rutura foi comigo tem que ir o pai tentar remediar, e se a rutura for com o pai tenho que chegar eu para remediar ((risos))”.
- Gestão do dia-a-dia no papel de pai e mãe	Mãe 3: “Pronto, mas tentamos sempre ultrapassar. E discutimos.. Enquanto casal, discutimos sempre tudo! Os dois juntos..”.
Qualidade da relação conjugal	
- Não identifica alterações na qualidade da relação conjugal	Mãe 19: “Em termos do casal, manteve-se mais ou menos igual. Acho que sim. Nós sempre conversamos muito e acho que o diálogo aí é fundamental, não é?”.

- Aspectos negativos e agravamento da relação conjugal	Mãe 2: “Naquela fase não tanto, acho eu que naquela fase não. Para já estava com licença de maternidade, que me dá aquela tranquilidade para fazer o que fizesse. Eu tinha tempo para tudo. Mas agora é um bocadinho mais complicado.. Porque às vezes o Paulo não está, não é? Ele chega mais cansado e temos muito pouco tempo. E pronto.. é sempre um bocadinho mais para o nosso lado.”.
- Identificação aspectos positivos e de melhorias na relação conjugal	Mãe 2: “Arranjávamos estratégias, quer dizer.. ((...)) Viajar! Por exemplo. Tínhamos que tirar proveitos, não é? Nós sabíamos que o bebé ((...)) vinha e enquanto ele não viesse... ((risos)) vamos aproveitar! e Aproveitamos! (()) Divertimo-nos imenso! 'Ah nem sei como é que vocês não se vão abaixo!' E eu, realmente (()) ' estes problemas, sempre foi assim.. tentar ver as coisas pelo lado positivo' Agora o Henrique apareceu e é, é.. Se já éramos felizes, acho que agora somos mais“.

Tabela 5 – Subcategoria ‘Ambiente Familiar’ - Relação conjugal

Ao nível da *relação que a criança estabelece com a família alargada*, salientam-se as referências das mães que demonstram *manifestações de afeto por parte da família alargada* (9 mães). Estas contemplam essencialmente os avós da criança, bem como os seus tios, alargando-se à restante família em algumas situações e permitem verificar que as famílias nutrem um grande afeto pela criança adotada.

Ainda ao nível da relação da criança no contexto da família alargada, as mães referem o *reconhecimento das pessoas da família*, por parte da criança. Neste sentido, referem que as crianças começaram desde cedo a chamar os familiares pelo correspondente grau de parentesco, chegando mesmo a atribuir nomes carinhosos. Mesmo ao nível comportamental, as mães referem que conseguiam perceber através da “voz, do riso e da forma como interagem” com as pessoas da família que as crianças “interiorizaram (...) que aquela era a sua família, a sua casa, as pessoas que fazem parte delas”, enquanto família (Mãe 20). Apenas uma mãe (Mãe 5) faz referência a *relações problemáticas com a família alargada*, nomeadamente entre a criança e a avó materna, devido essencialmente às características de temperamento da criança e ao modo como ela se comporta. A *relação da criança com amigos e outros significativos* não assumiu particular destaque, sendo que apenas uma mãe (Mãe 31) referiu que acabaram por se estabelecer laços entre a criança e algumas amigas suas, fruto do convívio regular durante a fase de licença de maternidade.

Quando nos reportamos a outras *relações estabelecidas no contexto familiar*, destacam-se as referências das mães à *relação da criança com os irmãos* (15 ref.). Nestas referências, o ciúme aparece frequentemente, assim como situações em que o irmão rejeitou inicialmente a chegada da criança à família, transferindo essa rejeição para a mãe. Existem também referências a pequenos desentendimentos, mas num sentido normativo das relações entre irmãos. As mães referem também que os filhos receberam e integraram perfeitamente os irmãos, adotando uma postura de irmão “carinhoso, meigo, cuidadoso e preocupado”, de tal forma que os pais consideram “incrível a relação que eles têm entre os dois em tão pouco tempo, parece uma relação umbilical” (Mãe 15).

Relações estabelecidas no contexto familiar	Exemplos
Relação da criança com a família alargada	
- Manifestações de afeto por parte da família alargada	Mãe 27: “Mas do lado da minha família toda a gente ficou muito sensibilizada, [I: hum hum] E... foram muito acolhedores. A partir daí, de ela ter chegado, reatamos um tradição familiar, a família inteira, que nós tínhamos há uns anos, que nos juntávamos todos, e saíamos juntos, fazíamos um passeio”.
- Reconhecimento das pessoas da família	Mãe 20: “De resto foi tudo muito pacífico é, quer dizer pronto .. eram muito pequeninos, eu acho que eles sempre entenderam que .. eu nem consigo dizer muito bem .. eu acho que ao fim de, sei lá, três dias de verem uma pessoa, eles já a voz, o próprio reagir da voz, o próprio riso, o próprio sorriso, o próprio/ eles já interagiam e já davam sinais de que a pessoa era conhecida, não notei assim...”.
- Relações problemáticas com a família alargada	Mãe 5: “Vai ter logo ao pai a dizer que a minha mãe não lhe deu de comer. E a minha mãe passa-se com essas coisas, por isso não há também a ligação com ela, porque ela acha--a também traiçoeira”.
Relação da criança com amigos e outros significativos	Mãe 31: “Quando eu ainda estava na, na licença de maternidade, às sextas-feiras era o almoço com as amigas.. [I: ((risos))] Por isso, eu dava o almoço à Naiara, metia-a no carrinho e vamos para o Porto, íamos, eu ia almoçar com as minhas colegas às duas e meia, porque achava que era tarde para ter a criança sem comer até essa hora, por isso, ela ia fazer de, ia socializar, eu ia saber as cusquices do serviço.. Mas, sempre foi comigo para todos os sítios e acho que ela andou lá, no colo das tias, como eu digo, feliz e contente da vida, também quando íamos às consultas eu passava o tempo no serviço, por isso toda a gente vinha ver a menina, toda a gente e ela acabou por criar algumas pessoas mais significativas pra ela, que ela gosta mais”.
Relação dos pais com os outros filhos	Mãe 23: “De facto, sofreu um bocado nesse aspeto, porque perdeu um bocado a atenção, não é? Perdeu bastante atenção, sobretudo no início. As coisas têm vindo a equilibrar, mas no início ((...)). Porque ele era filho único”.

Tabela 6 – Subcategoria ‘Ambiente Familiar’ – Relações estabelecidas no contexto familiar

Essencial para compreender o ambiente destas famílias, e ainda no que diz respeito aos irmãos, é averiguar como se estabelece a *relação dos pais com os outros filhos*, para além da criança adotada. Nesta amostra e no momento da recolha dos dados, existem 13 famílias com mais do que um filho, e apesar de serem poucas as mães a referirem este aspeto (3 mães), reportam-se a aspetos muito variados, que, curiosamente, começam mesmo antes da chegada da criança à família. Neste sentido, as mães referem a dificuldade que sentiram quando queriam preparar os filhos para a chegada de um irmão, mas se viam impossibilitadas de o fazer devido às imensas incertezas subjacentes ao processo. Já com a criança integrada na família, referem constrangimentos como esquecerem-se de pequenos assuntos relacionados com os filhos biológicos, fruto do cansaço que vivenciaram, e ainda a dificuldade de gerirem os ciúmes entre irmãos e a atenção que disponibiliza para cada um. Um aspeto particularmente interessante prende-se também com a gestão que os pais tiveram de fazer ao nível dos brinquedos existentes em casa: se, por um lado queriam que a criança sentisse que “*naquela casa era bem-vindo e acarinhado*”, a partilha de brinquedos com um(a) irmão(ã) poderia constituir, na opinião da mãe, “*uma mudança brusca*” para o filho biológico (Mãe 34).

5. Rede de recursos familiares (c.f. Anexo II – Quadro 5)

Relativamente à rede de suporte social das famílias constituintes da amostra diferenciamos recursos de diversas naturezas: 1) Apoio familiar; 2) Amigos e atividades dos tempos livres; 3) Apoio profissional:

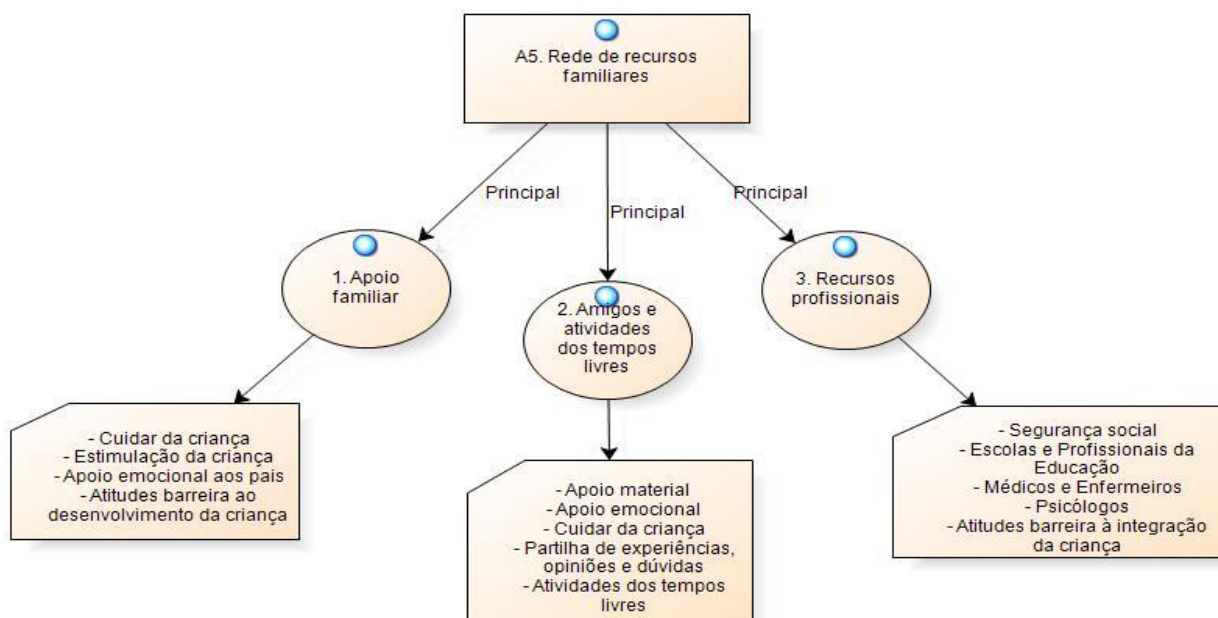


Figura 7 – Subcategoria ‘Rede de recursos familiares’

O *apoio familiar* foi o mais referido por mais mães (44 ref., por 22 mães). As mães referem diversos modos como este apoio se expressa, sendo que os dois exemplos que mais expressão tiveram em termos de referências foram o “*cuidar da criança*” (31 ref.), tomando conta dela na ausência dos pais, seguido do “*apoio emocional prestado aos pais*” (10 ref.), principalmente perante dificuldades e momentos de maior fragilidade. Outro exemplo do apoio familiar referido por uma das mães (Mãe 16) é a *estimulação da criança*, nomeadamente, neste caso, ao nível da promoção do desenvolvimento linguístico, apoio prestado pela avó materna. A rede de recursos das famílias nem sempre apresenta atitudes facilitadoras, sendo que duas mães fazem referência a *atitudes* que podem ser consideradas *barreira* nomeadamente *para o desenvolvimento da criança*. Essas atitudes englobam, num dos casos, a ausência da família do lado do pai, bem como a falta de paciência que a avó materna revela para com a criança, devido ao seu temperamento (Mãe 5) e, o outro caso referido, refere-se aos avós paternos que “*estragam a criança com mimos*”, prejudicando a educação transmitida pelos pais, conjugado com o facto da mãe não se sentir à vontade para falar do assunto com os sogros (Mãe 20).

Outro recurso muitas vezes referido por (23 ref. por 15 mães) são os *recursos profissionais*, destacando-se o apoio prestado pelas *escolas e profissionais da educação*, nomeadamente as educadoras de infância, seguido pelos *médicos e enfermeiros*. Outras referências apontam o apoio de *psicólogos* e da *segurança social*. Também na rede de recursos profissionais foram identificadas *atitudes barreira*, neste caso, à *integração da criança*, ambas referidas pela mesma mãe (Mãe 33). Essas atitudes estão relacionadas com questões burocráticas, como a emissão do cartão de cidadão da criança, momento em que os pais tiveram que lidar involuntariamente com o constrangimento de ouvir o nome do irmão da criança, algo que desagradou aos pais, bem como a mudança do cartão de vacinas da criança, que só foi possível com o apoio do Ministério da Saúde. A mãe atribui as dificuldades acrescidas nestes processos ao facto da criança ser adotada.

Por fim, as mães fazem referência aos *amigos* e às *atividades dos tempos livres*, frisando a sua importância na sua vida familiar. Nesta categoria, destaca-se o *apoio material*, nomeadamente através da doação de materiais e bens necessários para a criança, assim como a *partilha de experiências, opiniões e dúvidas*, essencialmente com amigos com crianças mais velhas, adotadas ou não. Também os amigos foram referidos como importantes recursos para providenciar *apoio emocional* aos pais e para auxiliar a *cuidar da criança*. As *atividades dos tempos livres*, praticadas em conjunto pela mãe e pela criança, ainda que referidas apenas por uma mãe (Mãe 27), foram tidas em conta como um aspeto que facilitou a superar diversas dificuldades relacionais entre a mãe e a criança.

B) A experiência da maternidade adotiva: construção e avaliação da experiência

O grupo de mães deste estudo é maioritariamente constituído por primíparas. A experiência da maternidade adotiva permitiu-lhes construir a sua identidade enquanto mães e avaliar a sua vivência nesse mesmo papel. Mesmo no caso das mães que têm filhos biológicos, apesar de já terem experiência como mães, a maternidade adotiva assume-se como uma vivência com contornos distintos. Assim, compreender como se caracteriza a experiência da maternidade adotiva torna-se pertinente para averiguar a experiência das mães, agora neste nível de análise, essencialmente centrado em si mesmas.

As subcategorias principais identificadas foram: 1) Mudanças da mãe enquanto pessoa; 2) Mãe identifica parecenças entre ela e a criança e 3) Auto-descrição do papel materno e convicções.

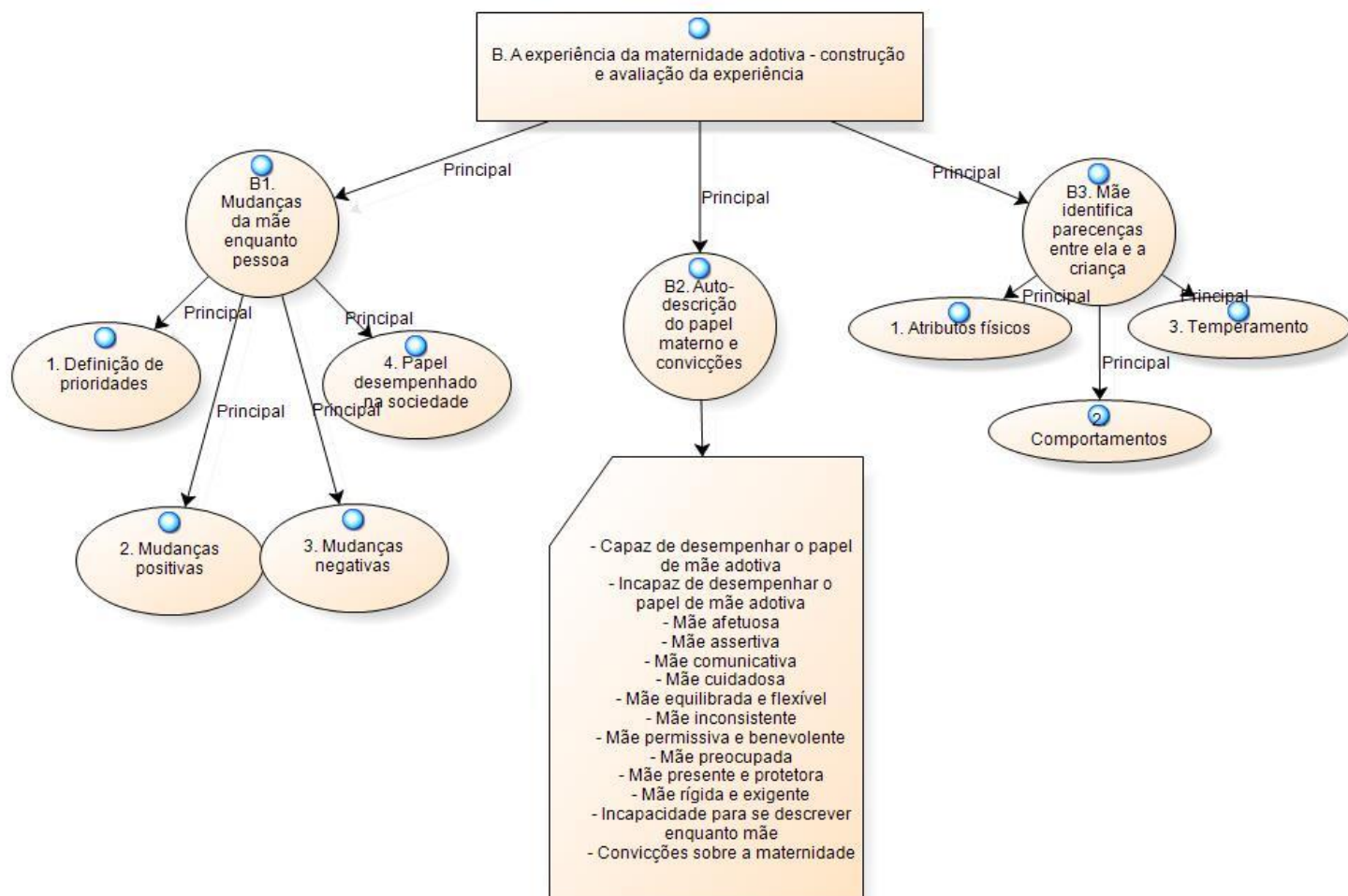


Figura 8 - A experiência da maternidade adotiva: construção e avaliação da experiência

1. Mudanças da mãe enquanto pessoa (c.f. Anexo III – Quadro 6)

As mudanças na mãe enquanto pessoa constituem um elemento fulcral na construção da sua identidade materna. É possível identificar a emergência de uma grande abundância de referências a mudanças positivas, tendo-se diferenciado 11 subcategorias: 1) *aparência física*, 2) *maior capacidade de auto-reflexão e auto-conhecimento*, 3) *mais responsabilidade e maior consciência dos seus comportamentos*, 4) *conseguir ser mais calma e ponderada*, 5) *ter mais felicidade e vitalidade na sua vida*, 6) *ser mais flexível, permissiva e capaz de relativizar as situações*, 7) *ser mais perspicaz e atenta*, 8) *ter-se tornado mais sensível e afetuosa*, 9) *ser mais social*, 10) *ser mais tolerante e paciente* e ainda 11) *identificar melhoria nas relações com a família alargada*. Destas, a mais referida pelas mães foi o facto de se terem tornado mais sensíveis e afetuosas (7 mães). Em comparação às 11 subcategorias das mudanças positivas, encontramos apenas 3 subcategorias referentes a mudanças negativas, que apontam que as mães se tornaram *mais exigentes, mais preocupadas e menos tolerantes*. A única destas subcategorias referida por mais do que uma mãe foi o facto de se

terem tornado mais preocupadas, referido por 4 mães. As preocupações referidas abrangem o dia-a-dia das crianças e o futuro, principalmente em relação às responsabilidades para com os filhos:

“(…) ‘E se me acontece alguma coisa? Quem é que a vai criar?’ [I:Hum hum.] Não é? Com o bem estar dela, e isso, não é? E agora sinto outra coisa. Agora quando penso nisso já sinto/ fico um bocado mais ansiosa! [I:Hum hum.] Ela não pode sofrer! (()) sofrer, eu posso sofrer, ela.. ela sente muito a falta dos pais. [I:Mudou alguma coisa.] Sim! Mudou muita coisa, muita coisa”. (Mãe 35)

Para além destas mudanças da mãe que pudemos polarizar como sendo positivas ou negativas, surgem outras não enquadráveis nesta dicotomia, tais como as mudanças ao nível da *definição de prioridades* e do *papel desempenhado na sociedade*. De entre estas, as mudanças na definição de prioridades foram as mais referidas pelas mães (24 ref. por 18 mães). Referem que uma redefinição de prioridades ao nível dos seus valores, da importância atribuída aos problemas do dia-a-dia, à vida profissional e ao tempo que dedica e ao sentimento que nutre por pessoas significativas da sua vida, como o marido. Em grande parte das referências, a criança assume um papel proeminente na vida das mães:

“Portanto mudou a esse sentimento, está ele primeiro agora, primeiro do que eu.. Mas quando a pessoa dá a vida por alguém, esse ser está sempre primeiro do que nós”. (Mãe 7)

A referência das mães a mudanças do papel que desempenham na sociedade é um aspeto interessante, por permitiu constatar que 2 mães expressaram o valor que atribuem à sua identidade materna. Uma das mães refere que já *“não conseguia ser só mãe, (...) só esposa, ou dona de casa”* (Mãe 9), e outra faz referência às *“amizades com as mães”*, referindo que toda esta envolvimento entre mães e filhos, mediada pelo contexto escolar, referindo que *“com as mães, com os filhos, com a escola, dá outro estar na sociedade que não seria possível se não tivesse filhos”* (Mãe 33).

Mudanças da mãe enquanto pessoa	Exemplos
Definição de Prioridades	Mãe 27: “Relativizando as coisas: antes de a Mafalda vir era muito centrada no trabalho, e.. tinha que estar sempre muito disponível, preocupava-me com algumas coisas, que dava muita importância, que agora é completamente/ Gerir a minha carreira é muito importante, sem dúvida não é para estar/ O mais importante é ela! Tenho que gerir tudo de forma a ter uma/ primeiro... hum... paz de espírito, e estar bem comigo própria, depois estar disponível para a família e para ela. Mudou completamente a visão! [I: Exatamente. Antigamente muito mais focada no trabalho, agora muito mais centrada na família] Sim, sim, sim!”.
Mudanças positivas	
- Aparência física	Mãe 10: “Emagreci ((risos)), emagreci a sério. Desde que tive a B. que decidi emagrecer”.
- Maior capacidade de auto-reflexão e auto-conhecimento	Mãe 9: “Fez mudar muitas coisas na minha.. na minha vida. Aquilo que eu já falei, do facto.. de me entender a mim como pessoa, e saber que passei por várias fases para chegar onde estou, [I: Hum hum] não é, na minha personalidade, nas minhas características”.

- Mais responsabilidade e maior consciência dos seus comportamentos	Mãe 6: “Sei lá Sra. Dra., sou uma pessoa mais calma, já penso de maneira diferente que pensava [I: Hum hum]. Ser mãe é uma coisa/ pronto, é uma coisa muito boa e uma pessoa muda em tudo”.
- Mais calma e ponderada	Mãe 24: “A minha vida faz mais sentido com ele do que sem ele [I: Hum hum] e estamos muito mais felizes ((risos))”.
- Mais felicidade e vitalidade	Mãe 35: “É assim: eu sou... é assim, por exemplo: eu não sou muito permissiva. Agora às vezes até me vejo a ser mais permissiva. Pronto, tento.. 'Ah, está bem, faz lá à tua maneira', e não sei quê”.
- Mais flexível, permissiva e capaz de relativizar as situações	Mãe 8: “Aguça-nos a.. perspicácia porque uma pessoa agora está mais atento aos comportamentos, à.. aos nossos comportamentos para com ele [I: hum hum, hum hum] não é, temos que ter cuidado com alguns comportamentos, algo que dizemos, ah.. e também tentamos/ eu pelo menos acho que comecei também a ficar um bocadinho mais perspicaz, para estar atenta aos comportamentos dele, é normal, não é, ele/ o que ele fez hoje, vem no seguimento do que ele tem vindo a fazer, não tem. Para estar o mais atenta possível a possíveis desvios, a possíveis/ a algum indica/ a alguma coisa que nos possa indicar que esteja menos bem com ele. Pronto, e acho que também nisso, o facto de ser mãe, acho que acaba também por/ [I: por contribuir para isso, para essa perspicácia e estar atenta ao que é importante, efetivamente.] importante”.
- Mais perspicaz e atenta	Mãe 16: “Ensinam-nos a dar muitos abraços, muitos beijos, muitos/ pronto, muitos carinhos, que a gente às vezes até nos passa um bocadinho isso, despercebido, não é, na relação com as pessoas [I: Exato]. E ensinam a apreciar certas coisas! E nós, como mães, achamos piada a tudo o que eles fazem, não é, que às vezes até é um bocado ridículo, mas achamos”.
- Mais sensível e afetuosa	Mãe 36: Não sei. Talvez a parte mais extrovertida do Hélder. É assim, eu até falo, mas por exemplo, eu no meio de pessoas desconhecidas eu não sou assim. Eu costumo dizer que nesse especto ele sai mais ao pai, o meu marido também é que mais fala com toda a gente. E eu sou capaz de ser mais retraída. Mas o facto/ acabo por ser obrigada a falar com as pessoas todas”.
- Mais social	Mãe 9: “Agora já sei, e é uma coisa que melhorou imenso a minha relação com a minha mãe, nunca tive má relação com ela, mas estava sempre a.. a criticá-la em alguns aspetos. "Ah, proteges muito o Luís, não te preocupes, não te preocupes! És muito ansiosa, depois ficas/ tens/ depois tens que tomar medicação para dormir, não te preocupes!". E agora realmente já não ((...)). [I: Pois é! ((risos))]”.
- Melhoria nas relações com a família alargada	Mãe 13: “Tolero mais. Tolero mais. Apercebo-me mais de como estou e quando há dias que eu posso e digo ‘hoje estou impossível porque estou muito chata, muito a pegar com tudo’ ”.
- Mais tolerante e paciente	Mãe 13: “Tolero mais. Tolero mais. Apercebo-me mais de como estou e quando há dias que eu posso e digo ‘hoje estou impossível porque estou muito chata, muito a pegar com tudo’ ”.
Mudanças negativas	
- Mais exigente	Mãe 18: “ Ah, tornei-me um bocado mais exigente, até mesmo com o resto das crianças como o meu sobrinho vem cá a casa”.
- Mais preocupada	Mãe 4: “ Olhe, mudou o facto de eu me preocupar mais com o futuro. ((risos)) É..hmm.. hoje em dia acho que sou uma pessoa que me preocupo um bocadinho mais com o futuro. Não é que eu não me preocupasse antes, mas era em relação a outras coisas”.
- Menos tolerante	Mãe 17: “ eu acho que me tornei uma pessoa menos... menos tolerante. Com as atitudes dos adultos! Não propriamente com as das crianças, eu isso não me arrependo/ e acho que foi depois de/ acho que foi.. com o Ricardo, foi o Ricardo, também o crescimento, acho que estou menos tolerante! (...)”.
Papel desempenhado na sociedade	Mãe 33: “ Mas por outro lado é diferente, porque há umas certas amizades que a gente tem, por exemplo, com as mães, com os filhos, com a escola, que nos dá outra coisa na sociedade, do que se não tivéssemos filhos, percebe? Dá outro estar na sociedade do que se não tivesse nada.. aquelas pessoas.. compreende? Portanto, é diferente! É tudo diferente”.

Tabela 7 - Subcategoria 'Mudanças da mãe enquanto pessoa'

2. Auto-descrição do papel materno e convicções (c.f. Anexo III – Quadro 6)

A identidade materna engloba a percepção das mães relativamente ao papel por elas desempenhado, assim como o modo como avaliam a sua experiência na maternidade adotiva. Para além de terem sido questionadas acerca do modo como se descrevem enquanto mães, iam surgindo no seu discurso outras características e aspetos relativos a esta auto-descrição.

A subcategoria “*mãe preocupada*” foi a referida por mais mães (13 mães), seguindo-se a “*mãe presente e protetora*” (12 mães) e a mãe “*mãe afetuosa*”, bem como, a “*mãe rígida e exigente*”, referidas pelo mesmo número de mães (9 mães). Referidas por menos mães surgem-nos subcategorias como “*mãe comunicativa*”, “*mãe cuidadosa*”, “*mãe equilibrada e flexível*”, “*mãe inconsistente*”, “*mãe assertiva*” e “*mãe permissiva e benevolente*”.

Existem ainda algumas mães que apenas consideram serem *capazes de desempenhar o papel de mãe adotiva* (6 mães), não se descrevendo enquanto mãe. Por sua vez, apenas uma mãe (Mãe 5) se descreveu como *incapaz de desempenhar o papel de mãe adotiva*, descrevendo-se como “*má e fraca*” e referindo que, na sua opinião “*a criança não merece isso*”. Apenas duas mães revelaram *incapacidade para se descrever enquanto mãe*, não referindo a sua percepção acerca do papel que desempenha enquanto mãe adotiva.

Para caracterizar e compreender a experiência da maternidade adotiva, é importante ter em consideração as *convicções sobre a maternidade* (35 ref.) que estas mães apresentam. Estas abrangem aspetos como as rotinas que implementam, a importância que atribuem ao tempo que a licença de maternidade lhes disponibilizou para estar com a criança e as escolhas para a educação das crianças. Apesar de ser referido que “*as mulheres têm uma informação de maternidade, de ser mães*” (Mãe 27), expressam também a crença de que existem dúvidas comuns, pelas quais “*todas as mães passam, mesmo as mães biológicas*”, como as questões dos “*banhos, da alimentação e de passar a noite*” (Mãe 24).

3. Mãe identifica parecenças entre ela e a criança (c.f. Anexo III – Quadro 6)

Associamos ainda à construção da identidade materna a identificação de parecenças entre a própria mãe e a criança, que fortalecem o sentimento de pertença e de continuidade da identidade. Estas parecenças foram identificadas ao nível dos *comportamentos*, do *temperamento* e dos *atributos físicos*.

Foram mais as mães a referir parecenças com a criança ao nível dos seus comportamentos (7 mães). Incluíram aspetos como um paralelismo entre o modo como as mães se comportavam quando eram crianças e os comportamentos que os filhos apresentam (*“E sou assim desde pequena. [risos] Estava escrito na escola que eu não parava de falar e a minha mãe era sempre chamada e pronto [risos]. Mas também depois quando eu era maiorzinha, não falava, não conseguia estar atenta.”* - Mãe 26), a idade de aquisição de determinadas competências desenvolvimentais (*“Eu própria só comecei a comer com garfo e com faca para aí aos dez, doze anos. (risos) [I: risos] Eu não tive.. se calhar/ portanto. vinha de uma família muito humilde. Não tinha/ nem se usava faca e o garfo à refeição. Eu só comecei a comer com o garfo e faca quando fui para a escola/ na escola primária comia em casa, portanto quando fui para o ciclo e me apareceu uma faca e garfo à frente, não é? [I: Hum hum.] Portanto/ E eu também me desenrasquei. Portanto... porque é que eu me vou chatear? Come com o garfo? (()) a faca? Se ele quiser usar, que a use.”* - Mãe 1), e o facto da criança estar progressivamente mais parecida com a mãe ao adotar os seus gostos, preferências e modo de se expressar (*“Ele não gosta de andar com a mesma roupa dois dias, se andar ‘mamã, não quero esta roupa’. Nota-se que cada vez está mais parecido assim connosco, a maneira de ser tem mais a ver connosco. Isso sim, nota-se bastante.”* - Mãe 14).

O temperamento foi também referido por várias mães (6) como um aspeto em que estabelecem parecenças com a criança. De um modo geral, referem que o feitio da criança é muito semelhante ao seu, destacando traços como teimosia, orgulho ou ser extrovertida e alegre. Por último, também os atributos físicos foram considerados pelas mães como fator semelhante entre elas e as suas crianças, nomeadamente ao nível das feições:

“E quando, quando eu a vi, até as feições e tudo/ hoje em dia também já/ ainda me dizem que eu sou parecida com ela, mas até as feições.. é minha! Eram-me familiares, mesmo em bebezinha, até a cara dela, podia/ ela era na mesma minha mesmo sendo diferente, não é?” (Mãe 28).

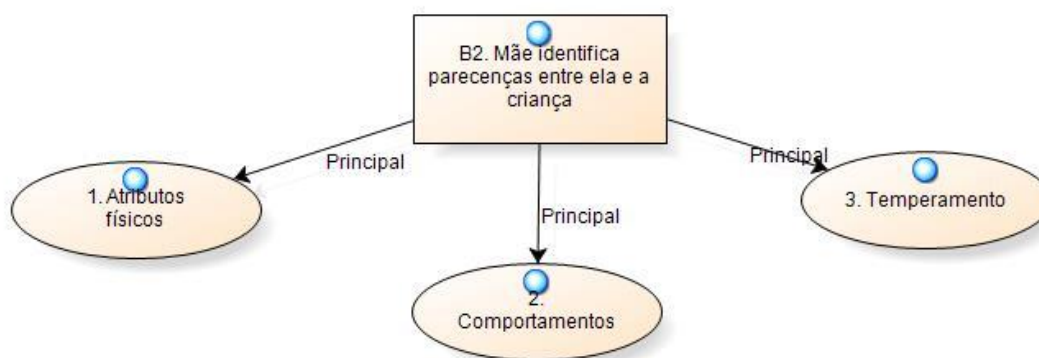


Figura 9 – Subcategoria ‘Mãe identifica parecenças entre ela e a criança’

C) Valência emocional das vivências na parentalidade adotiva (c.f. Anexo IV–Quadro 7)

De forma a perceber como é feita a avaliação emocional das vivências na parentalidade adotiva e assim perceber o balanço global da experiência destas famílias decorridos os dois primeiros anos de adoção, foram codificadas as descrições das mães como *Vivências Positivas ou Vivências Negativas*, a partir do que estas referiam diretamente ou através do que depreendíamos do seu discurso (atribuição realizada apenas por um juiz, a autora do estudo, com recurso a discussão com um juiz externo em casos de dúvida).

Das 39 mães, verificamos que foram referidas vivências positivas por 38 mães, sendo que apenas não foram codificadas vivências positivas na entrevista da Mãe 5. Comparativamente, o número de mães a referirem vivências negativas é inferior (35 mães). Também no número total de referências codificadas no conjunto das mães, as vivências positivas (439 ref.) ultrapassam as negativas (320 ref.). Em médias as mães referem ???% de referencias positivas.

A mãe que referiu mais vivências positivas foi a Mãe 36, com 33 referências positivas num total de 40 referências avaliativas da experiência (83%), seguindo-se a Mãe 30, com 26 referências positivas, num total de 38 referências (68%) e a Mãe 32, que num total de 34 referências relativas à avaliação da sua experiência, apontou 22 referências positivas (65%).

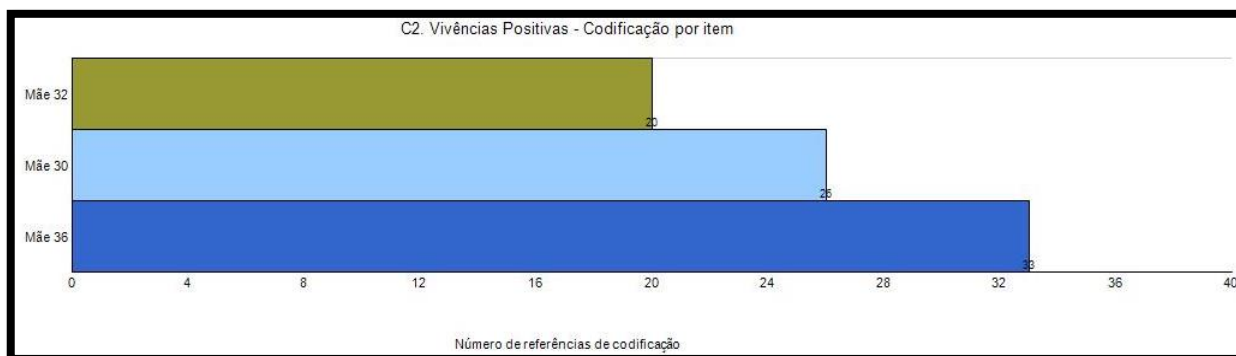


Figura 10 – Vivências positivas – mães com mais referências codificadas

Por sua vez, a mãe que se destacou com mais referências a vivências negativas foi a Mãe 5, com um total de 39 referências, todas elas negativas (100%), sucedida pela Mãe 39, que em 47 referências, apontou 27 negativas (57%) e a Mãe 37, que mencionou 22 referências negativas, num total de 41 (53%).

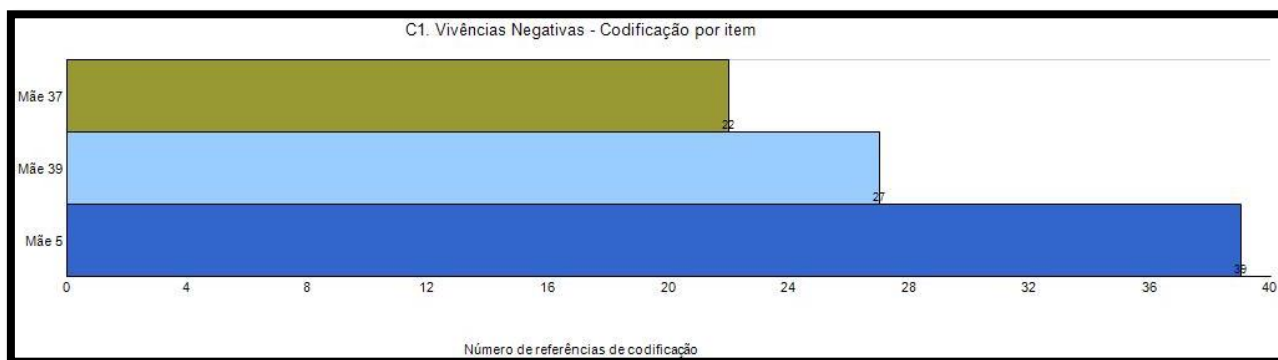


Figura 11 – Vivências negativas - mães mais com mais referências codificadas

É interessante constatar que, a única mãe que não apresenta qualquer referência a vivências positivas neste percurso de constituição da família por adoção é precisamente aquela que refere um maior número de vivências negativas. De facto, a vivência desta mãe foi-se destacando ao longo de toda a análise dos resultados como mais negativa, referindo sempre os aspetos menos aliciantes desta sua experiência e deixando claro que não está satisfeita com o rumo que a relação com a criança está a tomar, apontando para uma vivência disruptiva da adoção.

3. Discussão

Considerando o objetivo principal do estudo, investigar de que forma é que as mães descrevem a construção da relação com a criança e a evolução da família ao longo dos primeiros dois anos de adoção, neste capítulo será feita a discussão dos aspetos mais salientes de cada um dos três níveis de análise que foram efetuados.

Relativamente à descrição dos principais aspetos e etapas dos dois primeiros anos de adoção (A), mais concretamente quanto à subcategoria *a chegada e a adaptação*, é de destacar que a maior parte das mães refere uma fácil adaptação das crianças, o que poderá estar associado à idade precoce com que estas crianças foram adotadas (em média 15.2 meses). Este fator também poderá ter contribuído para que estas crianças acompanhassem as propostas de rotinas que as famílias propuseram com maior facilidade. No entanto, as mães que referiram ter enfrentado *dificuldades* na adaptação adotaram crianças com uma

idade superior ($M=15.9$, $DP=8.8$) à média de idades de adoção da amostra total ($M=14.77$, $DP=8.6$) e ligeiramente superior à idade média das crianças cujas mães referiram uma chegada positiva da criança ($M=15.2$, $DP=8.4$). Dada a sua heterogeneidade em termos de conteúdos codificados, estes resultados não podem ser unicamente atribuídos a variáveis da mãe nem a variáveis relacionadas com a criança.

Para compreender melhor estes resultados, foram cruzadas as informações codificadas em diferentes categorias. Foi então possível constatar que grande parte das mães que referem uma fácil adaptação das crianças, descrevem-se como *mães equilibradas e flexíveis*, aspeto que poderá ter contribuído, não só para uma melhor e mais rápida adaptação da criança mas também para que a própria mãe, tendo uma visão mais tolerante que a tenha levado a perceber o processo como mais positivo. Também aparecem com referências codificadas como sendo *mães preocupadas*, preocupação essa que, num sentido positivo, as poderá ter deixado mais atentas às necessidades da criança no momento da chegada e, dessa forma, poderá ter beneficiado a mesma. São ainda mães que se identificam como *capazes de desempenhar o seu papel de mãe*. É curioso refletir como esta visão positiva de si própria no desempenho do papel de mãe poderá ter influenciado, de uma forma recíproca e dinâmica, este processo. Isto porque, se por um lado, ao considerarem-se capazes de desempenhar o papel de mãe parecem ter uma visão mais otimista sobre o processo de adaptação da criança e, por outro lado, se este processo efetivamente correu de acordo com as expectativas e sem dificuldades percebidas, poderá ter contribuído para que as mães se percecionem como mais eficazes no desempenho do seu papel. Através do cruzamento de outras categorias foi ainda possível constatar que quase todas as mães que anteriormente referiram uma fácil adaptação da criança referiram também o *apoio familiar*, bem como o apoio de *amigos* e de *profissionais*, ainda que em menor escala. Este apoio percebido pelas mães poderá ter contribuído para facilitar a adaptação da criança, apoiando os resultados obtidos.

Para além do cruzamento de dados da grelha de categorias, foi possível confrontar os resultados obtidos com outras variáveis avaliadas neste mesmo grupo de participantes, no âmbito do projeto de doutoramento ao qual se encontra vinculado.

Assim sendo, constatámos que, sendo as crianças cujas mães reportam uma fácil adaptação adotadas um pouco mais tarde comparativamente à média da amostra, estiveram também institucionalizadas durante mais tempo ($M=13.11$, $DP=5.2$), quando comparadas com o tempo de institucionalização da amostra total ($M=11.78$, $DP=6.73$). Devido ao maior período de vida em instituições, estas crianças poderão ainda ter chegado às famílias mais formatadas para as rotinas diárias, especialmente no que diz respeito à satisfação das suas

necessidades básicas. Tendo previamente adquirido essa estrutura na instituição, poderiam ser percebidos pelas mães como menos problemáticas na adaptação e incorporação das rotinas familiares.

No entanto, esta é apenas uma possível hipótese, visto que mais uma vez a diferença encontrada nas médias de tempo de institucionalização destas crianças e da amostra total é muito reduzida e, para além disso, a opinião das mães nem sempre é consensual. Inclusivamente existem exemplos de mães que referem como dificuldade o facto da criança já vir para a família “com um certo estilo de vida” (Mãe 14). Neste caso, os hábitos da criança distanciam-se das expectativas da mãe, suscitando, por isso, dificuldades relacionais e de adaptação.

Uma outra hipótese prende-se com a avaliação desenvolvimental realizada a estas crianças, principalmente ao nível do comportamento de vinculação. De fato, o comportamento de vinculação indiscriminado surge normalmente associado a um tempo de institucionalização mais prolongado. Assim, com base numa avaliação realizada às crianças em estudo, cinco meses após a adoção, foi possível verificar que em metade das crianças cujas mães referem uma adaptação imediata e sem dificuldades, há evidência de comportamento indiscriminado. Assim, esse comportamento pode ter sido a base do modo como se relacionaram com a família, conduzindo a uma visão positiva relativamente ao seu processo de integração, podendo então ter desempenhado uma função adaptativa.

Relativamente à subcategoria referente aos *indicadores de uma chegada positiva da criança*, algumas mães destacaram como algo muito positivo o facto das crianças terem sido muito bem recebidas e acolhidas na família alargada, o que sustenta uma visão positiva da adoção e é avalizado pelas palavras de Smith (1997), que afirma que as pessoas que adotam crianças são muitas vezes felicitadas pelos familiares e amigos, que enviam presentes para as crianças, sendo esta uma ocasião de reconhecimento público.

Ainda nesta subcategoria, podemos referir que as mudanças na vida familiar referidas pelas mães vão muito ao encontro do esperado, estando muito associadas e apresentando semelhanças comparativamente com as mudanças normativas esperadas para um estatuto parental biológico. De um modo geral, a análise desta subcategoria parece sugerir que as mães dão mais ênfase à forma como a criança se adaptou e ao processo de integração destas no seio familiar do que ao processo recíproco que se refere ao modo como os pais tiveram também de se adaptar à nova configuração familiar e a todas as experiências e desafios que lhes está subjacente.

No que diz respeito à subcategoria '*Relação pais-criança*', nomeadamente ao nível do *estabelecimento e desenvolvimento do vínculo*, assume especial relevância o *impacto emocional do estabelecimento do vínculo*, que nos sugere um padrão pouco uniforme da construção e desenvolvimento do vínculo: se por um lado temos uma grande maioria de mães a referir a existência de uma *ligação emocional imediata e inexistência de rejeições e recuos na relação por parte da criança*, por outro, aparecem-nos também referências que apontam no sentido da *inexistência de ligação emocional imediata e relação construída ao longo do tempo*. Estes dados convergem num outro aspeto em análise, centrado no *percurso da relação*, que apontam num sentido muito positivo, já que grande parte das mães refere a *identificação de evolução global na relação*, no decorrer de pelo menos dois anos de interação com a criança adotiva.

As diversas *manifestações de afeto e momentos de interação familiar* referidas pelas mães vão ao encontro dos resultados obtidos por Barth e Berry (1988 cit in Sánchez & Palacios, 1996), segundo os quais o desenvolvimento das relações de reciprocidade e intercâmbio entre pais e filhos adotivos é um indicador de uma evolução positiva do processo. Com efeito, o único caso de uma vivência menos positiva da adoção presente nesta amostra (Mãe 5), não apresenta referências codificadas em qualquer uma das subcategorias referentes aos *momentos de interação familiar* (*Momentos de interação lúdica e afetiva e Momentos centrados nos cuidados prestados à criança*).

O estabelecimento do vínculo afetivo entre pais e filhos adotivos é fortemente caracterizado por oscilações nas relações preferenciais da criança. De facto, várias mães referem que a *criança manifesta preferência por um dos adultos do casal*, em momentos e situações diferentes da relação. O número de mães que refere que a criança apresenta, ou já apresentou, preferência por um dos pais é sensivelmente equivalente, sendo o número de referências muito próximo entre as mães que apontam a *preferência pelo pai e pela mãe*. O número de referências à preferência da criança por outro adulto significativo que não os pais é bastante mais reduzido e, em todos os casos, diz respeito a um outro familiar próximo e influente na vida da criança. Estas relações preferenciais são muitas vezes interpretadas pelas mães como exemplos de *rejeição delas próprias por parte da criança*. Nestes casos, o *apoio do conjugue*, nomeadamente na *relação com a criança*, é mencionado como fator-chave para lidar com estes sentimentos de rejeição. Na referência codificada neste sentido, a estratégia do conjugue consiste em mediar a relação, incentivando a criança a estreitar a relação com o adulto com o qual não estabelece uma relação preferencial.

Quando nos reportamos às referências codificadas como *rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais*, verificamos que as tarefas se encontram distribuídas equitativamente por ambos os conjugues, sendo que os pais não delegam o exercício da parentalidade adotiva unicamente na figura materna e desempenham um papel ativo em todo o processo, tal como sugeriu a investigação levada a cabo por Mendes (2012). Estes resultados sugerem uma participação e envolvimento relativamente equilibrados do casal nas tarefas relativas à criança e vão no sentido oposto à investigação de Sánchez e Palacios (1996), na qual o envolvimento paterno nas tarefas e educação da criança se revelou menor comparativamente ao envolvimento materno. Nesta comparação será de atendermos também à grande diferença do tempo em que os estudos ocorreram, quase 20 anos, em que as dinâmicas familiares e especificamente da parentalidade é provável que tenham sofrido grandes alterações.

O envolvimento de ambos os pais na educação das crianças surge como um dado muito relevante dado o elevado número de referências codificadas nas *práticas parentais*. A este respeito, sublinha-se o paralelismo com o estudo anteriormente referido, de Sánchez e Palacios (1996), no qual se destacou a importância das regras nas famílias adotivas, bem como grande variedade de estratégias para assegurar que as mesmas são respeitadas. Da mesma forma, no presente estudo, as referências codificadas quanto ao *estabelecimento de limites*, mais concretamente relativas à *definição de regras*, capacidade de *definir e manter a sua opinião (dizer 'não')* e ainda de *ser figura de autoridade*, destacaram-se pelo elevado número de vezes que as mães se reportaram a este assunto.

Ainda no que diz respeito às *práticas parentais*, é de destacar a subcategoria referente às *atitudes que os pais apresentam perante a parentalidade*. De facto, é interessante que, para além de adotarem *estratégias implementadas para com as crianças*, estas mães sublinham a importância da atitude assumida pelos pais para possibilitar uma melhor experiência em família. Neste âmbito, é particularmente interessante as atribuições realizadas pelas mães, *para justificar e aceitar as dificuldades* vivenciadas. Tanto fazem *atribuições relativas à criança*, como à *adoção* ou ao *período de vida na instituição* e, atendendo ao elevado número de referências codificadas, não aparenta ser algo que levante dúvidas para estas mães. Curiosamente, de acordo com Morris (1999), uma grande dificuldade para os pais é precisamente saber se devem atribuir o comportamento das crianças à sua experiência passada, ou aos cuidados que lhes prestam ou, simplesmente, a uma etapa normal no seu desenvolvimento.

As referências codificadas na subcategoria *evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção* constituem, sem dúvida, um aspeto importante desta investigação já que nos indicam um percurso evolutivo muito positivo. No entanto, apesar das evoluções reportadas aos mais diversos níveis, existem ainda referências da *existência de comportamentos críticos* por parte das crianças, aspeto que é referido como uma dificuldade para os pais. Esses comportamentos, que dizem respeito essencialmente a *birras e comportamentos de oposição, comportamentos agressivos e situações em que a criança recusa separar-se dos pais*.

Foi referida pelas mães uma vasta variedade de *dificuldades* associadas ao processo de adoção, bem como alguns *receios* que vivenciaram. Ao nível dos *receios* referidos por estas mães, a ênfase é colocada em aspetos como *não ser capaz de desempenhar o papel de mãe* ou *ser rejeitado pela criança*. Estes dados parecem ir ao encontro da perspetiva de Morris (1999) na sua referência à ansiedade experimentada pelos pais adotivos acerca da sua capacidade para amar e estabelecer um laço afetivo com a criança.

Curiosamente, as preocupações associadas à revelação da adoção, ainda não aparecem como uma dificuldade vivenciada por estes pais. Aparece sim, ainda que referida apenas por três mães, como um receio para o futuro, assunto ainda encarado como distante no tempo e perante o qual mantêm uma postura muito otimista, apesar da preocupação que expressam. As idades das crianças acerca das quais as entrevistas se referem coincide com uma faixa etária na qual os próprios contextos extra-escolares das crianças ainda não parecem colocar grandes desafios no que diz respeito à comunicação sobre a adoção e a própria revelação da adoção, não havendo ainda uma comunicação aberta sobre o assunto nem mesmo a respeito do passado da criança. Não foram codificadas referências a propósito destes conteúdos, o que sugere que, no momento das entrevistas, estes pais não tenham ainda iniciado a abordar tais tópicos com as crianças.

Em termos desenvolvimentais, as crianças em idade pré-escolar ainda não têm a capacidade para compreender o significado e as implicações do que é ser adotado, pelo menos não de forma plena (Brodzinsky, Singer, & Braff, 1984), conseguindo apenas falar sobre conceitos associados à adoção e identificando que nasceram de outros pais que não aqueles com quem vivem, sabendo, por vezes, pequenas partes da sua história, mas sem compreender o que ela realmente significa (Brodzinsky, 2011). De acordo com este autor, normalmente os pais ao ouvirem as crianças a dominarem esta terminologia, são levados a acreditar que estas detêm já uma compreensão a este respeito mais avançada do que aquela que realmente têm, o que por vezes os conduz a abordar estes conteúdos prematuramente,

principalmente no caso dos pais mais ansiosos (ibidem). É interessante constatar como no caso da amostra deste estudo isto parece não se verificar. Assim, tais resultados poderão sugerir que devido aos pais terem a percepção que as crianças ainda não percebem nem dominam estes conteúdos, não só não os abordam como parecem não demonstrar uma intensa preocupação a esse respeito.

Ao nível dos *receios* referidos por estas mães, a ênfase é colocada em aspetos como *não ser capaz de desempenhar o papel de mãe* ou *ser rejeitado pela criança*. Estes dados parecem ir ao encontro da perspetiva de Morris (1999) na sua referência à ansiedade experimentada pelos pais adotivos acerca da sua capacidade para amar e estabelecer um laço afetivo com a criança.

Apesar das muitas dificuldades e receios apontados, as mães referiram também *fatores facilitadores da relação*, *fatores relacionados com a criança* que poderão ter contribuído para facilitar a relação, dos quais se destacaram as *caraterísticas da criança e o seu temperamento*. Desta forma, as referências maternas sugerem uma percepção muito positiva da criança desde o início do estabelecimento da relação. São também identificados fatores facilitadores relacionados com os pais, sendo que aquele que teve maior expressão em termos de referências foi *a motivação, a força de vontade e a disponibilidade para receber a criança*, aspeto considerado, à priori, como algo fundamental para abraçar um projeto de adoção. Foi ainda codificada a referência de apenas uma mãe (Mãe 27) à *sua idade e experiência de vida* como um fator que facilitou a sua relação com a criança. De facto, este resultado muito específico parece ir ao encontro dos resultados obtidos por Howat-Rodrigues e colaboradores (2013), cujo estudo indicou que o facto da idade das mães por adoção ser em média mais elevada do que as das mães biológicas, se revelou um bom preditor do tipo de maternidade que estas desenvolvem. No estudo destes autores, a idade mais avançada das mães adotivas estava associado ao facto de ser mais frequente viverem com o pai adotivo da criança e terem mais probabilidades de apresentarem um maior rendimento familiar, quando comparadas com as mães biológicas. Já no caso da referência codificada na entrevista da Mãe 27, por ter uma idade mais avançada, esta considera que a sua experiência de vida pode estar também associada a uma maior facilidade para receber a criança e estabelecer com ela um vínculo afetivo. Em ambos os casos constatamos que uma idade mais avançada das mães adotivas sugere melhores condições e potenciais facilitadores para a relação entre os pais e a criança.

Foram mencionados ainda *outros fatores facilitadores da relação*, sugerindo que as mães têm relativa facilidade em identificar o que contribuiu positivamente para a relação estabelecida entre pais e crianças.

As mães deram ainda bastante ênfase à *rede de recursos familiares*, quer seja a nível do *apoio familiar*, como *dos amigos e atividades dos tempos livres* ou dos *recursos profissionais*. As mães que apontaram mais referências neste sentido, mencionaram também mais referências codificadas como vivências positivas, evidenciando a sua satisfação com a adoção. Tais resultados sugerem que, à semelhança com os resultados obtidos por Rosenthal e Groze (1992 cit in Sánchez-Sandoval, 2011), que apontam que a percepção dos pais quanto à adoção é mais positiva quando contam com o apoio da família alargada e amigos.

Quanto ao nível de análise, focado na experiência da maternidade adotiva (B), merece destaque, em primeiro lugar, as *mudanças que ocorreram na mãe enquanto pessoa*. Era esperado que ocorressem diversas modificações nas vidas das mães após a maternidade, já que tornar-se mãe, quer seja ou não por adoção implica enfrentar uma série de desafios caraterísticos (Fontenot, 2007). A este propósito, as mães evidenciaram o âmbito positivo da vivência da adoção. É notório que as mães entrevistadas identificam uma grande variedade de mudanças positivas enquanto pessoas, tendo sido descritas onze experiências neste sentido e, em contraste, apenas foram referidas três mudanças num sentido negativo, pelo que este resultado sugere que a experiência da adoção se tenha constituído como uma vivência beneficentemente transformadora. Acrescenta-se ainda que grande parte das mudanças positivas referidas pelas mães constituem importantes contributos para a construção e consolidação do seu papel enquanto mães, já que as caraterísticas de personalidade que dizem ter apurado poderão ser importantes ferramentas no desempenho diário da maternidade adotiva.

Neste nível de análise, destacou-se também a aparente facilidade com que algumas mães conseguem *identificar parecenças entre ela e o seu filho(a) adotivo(a)*, aspeto que sugere a importância que a procura de continuidade da sua identidade, quer a nível de *aspetos físicos* como mais *temperamentais* ou *comportamentais*, assume para estas mães que não partilham informação genética com as crianças. De acordo com Sá e Cunha (1996), os pais adotivos, ao procurarem semelhanças entre eles próprios, ou os seus familiares, e os seus filhos, estão a realizar atribuições muito relevantes para validar o sentimento de filiação, através do qual deixamos de parte o conceito de famílias adotivas e passamos a ter única e exclusivamente uma família que se sente como tal.

Por último, a identidade materna nas mães por adoção aparece marcada pela sua *auto-descrição do papel materno e pelas suas convicções*. Parece evidente que a grande maioria das mães *consegue descrever-se nesse mesmo papel*, apesar que no discurso de algumas delas apenas seja possível depreender que se consideram *capazes de desempenhar o papel de mães*, não avançando qualquer tipo de descrição do mesmo. No entanto, foi possível destacar que grande parte das mães se descreve como sendo *preocupadas, presentes e protetoras*. Este resultado vem mais uma vez demonstrar o caráter positivo da adoção para estas mães. No discurso das mães foi ainda possível perceber outras características que apontam no momento de se descreverem enquanto mães, desde *afetuosas, assertivas e comunicativas, a cuidadosas, permissivas e benevolentes*. Existem ainda referências que parecem sugerir estarmos na presença de mães *equilibradas e flexíveis*, ou, pelo contrário, *rígidas e exigentes*, passando por algumas mães que parecem ser *inconsistentes*, principalmente no que diz respeito à oscilação de critérios respeitantes a práticas parentais.

Até ao momento, a grande maioria das mães destaca aspetos muito positivos da sua vivência, o que nos poderá levar a criar uma visão otimista do processo de construção de uma família por adoção. Entretanto, revela-se pertinente ter em consideração um único caso que nesta amostra se foi destacando como uma experiência negativa deste processo, tornando-se fundamental conhecer em maior profundidade esta mãe e a criança que adotou, como forma de procurar levantar hipóteses potencialmente explicativas desta vivência. A Mãe 5 tinha então 35 anos no momento da recolha da entrevista e era engenheira. A criança, do género feminino, havia sido adotada com 17 meses, idade que se encontra acima da média de idades de adoção desta amostra e no momento em que esta criança foi adotada, a família tinha já dois filhos biológicos. Relativamente à história passada desta criança, foi possível saber que terá sido abandonada à nascença e é proveniente de uma família de risco, com a mãe desempregada (39 anos) e o pai operário fabril (52 anos), sendo fruto de uma relação adúltera que ambos mantinham. Acrescenta-se ainda que a progenitora teria deficiência mental ou algum tipo de psicopatologia e ambos os progenitores apresentam história de abuso de álcool, consumos esses que a progenitora terá perpetuado durante a gravidez. Relativamente ao parto, sabe-se apenas que a idade gestacional da criança foram 38 semanas. A avaliação do desenvolvimento mental realizada à criança recorrendo à *Escala de Desenvolvimento Mental de Griffiths (2-8 anos)*, na mesma altura que a entrevista foi realizada à mãe, indica percentis desenvolvimentais muito abaixo da média, refletindo assim dificuldades acentuadas ao nível das componentes desenvolvimentais avaliadas.

Relativamente à entrevista desta mãe, verificou-se que na categoria *relação pais-criança*, mais especificamente na subcategoria *estabelecimento e desenvolvimento do vínculo* esta mãe destacou-se por ser a única a referir o *não reconhecimento do vínculo*. Desde então revelou a rejeição que sentia por parte da criança e abordou as dificuldades no estabelecimento do vínculo afetivo, chegando mesmo a demonstrar uma certa preferência pelos seus filhos biológicos. Esta foi também a única mãe que, ao fazer a *distinção entre filhos biológicos e adotivos*, refere ter sentimentos diferentes relativamente aos filhos biológicos e à filha adotiva. Relativamente à *reação da mãe a sentimentos e comportamentos negativos da criança*, surge a *agressão física à criança*. Também no que diz respeito ao *percurso da relação pais-criança*, a mãe 5 foi a única a referir o *agravamento da relação*, o que sugere que não se verificaram evoluções durante os 30 meses em que a criança estava com a família, e, muito pelo contrário, a situação foi relatada pela mãe como cada vez mais insustentável.

No que diz respeito à subcategoria *ambiente familiar*, a mãe 5 destacou-se mais uma vez por ser a única a referir *relações problemáticas com a família alargada*. Faz alusão à dificuldade no relacionamento entre a criança e a avó materna, e atribui tais constrangimentos ao temperamento e ao comportamento da criança. Também na subcategoria *rede de recursos familiares*, nomeadamente relativamente às *atitudes barreira desenvolvimento da criança*, este aspeto foi novamente abordado, referindo a falta de paciência que a avó materna revela para com a criança.

No nível de análise centrado na identidade e experiência materna, mais concretamente ao nível da *sua auto-descrição perante o papel materno e convicções*, a mãe 5 foi a única a descrever-se como *incapaz de desempenhar o papel de mãe adotiva*. É de realçar a sua consciência, auto-conhecimento e transparência ao assumir-se como uma má mãe, chegando mesmo a acrescentar que a sua filha não merecia que assim fosse.

Por fim, quando nos reportamos às referências que permitiram fazer um balanço global da avaliação das experiências na parentalidade adotiva, verificou-se que foi esta a mãe com mais referências codificadas como vivências negativas.

Estes resultados com um carater excecional vêm justificar a importância deste último nível de análise (C), referente à valência emocional das vivências na parentalidade adotiva. Isto porque, apesar do panorama apresentado por esta mãe ser menos apazível do que aquele que foi globalmente referido, destaca-se uma experiência globalmente muito positiva nestas famílias. Não se trata de um dado novo e surpreendente em investigações deste âmbito, uma vez que também já havia sido destacado o caráter positivo que geralmente apresentam as

relações familiares nas famílias adotivas em outros estudos, como é o caso da investigação levada a cabo por Sánchez e Palacios (1996) e a elevada satisfação que, no geral, as famílias apresentam relativamente à adoção (Asbury, Cross & Waggenspack, 2003; Barth & Brooks, 2000; Borders, Penny & Portnoy, 2000; Brooks, Allen & Barth, 2002; Castle et al., 2009; Fernández y Fuentes, 2001; Judge, 2004, cit in Sánchez-Sandoval, 2011).

Destaque-se ainda que este balanço geral tão positivo, não se refere exclusivamente a uma primeira fase da designada “lua de mel” nestas famílias, mas a dois anos de vida em conjunto que incorpora diversas experiencias de dificuldade, dúvidas, receios e hesitações, mas que de modo algum vêm destronar uma avaliação mais positiva do projeto de adoção.

4. Conclusão

A presente investigação permitiu alcançar importantes resultados relativos à vivência da adoção, nos dois primeiros anos em que a criança é integrada na família. Em primeiro lugar, destaca-se que os dados obtidos são, em muito aspetos, idênticos aos expectáveis para o caso da parentalidade biológica. Desta forma, faz todo o sentido o paralelismo estabelecido por Sá e Cunha (1996) entre o momento de entrega da criança à família que a acolhe e o momento do nascimento de um filho biológico. Estes resultados, apesar de não serem inovadores são importantes contributos para normalizar a experiência das famílias adotivas, nomeadamente junto de potenciais interessados a ingressar neste projeto de vida. Constatar que as experiências reportadas pelas mães adotivas não diferem substancialmente das presumíveis em relação às mães biológicas, poderá ser importante para combater o estigma social que ainda se faz sentir, segundo sugere o discurso de algumas mães.

Apesar de globalmente as experiências da parentalidade biológica e adotiva parecerem semelhantes, existem aspetos que se diferenciam claramente. Um deles prende-se com o facto não ser comum falar-se em adaptação da criança no caso das famílias biológicas, tornando-se um conceito exclusivo das famílias por adoção. No caso destas últimas, não está subentendido que a criança tenha obrigatoriamente de se adaptar ao ambiente familiar, questão que nem se coloca quando um filho biológico nasce no seio de uma família.

É também de destacar um aspeto muito curioso que esta investigação revelou a respeito das práticas parentais. Habitualmente as práticas implementadas pelos pais são unicamente direcionadas para as crianças, no sentido de promover a sua educação. No entanto, as mães que participaram neste estudo salientaram também as atitudes dos pais face à parentalidade, isto é, as práticas que implementam para com eles próprios, procurando assim o melhor exercício possível da parentalidade.

Outra particularidade das famílias adotivas é a forma como são construídos os vínculos afetivos, particularmente entre pais e filhos. Foi possível constatar que, nesta amostra, as mães sentem-se intensamente ligadas aos seus filhos adotivos, percecionando o vínculo que nutrem por estes como uma ligação forte e, em grande parte dos casos, recíproca. Salienta-se o padrão pouco uniforme da construção e desenvolvimento do vínculo verificado, em que grande parte das mães referem uma ligação emocional imediata e inexistência de rejeições de recuos na relação por parte da criança enquanto outras referem que não existiu uma ligação emocional imediata e que a relação terá sido progressivamente construída.

Relativamente às outras duas grandes esferas específicas da adoção, a comunicação aberta sobre o passado e construção da identidade da criança, verificamos que estas temáticas ainda não estão presentes nas categorias identificadas devido à idade das crianças, que por serem ainda muito novas não justificam o surgimento de tais conteúdos no discurso materno. No entanto, as mães fazem grande alusão ao passado das crianças, à adoção e ao período de vida na instituição como forma de justificarem as dificuldades que enfrentam no presente.

Após apontadas as conclusões mais salientes deste estudo, é fundamental referir as suas principais limitações. Em primeira instância, importa salientar que, não tendo sido responsável pela recolha da amostra, não tive a oportunidade de contactar diretamente com as mães. Este aspeto poderá ter dificultado, em alguns momentos, a correta interpretação do seu discurso. De facto, de acordo com a metodologia de investigação qualitativa da *grounded theory*, se seguindo a sugestão de Rennie, Phillips e Quartaro (1988), seriam imprescindíveis 5 fases e todas elas desenvolvidas pelo mesmo investigador/autor dos resultados da investigação: 1) recolha de dados; 2) categorização – referente à transcrição e análise das entrevistas; 3) memoing – codificação das entrevistas em categorias emergentes com recurso ao NVivo; 4) parcimónia – organização das categorias de forma hierárquica e 5) construção da teoria – organização de ideias referentes às categorias centrais e às relações que estabelecem entre elas, material esse que constitui o elemento central da *grounded theory*.

Assim sendo, não estive presente na primeira fase, no entanto, todas as outras foram por mim asseguradas.

Ainda poderá encontrar-se outra limitação devido ao facto das transcrições não terem sido realizadas todas num único momento, sendo que o tempo decorrido entre o início das transcrições e a sua conclusão alargado, o que motivou a utilização de diferentes ‘códigos’. Consequentemente, a leitura das entrevistas poderá ter sido complicada por essa terminologia pouco uniforme e, eventualmente, poderá ter sido mais difícil respeitar o sentido subjacente ao discurso das mães.

Uma outra potencial limitação deste trabalho prende-se com o facto deste ter privilegiado a análise transversal dos conteúdos presentes nos discursos maternos, o que dificultou o acesso ao perfil dos discursos de cada mãe, tendo ficado mais lacunar uma eventual análise ao nível dos perfis de mães, agrupando-as de acordo com as referências codificadas. O facto da grelha final de categorias ser muito descriminada poderá constituir outra limitação, uma vez que a torna mais frágil ao nível da síntese.

Podem ser apontadas outras limitações a esta investigação, ao nível de outros estudos que a poderiam completar. De facto, esta investigação não contempla a comparação da amostra com outros grupos, como mães biológicas ou mães que realizaram uma adoção tardia, não inclui variáveis quantitativas sobre a criança e a mãe, pelo que também não foi explorado o cruzamento entre variáveis qualitativas e quantitativas. Mesmo de entre as categorias que emergiram, seria interessante efetuar mais cruzamentos de forma a obter dados que permitissem tecer uma leitura mais integrada da experiências que as mães relataram.

Efetuar o cruzamento de categorias recorrendo à grelha elaborada neste estudo constitui, sem dúvida, uma das principais sugestões para investigações futuras neste âmbito. Para além deste aspeto, seria de extremo interesse desenvolver estudos longitudinais com esta mesma amostra de mães e crianças, investigando aspetos particularmente importantes ao longo da sua história desenvolvimental. Um dos tópicos relevantes a investigar nesta amostra seria o impacto da transição para o ensino básico, percebendo como se procedeu “a separação” dos pais na entrada para o 1º Ciclo e comparando esse momento com os dados já recolhidos referentes à entrada para o jardim-de-infância. Outro aspeto muito característico nas famílias adotivas e que seria muito importante de perceber é a altura escolhida pelos pais para abordar a temática da adoção, bem como o modo como o pensam fazer, uma vez que estes conteúdos ainda não foram abordados nas entrevistas em estudo.

Com a presente investigação foi possível alcançar resultados muito otimistas no que diz respeito à constituição das famílias adotivas. Através do discurso das mães, bem como da percepção que revelam a respeito do processo de adoção, podemos depreender um balanço global muito positivo, não havendo indicadores que o identifiquem como problemático. De facto, as dificuldades apresentadas não pareceram ter sido impeditivas da construção de uma relação saudável entre pais e filhos, já que as mães se reportam frequentemente a dificuldades que enfrentaram ou continuam a vivenciar no processo mas, em contrapartida, são também capazes de identificar uma grande variedade de estratégias para as solucionar.

Desta forma, espera-se que os resultados obtidos constituam um dado relevante para a continuidade da investigação neste âmbito e, sobretudo, tenham uma forte utilidade prática. Nesse sentido, objetiva-se que possam vir a facilitar as vivências das famílias que se encontram a adotar, bem como, de famílias que perspetivam adotar, permitindo antecipar de certa forma algumas das particularidades que lhes são inerentes. Esta aplicação poderá ser alargada ainda a profissionais envolvidos na área da adoção e que contactem, direta e indiretamente com esta população, deixando-os mais sensibilizados e conhecedores a respeito das vivências envolvidas no processo de adoção.

Essencialmente, apesar de todas as dificuldades e receios enfrentados, os resultados obtidos sustentam o carácter positivo da vivência destas famílias constituídas mediante a adoção.

Referências Bibliográficas

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. II – Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Volume 1 - Attachment* (2ª ed.). New York: Basic Books.

Brodzinsky, D. M., Singer, L. M., & Braff, A. M. (1984). Children's understanding of adoption. *Child Development*, 55, 869–878.

- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and Parenting - Vol. 1* (pp. 279-311). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Brodzinsky, D. M. (2011). Children ' s Understanding of Adoption : Developmental and Clinical Implications, 42(2), 200–207. <http://doi.org/10.1037/a0022415>
- Ceccarelli, P. (2007). Novas configurações familiares: mitos e verdades. *Jornal de Psicanálise*, 40(72), 89–102. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352007000100007&script=sci_arttext&tlng=en
- Código civil. 5ª ed. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2014.
- Corbella, S., & Gómez, a M. (2010). Características de las familias adoptivas que facilitan la adaptación y consideraciones sobre los aspectos facilitadores de la integración. *Aloma*, 27, 51–66.
- Dey, I. (1993). *Qualitative Data Analysis – A User Friendly Guide for Social Scientists*. New York: Routledge
- Elliott, J. (2005). *Using narrative in social research: qualitative and quantitative approaches*. Los Angeles: Sage
- Feigelman, W., & Silverman, A. R. (1983). *Chosen children: New pattems of adoptive relationships*. New York: Praeger.
- Ferreira, S. A., Pires, A., & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração ... Adopção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 2, 399–411. Retrieved from: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v22n2/v22n2a08.pdf>
- Fonte, L. (2004). *Novas Famílias – A Monoparentalidade e a Adopção*. Monografia de final de Curso. Retrieved from: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0045.pdf>
- Fontenot, H. B. (2007). Transition and adaptation to adoptive motherhood. *JOGNN - Journal of Obstetric, Gynecologic, and Neonatal Nursing*, 36(2004), 175. <http://doi.org/10.1111/j.1552-6909.2007.00134.x>

- Gibbs, A. (2010). Parenting adopted children and supporting adoptive parents : Messages from research. *Aotearoa Social Work Reveiw*, 22(22), 44–52. Retrieved from: <http://search.informit.com.au/documentSummary;dn=704588156771595;res=IELHSS>
- Grotevant, H. D., & McDermott, J. M. (2014). Adoption: biological and social processes linked to adaptation. *Annual Review of Psychology*, 65, 235–65. <http://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115020>
- Hoksbergen, R.A.C. (1997). *Child adoption: a guidebook for adoptive parents and their advisers*. Londres: Jessica Kingsley Publishers
- Howat-Rodrigues, A. B. C., Tokumaru, R. S., de Amorim, T. N., Garcia, A., & Izar, P. (2013). Genetic and adoptive motherhood: Stress, marital relationship, and child care support. *International Journal of Psychology : Journal International de Psychologie*, 48(6), 1212–20. <http://doi.org/10.1080/00207594.2013.789879>
- Huber, M., & Siqueira, A. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria E Prática*, 12(2), 200–216. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000200014
- Johnstone, J. (2007). *Factors influencing the attachment journey of adoptive parents with a Russian child*. Master of Arts thesis, Dunedin: University of Otago.
- Karen, R. (1998). *Becoming Attached: The character of parental love*. New York: Oxford University Press.
- Koepke, J., Anglin, S., Austin, J. , & Delesalle, J. (1991). Becoming parents: Feelings of adoptive mothers. *Pediatric Nursing*, 17, 333-336.
- Levy-Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Developmental Psychology*, 27(1), 131–140. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.27.1.131>
- Lionetti, F. (2014). What promotes secure attachment in early adoption? The protective roles of infants' temperament and adoptive parents' attachment. *Attachment & Human Development*, 16, 573–589. <http://doi.org/10.1080/14616734.2014.959028>

- Macdonald, M., & Mcsherry, D. (2013). Constrained adoptive parenthood and family transition: Adopters' experience of unplanned birth family contact in adolescence. *Child and Family Social Work*, 18, 87–96. <http://doi.org/10.1111/cfs.12031>
- Mcdonald, T. P., Propp, J. R., & Murphy, K. C. (2001). The Postadoption Experience: Child, Parent, and Family Predictors of Family Adjustment to Adoption. *Child Welfare League of America*, 71–95.
- McKay, K., & Ross, L. E. (2010). The transition to adoptive parenthood: A pilot study of parents adopting in Ontario, Canada. *Children and Youth Services Review*, 32(4), 604–610. <http://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2009.12.007>
- McKay, K., Ross, L. E., & Goldberg, A. E. (2010). Adaptation to Parenthood During the Post-Adoption Period: A Review of the Literature. *Adoption Quarterly*, 13(2), 125–144. <http://doi.org/10.1080/10926755.2010.481040>
- Mendes, E. (2012). *Ser pai por adoção: Um estudo exploratório*. Unpublished master's thesis. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Morris, A.(1999). *The Adoption Experience - Families who give children a second chance*. Jessica Kingsley Publishers, London.
- Palacios, J. (2010). Familias adoptivas. In E. Arranz & A. Oliva (Eds.), *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares* (pp. 51-67). Madrid: Ed. Pirâmide.
- Palacios, J., & Brodzinsky, D. M. (2010). La investigación sobre adopción: tendencias e implicaciones. *Revista de Psicologia, Ciències de l'Educació I de l'Esport*, 27, 39–50. Retrieved from <http://www.raco.cat/index.php/Aloma>
- Palacios, J. & Sánchez-Sandoval, Y. (2005). *Beyond Adopted/Nonadopted Comparisons*. In Brodzinsky, D. & Palacios, J. (2005). *Psychological Issues in Adoption: Research and Practice* (117-144). Westport: Praeger Publishers
- Pim, J. E., Ferreira, M., Rodrigues, M., & Costa, S. (2006). Novas formas de família: O caso da adoção para quem já tem filhos biológicos. *Revista de Antropología Experimental*, 6,

- Relvas, A. & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. (2ª Eds). Coimbra: Quarteto Editora
- Rennie, D. L., Phillips, J. R., & Quartaro, G. K. (1988). Grounded theory: A promising approach to conceptualization in psychology? *Canadian Psychology/Psychologie Canadienne*, 29(2), 139–150. <http://doi.org/10.1037/h0079765>
- Rodrigo, M. & Palacios, J. (2001). La familia como contexto de desarrollo humano. In M. Rodrigo & J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (2ª ed., pp. 25-44). Madrid: Alianza Editorial.
- Román, M., & Palacios, J. (2011). Separación, pérdida y nuevas vinculaciones : el apego en la adopción [Separation, loss and new bonds: Attachment in adoption]. *Acción Psicológica*, 8, 99–111. <http://doi.org/10.5944/ap.8.2.446>
- Rosenberg, E. (1992). *The adoption life cycle*. New York: The Free Press
- Sá, E. & Cunha, M.J. (1996). *Abandono e Adopção: O nascimento da família*. Coimbra: Livraria Almedina
- Sánchez-Sandoval, Y., & Palacios, J. (1996). Relaciones padres-hijos en familias adoptivas. *Anuario de Psicología*, 71, 87–105. Retrieved from: <http://www.raco.cat/index.php/AnuarioPsicologia/article/download/61337/8895>.
- Sánchez-Sandoval, Y. (2011). Satisfacción con la adopción y con sus repercusiones en la vida familiar. *Psicothema*. Vol. 23, nº 4, 630-635. Retrieved from: <http://www.psicothema.com/pdf/3933.pdf>
- Santona, A., & Zavattini, G. C. (2005). Partnering and parenting expectations in adoptive couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 20(3), 309–322. <http://doi.org/10.1080/14681990500142004>
- Santos, M. A., Raspantini, R. L., Silva, L. A., & Escrivão, M. V. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Psic*, 4, 14–21. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-73142003000100003&script=sci_arttext

- Schettini, S., Amazonas, M., & Dias, C. M. D. S. (2006). Famílias adotivas: Identidade e diferença. *Psicologia Em Estudo*, 11, 285–293. <http://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200007>
- Schmidt, D., Rosenthal, J., & Bombeck, B. (1988). Parents's Views of Adoption Disruption. *Children and Youth Services Review*, 10, 119–130. doi:10.1016/0190-7409(88)90032-1
- Singer, L. M., Brodzinsky, D. M., Ramsay, D., Steir, M., & Waters, E. (1985). Mother-infant attachment in adoptive families. *Child Development*, 56, 1543–1551. <http://doi.org/10.1093/jpepsy/jsm062>
- Smith, J. (1997). *The realities of adoption*. Maryland: Madison Books
- Steele, M., Hodges, J., Kaniuk, J., & Steele, H. (2010). Mental Representation and Change: Developing Attachment Relationships in an Adoption Context. *Psychoanalytic Inquiry*, 30(1), 25–40. <http://doi.org/10.1080/07351690903200135>
- Timm, T. M., Mooradian, J. K., & Hock, R. M. (2011). Exploring Core Issues in Adoption: Individual and Marital Experience of Adoptive Mothers. *Adoption Quarterly*, 14(4), 268–283. <http://doi.org/10.1080/10926755.2011.628264>
- Walker, J. (2008). The Use of Attachment Theory in Adoption and Fostering. *Adoption & Fostering*, 32(1), 49–57. Retrieved from: <http://docs.scie-socialcareonline.org.uk/fulltext/83857.pdf>
- Weir, K. N. (2004). Adoptive Family “Leap-Frogging” Patterns. *Adoption Quarterly*, 7(1), 27–41. http://doi.org/10.1300/J145v07n01_03
- Zeanah, C. H., Smyke, A. T., & Dumitrescu, A. (2002). Attachment disturbances in young children. II: Indiscriminate behavior and institutional care. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 41(8), 983–989. <http://doi.org/10.1097/00004583-200208000-00017>

Anexos

Anexo I:
Guião da entrevista sobre a relação mães-criança

Anexo I: Guião da entrevista sobre a relação mães-criança

Responsável: Prof. Doutora Margarida Rangel Henriques

Investigadora: Marlene Sousa

Fase 2



Entrevista sobre relação mãe-criança

Instrução geral:

“Ao longo desta entrevista irei colocar-lhe algumas questões no sentido de perceber a sua experiência em adotar o/a (nome da criança). Para tal, gostaríamos que procurasse recordar o início de todo este processo, quando o/a seu/ua filho/a ainda não se encontrava integrado no seio familiar, e fosse mencionando as diversas experiências vividas (positivas e negativas) até chegar ao momento atual. A ideia será rever todo o período desde que o(a) (nome da criança) veio para a família, até hoje, e procurar identificar problemas, dificuldades que o(a) (nome da criança) lhe colocou ou tem colocado na relação consigo, mudanças e estratégias implementadas para superar as dificuldades. Depois de o fazer, pedimos-lhe que nos fale dessas experiências o mais detalhadamente possível, que as relate com riqueza e de modo desenvolvido. Pode usar as palavras que quiser e levar o tempo que precisar. Os conteúdos que partilhar comigo são confidenciais, pelo que lhe peço que seja o mais sincera possível”.

1. Começaria por perguntar-lhe como foi a sua relação com o/a (nome da criança) nos primeiros tempos. Gostaria que me relatasse de forma detalhada as dificuldades que surgiram nos primeiros tempos de relação o/a (nome da criança), bem como as estratégias que implementou para as superar e as mudanças subsequentes.
2. Como é que a relação mudou nos primeiros meses? Como é que a caracteriza agora, no momento atual? Gostaria que me relatasse de forma detalhada as dificuldades que existem atualmente bem como as estratégias que implementou para as superar e as mudanças subsequentes.
3. O que é que facilitou essa relação? O que é que não funcionou? O que é que teria ajudado?

4. Quais os elementos, as características que a criança trouxe à relação que facilitaram ou dificultaram na primeira fase a relação?
5. Quais os elementos, as características que você trouxe à relação que facilitou ou dificultou na primeira fase a relação?
6. Descreva o primeiro momento em que sentiu que a criança estava vinculada a si.
7. Descreve o primeiro momento em que se sentiu vinculada à criança.
8. Existe algum episódio que considere ter constituído uma rejeição por parte do(a) (nome da criança)?
 - 8.1. Pode explicar-me como é que essa experiência constituiu uma rejeição na vossa relação?
 - 8.2. Como é que essa rejeição a fez sentir?
 - 8.3. Como é que lidou com isso? Quais foram as estratégias implementadas?
9. Existe algum episódio que considere ter constituído um recuo na sua relação com o(a) (nome da criança)?
 - 9.1. Pode explicar-me como é que essa experiência constituiu um recuo na vossa relação?
 - 9.2. Como é que esse recuo a fez sentir?
 - 9.3. Como é que lidou com isso? Quais foram as estratégias implementadas?
10. Como se descreve enquanto mãe? (Se for mãe/pai de outra criança, inclua a descrição do cuidador enquanto mãe/pai dessa criança, se essa informação for fornecida voluntariamente, mas peça exemplos específicos relativos à criança alvo).
 - 10.1. O que mais lhe agrada em ser mãe?
 - 10.2. O que mais lhe desagrada ou causa dificuldade em ser mãe?
 - 10.3. Em que é que ser mãe do(a) (nome da criança) a tem feito mudar?

Anexo II:
Quadros relativos à dimensão de análise:
‘Descrição das vivências na família ao longo nos dois primeiros anos de adoção’

Anexo II – A: Subcategoria ‘A chegada e a adaptação’

Anexo II B – Subcategoria ‘ Ralação Pais-Criança’

Anexo II - C: Subcategoria ‘Evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção’

Anexo II - D: Subcategoria ‘Ambiente familiar’

Anexo II – E: Subcategoria ‘Rede de recursos familiares’

Anexo II – A: A chegada e a adaptação (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 1 - Categoria 'A chegada e a adaptação'

A chegada e a adaptação			Exemplos
A chegada da criança à família	Reconhecimento da criança da mudança de ambiente (5/5)		Mãe 22: “ Eu lembro-me que ela, no primeiro dia, ela veio/ logo na noite que passou, no dia seguinte, quando acordamos, eu tirei-lhe uma fotografia em que ela estava sentada na cama e está a olhar para nós e disse ‘que é isto, onde é que eu estou, quem é esta gente?’”.
	Indicadores de uma chegada positiva da criança (25/54)		Mãe 2: “ Não é que chorasse, ria-se muito na mesma. Sempre muito bem-disposto. Dormiu bem, não rejeitou comida, não rejeitou... nada, absolutamente. Continuou com as rotinas dele.”
	Adaptação da criança às regras e rotinas familiares (2/4)		Mãe 39: “ (I: Foi mais complicado...) E o passear com ela no carro. [I: Hum, hum) É isso. Era complicadíssimo! [I: Hum, hum] Mas pronto, passou. [I: Exato e.../] Consegui dar a volta”.
Mudanças na vida familiar	Ambiente familiar	Desorganização em casa (3/3)	Mãe 28: “Eu agora às vezes até tenho vergonha das fotografias, porque as fotografias tiravam-se e era a sala, ainda na casa antiga, no apartamento, que não tínhamos lavandaria, a sala cheia de roupa pendurada por todo o lado a secar, não é? Muita roupa para/ é diferente, não é? [I: Claro que sim] De três em três horas/ e não é de três em três, de três em três mas antes que ela acaba de mamar já passou mais meia [I: Exatamente] e depois muda a fralda, e depois não sei quê, quando se vai a ver já é hora da mamada seguinte. Aquilo é.. ((risos)) É, a todo o tempo, e nos intervalinhos é só ir lavar a roupa e estender, não se faz mais nada”.
		Mais alegria em casa (10/12)	Mãe 4: “Aquele lado alegre dele, acho que foi um dos aspetos que contribuiu imenso, porque eu acho que ele transmitiu tanta alegria à casa, ahm, que.. que passou para nós também.. ahm, não é?! Não sei se também nós transmitimos provavelmente essa felicidade ao bebé, mas eu acho que ele também nos transmitiu muito a nós. E pronto, eu acho que.. até engravidei, tá a ver?! ((risos))”.
	Dinâmica Familiar	Relação conjugal (9/12)	Mãe 34: “Foi um caminho que nós escolhemos [I: Hum hum] e que, portanto, seria para dedicar tempo para eles. Abdicarmos de nós um bocado para eles [I:Hum hum]”.

	Dinâmica Familiar (continuação)	Comportamento dos irmãos (2/4)	Mãe 15: “O João também é dócil, agora é assim, claro que ele sofre na mão dela, eu tenho consciência disso, porque ele agora também já a pica, já a provoca. [I: Exato, exatamente] Já a irrita da forma que ele sabe que irrita, não é? [I: Exato] Já não se fica, no início não, eu dizia ao João ‘não quero que tu lhe batas mas tu tens de te defender’”.
	Horários e rotinas	Constatação da existência de mudanças (15/19)	Mãe 6: “Claro, em termos de trabalho, mais um bocadito, que é normal, toda a gente sabe, não é? Mais roupa, mais cansa, porque é levantar a Mariana cedo, vestir, dar pequeno-almoço, tudo”.
		Queixas de sobrecarga para os pais (7/8)	Mãe 2: “Como pais reclamamos pra sempre “Ah que agora apetecia-me estar no sofá deitada!”. Mas pronto, isso são todos os pais que dizem. A partir daí, se tens um bebé...essa.../[I: Não dá pra descansar] Não, não!”.
Dificuldades dos pais e da criança na adaptação (10/15)			Mãe 14: “E ele vinha já com um certo estilo de vida, uma certa maneira de ser e assim e que era um bocado complicada. Por exemplo, a maneira como ele comia, como ele brincava... ele quando foi para minha casa, ele comia com as mãos... (...). se nós falássemos mais alto, ele escondia-se debaixo das coisas. Era complicado. ‘Mas porque é que ele faz isso? Como é que nós vamos fazer?’. Se nós: ‘eu ponho-te de castigo’, ele virava-se logo para a parede, eu achava isso... a minha metia-me muita confusão, para mim castigo não era virá-lo para a parede, estar ali, ‘olha tens de estar aí um determinado tempo a olhar para a parede sem fazer nada’”.
Facilitadores da adaptação (10/17)			Mãe 1: “Sim, portanto, foi sempre muito positivo, mesmo e ele próprio também é muito amável, é muito sociável, mesmo com as pessoas que não são da família, quando nós vamos à aldeia, nós vamos à aldeia e ele fala com toda a gente, com toda a gente, conhece toda a gente, mesmo na rua, tudo a sair do colégio, diz bom dia, boa tarde [I: Portanto é muito/essas características depois acha que tem aqui um impacto positivo nos outros?], sim, sim, [I:E depois há também aqui essa reciprocidade, não é?]/ as pessoas gostam, acham piada, gostam dele”.

Anexo II - B: Relação Pais-Criança (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 2 - Categoria 'Relação Pais-Criança'

Relação Pais-Criança					Exemplos
Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo	Criança manifesta preferência por um adulto	Preferência pela mãe (11/14)			Mãe 23: “Ela depois agarrou-se muito a mim, eu era a única pessoa praticamente que lhe podia tocar, mesmo para tudo, para tudo! Para vestir, para dar banho, para dar colo, para tudo! Ela não deixava ninguém aproximar-se. Nem pai”.
		Preferência pelo pai (12/24)			Mãe 26: “É engraçado, porque ele olhou para o meu marido de uma forma diferente do que olhou pra mim. Logo no primeiro dia que me viu [I:hum, hum], Sim, gostou muito mais da interação, com ele foi muito maior do que comigo”.
		Preferência por outro adulto significativo (2/2)			Mãe 35: “Ela era mais vinculada à minha cunhada. [I:Hum hum]. É que a minha cunhada é mais meiga, é mais permissiva, é/ tem uma voz mais ternurenta. Enquanto eu tratava dela, não sei quê, mas lá está, (()) que era ela que estava com ela ao colo. E ela muitas/ e tem (()) só porque sim. (()) E ela tinha preferência por ela do que por mim”.
	Percepção do vínculo afetivo	Criança reconhece os pais como seus (20/34)			Mãe 20: “Por exemplo, eu no início passava e ele ficava a olhar ou chorava, depois houve uma fase em que dizia só adeus, e agora passo, “mamã é minha, mamã!” ((risos)). Pronto só ali há um sentimento de posse, agora”.
		Mãe reconhece a criança como sua (21/37)			Mãe 3: “E sinto-me mãe, mesmo mãe. Por tudo. Ahmm, porque falo com a Cláudia desde sempre e a Cláudia é minha filha.. Desde o primeiro momento é minha filha”.
		Não reconhecimento do vínculo (1/4)			Mãe 5: “E depois a miúda parece.. parecia mongoloide. E depois sempre assim a olhar para nós e não dizia nada.. E agora ao longo do tempo vai-se notando que a criança tem um atraso. E..e..e.. tá a ter.. não sei.. Não é... geneticamente não é minha!”.
	Reação às separações	Reação da criança	Aceita a separação (7/10)		Mãe 13: “Foi no fim-de-semana passado foram os dois para casa dos pais da minha afilhada, nossos amigos, eles foram lá a casa. Eles têm duas miúdas. A minha afilhada tem 2 anos e uma outra com 5. Foram lá a casa e quando se iam embora, em tom de brincadeira “então vocês vêm?” e foram mesmo. Entraram os dois no carro, jantaram com eles e só depois é que vieram para casa mas nem queria vir embora”.
			Aceita a separação com algumas restrições (8/10)		Mãe 6: “Ela se estiver um bocado/ pode ir e vai com todos mas a mãe e o pai! [I: ((risos)) Quer de vez em quando estar com o pai e com a mãe”.

Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo (continuação)	Reação às separações (continuação)	Reação da criança (continuação)	Não aceita a separação (12/23)		Mãe 14: “É complicado deixá-lo porque ele não gosta. Ele gosta de andar mesmo connosco, não gosta de ficar com ninguém. [I: Ele reage.../] Chora, fica triste...”.
		Reação dos pais	Aceitação da separação (8/12)		Mãe 13: “Estão naquela fase mesmo de desligar que eu acho ótimo, pessoalmente não me importo nada que eles sejam assim, quero que eles sejam assim, eu era assim em miúda e gosto que eles sejam assim”.
			Preocupação (8/11)		Mãe 14: “Triste também. Eu ao vê-lo triste fico triste também, sem dúvida nenhuma, e sempre preocupada, não ando bem”.
			Evitamento da separação (1/1)		Mãe 11: “É assim não é, não é uma coisa que seja agradável portanto evitamos ao máximo isso, não é? [I: Exato] Se sabemos pronto se há a necessidade de eles ficarem com alguém diferente se sabemos que ele não conhece esse alguém mesmo que a gente conheça esse alguém não os deixamos... regra geral não”.
			Não-aceitação da separação e tristeza (10/13)		Mãe 12: “ É assim, também nunca tive, nem imagino estar muito mais tempo sem ela. Portanto, o tempo do trabalho praticamente e só isso porque também não imagino estar assim dias a fio sem estar com ela”.
	Leitura dos comportamentos e emoções da criança	Estados emocionais da criança (11/14)			Mãe 3: “Às vezes eu digo: 'Hoje estás de mau humor. Hoje acordaste do lado errado.' E ela às vezes vem assim mais aborrecida, mas com o desenrolar do dia, eu sei que ela melhora, mas às vezes é assim.. Principalmente, quando dorme muito à tarde, quando ela acorda assim mais.. 'Já dormiste demais? Agora olha.. mudaste o humor!’”.
		Necessidades básicas da criança (8/11)			Mãe 1: “E agora também já o conhecemos. Agora sei perfeitamente que quando ele fica mal disposto, há dois motivos [I:Hum hum]. Ou está com fome ou está com sono”.
		Necessidades de afeto e atenção por parte da criança (3/5)			Mãe 25: “Mas quando está com aquela/ pronto, não sei, vem lá com agitada, durante o dia não sei o quê que se passou, que não brincaram/ ela precisa de tudo só para ela. [I: Só para ela. A atenção muito focada nela.] Ah.. não ela em si mas estar sempre com ela, brincar com ela, de lhe fazer o que ela quer”.
		Reconhecimento das características da criança (3/3)			Mãe 11: “Ele é muito teatral, bem mais do que eu também pronto é criança, óbvio! Eu consigo perfeitamente perceber quando é que é teatro e quando é ele há-de parar quando pronto... se calhar entendendo-o bem...”.

Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo (continuação)	Reação da mãe a sentimentos e comportamentos negativos da criança	Apreender com a situação (2/3)			Mãe 26: “E eu fico perdida e é isso, é isso que me faz-me tentar me melhorar, percebe? E não reagir logo de forma errada, portanto para próxima vez não o levo ao parque”.
		Desespero (1/2)			Mãe 5: “Geme, tudo sem lágrimas! Já é uma coisa só para mostrar que não quer. Depois.. aquilo esperar até chegar a vez, sempre ali a Catarina a fazer.. a pegar em tudo e eu: ‘Catarina, não toques!’... Ai Jesus! Aquilo é para matar-me por dentro”.
		Desvalorização (5/6)			Mãe 19: “Quando eu chego ela esconde-se e vira-me a cara ao início e eu ignoro. Faço de conta: “Oh T., a mamã chegou! Pronto já estou aqui”. Faço de conta que estou a tratar das minhas coisas e ela daí a um bocadinho está agarrada a mim com saudades da mamã”.
		Irritação (4/4)			Mãe 26: “Ele prefere o pai [I: hum, hum], mas eu não consigo gerir nada melhor isso porque ainda me irrita mais [I: hum, hum] aí sou mesmo infantil”.
		Preocupação (1/1)			Mãe 38: “Ah, eu fico preocupada. Pois fico. Fico preocupada, porque é assim: ele não pode ficar com ninguém, não é? A minha mãe muitas vezes quer ficar com ele. Eu assim: ‘Não pode ser, porque já sabes que...’ Se é difícil para nós, para uma pessoa de 70 anos... [I: Mais complicado] Pior, não é? Eu lembro-me que fiquei preocupadíssima a primeira vez que ele me saiu da cama e do parque, que eu até chorei na altura. Eu assim: ‘Como é que vai ser?’”.
		Tristeza (5/5)			Mãe 11: “Nuno vai mais para o pai e eu caramba ((risos)) fico assim mais, mas pronto passa ((risos)) [I: Mas pronto sente isso com alguma tristeza?] É”.
		Agressão física à criança (1/1)			Mãe 5: “Eu, ih Jesus, cheguei a casa e preguei-lhe duas palmadas no rabo, porque.. só para aliviar a minha dor. Aquilo é demais!”.
	Comparação da criança a filhos biológicos	Distinção entre filhos biológicos e adotivos (2/6)			Mãe 5: “Eu quando estou com ela é como quem está com um estranho.. Com um estranho que.. não sei, que se tem aqueles sentimentos de tentar proteger e isso.. A pessoa... Mas quando é com os outros dois, eu acho que, quando eles estão doentes, eu fico tão... eu durmo sempre com eles, dou ali aquela superproteção. O que eu tenho com eles e com ela...”.
		Equiparação entre filhos biológicos e adotivos (13/48)			Mãe 6: “Eu nunca olho para a Mariana e sinto que foi uma criança adotada. [I: Hum hum] Sinto que ela que saiu de dentro de mim [I: Hum hum]. Nunca me lembro “ fui buscar esta criança, aquele dia”, nunca me passou isso pela cabeça”.

Estabelecimento e desenvolvimento do vínculo (cont.)	Impacto emocional do estabelecimento do vínculo	Ligação emocional imediata e inexistência de rejeições de recuos na relação por parte da criança (33/80)			Mãe 14: “Sim, acho que nunca assim... houve sempre muita ligação entre nós, entre o casal e ele. Mesmo, mesmo muito! Desde o primeiro dia. A maneira como ele, até o pessoal da diocese “nem parece que ele está em casa há dois dias ou três”, ficavam admirados mesmo. Ele nunca me largava para nada e acho que continua assim”.
		Inexistência de ligação emocional imediata e relação construída ao longo do tempo (8/15)			Mãe 29: “Eu acho que foi em crescendo/ [I: E não há assim nenhum crescendo específico ?] Eu, eu não consigo, não consigo identificar momento específico, acho que foi mesmo gradual, foi crescendo, fomos, fomo-nos conhecendo, não é? [I: Exatamente] E..e confiando uma na outra e ganhando esta relação, acho que foi mesmo”.
		Rejeição por parte da criança (8/20)			Mãe 5: “Eu sinto-me rejeitada quando estou no supermercado e ela trata a outra por mãe.. isso sim. Ou, foi aquele primeiro ano que fomos para praia e nós estávamos debaixo lá daquele guarda sol.. (...) E nós estávamos lá sentados, já não sei, a comer qualquer coisa, e ela foi para tenda ao lado para comer, já não nos queria a nós...”.
	Percurso da relação	Identificação de evolução global na relação (26/45)			Mãe 8: “Mas depois percebi que ia ser tudo/ tinha que ser tudo muito natural e que as coisas iam acontecendo naturalmente. E a verdade é que uma pessoa/ acho que o amor é tão instintivo, é tão natural, que não consigo explicar, é mesmo sentir. Mas a verdade, também posso dizer, é que o meu amor pelo Miguel neste momento é muito maior que na primeira semana, nas duas primei/ no primeiro mês, eu/ Acho que uma pessoa começa naturalmente a ama-lo, mas claro que agora, agora uma pessoa não consegue pensar em ficar sem ele, não é?”.
		Identificação de agravamento na relação (1/2)			Mãe 5: “Eu acho que agravou... está a agravar ao longo do tempo, porque ela está a ficar maior, está a dizer mais coisas e está a ficar uma relação mais complicada”.
Manifestações de afeto e momentos de interação familiar	Manifestações de afeto	Criança manifesta necessidade de receber afeto e atenção (6/7)			Mãe 21: “Eu acho que ela às vezes também faz muita asneira [I: Hum hum] porque.. porque, ou seja, para chamar a atenção, não é? [I: Hum hum]. Se uma pessoa não lhe estiver a dar muita atenção, se eu chegar a casa e porque tenho montes de coisas para fazer ainda, e se começo logo a andar de um lado para o outro e não lhe dou a devida atenção, ela parte para a/ conforme eu costumo dizer, está a partir para a asneira [I: Hum hum, hum hum]. Acho que é para chamar a atenção”.

Manifestações de afeto e momentos de interação familiar (continuação)	Manifestações de afeto (continuação)	Proteção e afeto dos pais em relação à criança (19/35)			Mãe 8: “E pronto, e viver/ e não ter medo de dizer “eu amo-te muito, és muito importante para mim.” [I: Ser expressiva também no sentimento que nutre por ele]. Dizer “tu és um filho super querido para o papá e para a mamã, tu és um filho muito desejado para o papá e para a mamã, és um filho maravilhoso para o papá e para a mamã” ((risos)). E pronto, dizemos isso muitas vezes”.
		Mãe reconhece manifestações de afeto da criança para com os seus pais (12/21)			Mãe 16: “Temos uma ligação muito grande na mesma, que ela diz que eu sou o amor. Ela vem a correr e diz que sou o amor dela, a namorada”.
	Momentos de interação familiar	Momentos de interação lúdica e afetiva (24/48)			Mãe 4: “ Às vezes até de... parece de amiguinhos, que eu sento-me muito a brincar com ele e não sei quê... e com o mano”.
		Momentos centrados nos cuidados prestados à criança (10/12)			Mãe 24: “Não sei se também os outros casais é assim, ah, o pai está sempre presente, acompanha-nos sempre às consultas sempre do Miguel, o pai está sempre presente, eu ainda nunca fui a nenhuma consulta ao pediatra com Miguel sozinha, vamos sempre os três. Sempre, e conversamos e falamos”.
Práticas parentais	Estratégias implementadas pelos pais	Corrigir a criança (2/2)			Mãe 14: “Saber dar a volta sem ralhar que era ao que ele estava habituado: “não faças assim”. Pronto, até um pessoa habituar aos pouquinhos primeiro com a colher e depois agora mais ou menos já começamos com a faca e o garfo a ver se ele se habitua”.
		Usar estratégias de negociação e dar possibilidades de escolha (5/7)			Mãe 15: “Tenho que tentar criar estratégias que vá de encontro àquilo que nós queremos que eles façam, sem eles se aperceberem muito, não é? Mas, e foi numa dessas, eu tentando impor a regra sem ela perceber que era eu que a estava a impor, ah, mas, mesmo, mas ela mesmo assim e desde muito pequenina negocea com o adulto. Ela tenta sempre negociar, sempre, pronto”.
		Discutir os comportamentos da criança na sua presença (1/1)			Mãe 3: “Tentamos sempre discutir tudo e mesmo à frente da Cláudia falar e dizer: 'Esta menina está a ficar uma malandra não sei quê, o pai e a mãe não gostam', ou 'Ah muito bem olha que hoje a cláudia, fez isto, fez aquilo'. (...) 'Ah ainda bem, a Cláudia está a ficar crescida, não sei quê, uma mulher'. E ela apercebe-se..”.

Práticas parentais (continuação)	Estratégias implementadas pelos pais (continuação)	Manter a consistência nas práticas parentais (11/21)			Mãe 8: “Tentamos que ele/ estar os dois mais ou menos em sintonia a nível de educação com ele, e nesse aspeto acho que temos conseguido e isso está-se a refletir no Miguel”.
		Permitir a exploração mas com vigilância (1/1)			Mãe 1: “Até onde é que ele pode ir sem se magoar [I:Hum hum]. Claro que o deixo cair no chão, não é? Mas no sentido de ampara-lo mas sem proteger demasiado”.
		Punição (25/56)			Mãe 17: “Se me zango com ele, ralho com ele, fica de castigo, e ele fica a chorar porque está sentido”.
		Reforço (2/3)			Mãe 39: “Quando há algo positivo que faz, ela fica toda contente. Porque nós, também, damos atenção àquele feito”.
		Transmissão de valores (8/19)			Mãe 29: “Eles também podem falhar, portanto também não têm que ser perfeitos, ahmm, mas acho que tento passar um bocadinho também isso pra eles, de..que nem sempre a mãe está bem, que..e peço desculpa, sou capaz de lhes pedir desculpa quando falho com eles, que exagerei com eles, acho que procuro, acho que enquanto mãe há muito esta questão da comunicação, tento fomentar isto”.
		Estabelecimento de limites	Definição de regras (17/29)		Mãe 9: “Às vezes no shopping, no carrinho, o carrinho (()) ele começou a correr. "Vais.. pela minha mão. Não sais da nossa beira. Se saíres vais para o carrinho" [I: Hum hum.] No início, sempre que íamos às compras ele queria sempre, mas agora já percebe que sai da nossa beira, vai para o carrinho, acabou!”.
			Definir e manter a sua opinião (dizer “não”) (15/30)		Mãe 20: “E não pode ser porque realmente é nestas idades também que se educa, não é? e eles percebem perfeitamente as fragilidades de.. e.. pronto/ e às vezes aquilo também “Miguel não pode ser, Miguel não..” pronto/ não pode ser”.
			Ser figura de autoridade (11/19)		Mãe 25: “Abro-lhe os olhos e digo “escusas de estar a desafiar, porque quem manda sou eu” ((risos))”.
		Conversar com a criança (17/34)			Mãe 15: “Olha, eu tento sempre ter paciência e explicar-lhe sempre, porque a nossa ideia é essa, eu acho que quando eles percebem as coisas, facilitam”.
		Distrair a criança (3/4)			Mãe 16: “Todos os dias ela chega à loja, que é no hipermercado, não é? “Mãe vamos às compras?” Eu digo sempre “eu vou, vou, não é? (()) primeiro, mas já fiz as compras” “Mas eu queria ir de compras!” Eu nem lhe ligo, “está bem, amanhã”. Já com o meu sobrinho eu tinha um truque que era sempre amanhã, amanhã, amanhã, eu dizia e ele ia esquecendo, pronto há dias que não resulta, não é? A gente tem que também cooperar um bocadinho [I: exato] não é?”.

Práticas parentais (cont.)	Estratégias implementadas pelos pais (cont.)	Estimulação (3/4)			Mãe 31: “ Pronto, e depois também acabei por pô-la na natação e na dança porque acho que é um sítio onde ela pode explodir a energia que tem [I: Hum, hum] Aproveitar a energia que tem se calhar de um modo positivo. [I: Hum, hum] Sem estar a..estar sempre constrangida de estar sentada ou quieta mas num sítio onde possa mexer, saltar, pular e.. [I: Hum, hum] E dar asas à, à liberdade dela”.
		Ignorar ativo (16/25)			Mãe 10: “Eu fiz papa ao pequeno-almoço e ela cismou que não queria papa, não queria papa. Não sei o que queria, mas não queria papa, pronto. Chorou, chorou, chorou. Eu disse assim ‘tu estás a chorar, eu vou tomar banho’, e ela ficou na cozinha a chorar e eu fui tomar banho. Estava a acabar de tomar banho, apareceu-me ela ‘mamã, ajudas-me a comer?’ . Como viu que não resultou, ‘então vou comer a papa’. Eu disse ‘está bem. Então já te vou ajudar’. Saí do quarto, fui ajudá-la, comeu a papa, pronto passou”.
		Impedir que a criança fuja de perto dos pais (4/4)			Mãe 32: “Depois eu prendo-a. Por exemplo, se estiver a falar com ela sobre alguma coisa e ela quer fugir da minha beira, eu prendo assim com as pernas, disfarçadamente, que é para ela não ver que eu a estou a prender, não é! Mas já não a deixo fugir. Estou a falar com ela, ela tem que estar ali à minha beira”.
		Induzir um comportamento na criança (3/3)			Mãe 35: “Em casa, olha, 'Rita, eu não quero saber, xau!' Eu vou! Saí porta fora e bati a porta. Ela fica lá dentro, porque ela depois, não sei se é do facto de ser rapariga, fica ali a jogar o elástico, a ver quem é (()). E eu chamo o elevador/ Ah, e ela depois, ela diz: "Onde é que ela está? Onde é que ela está?". E saiu”.
		Minimizar o impacto da separação física à criança (4/5)			Mãe 38: “E pronto, eu agora faço assim. Eu estou aqui com eles... Jantamos, arrumo a cozinha, estou aqui com eles, passado um bocado desapareço... Já levo a bolsa, o casaco e tudo, vou lá acima, arranjo-me e saio e ele nem dá conta [I: Hm hm, tem essa estratégia para não provocar desconforto no Joãozinho, não é?] Para ele não chorar. E quando chego de manhã, ele é assim: 'Oh chegou a mamã. A mamã chegou'. É, é. É assim. 'A mamã chegou”.
		Modelagem (5/5)			Mãe 19: “Não ia dar batatas fritas nem nada disso, comecei a insistir, ia fazer com elas as refeições e ‘vês a mãe come sopa’. Pronto, tentei dar a volta de outra maneira, contornar esse problema da alimentação dessa forma”.

Práticas parentais (cont.)	Atitudes na parentalidade	Para a educação da criança	Ser sobreprotetor com a criança (4/4)		Mãe 4: “Porque eu tenho alguma dificuldade em confiar nas pessoas em relação aos bebês, porque como eles não conseguem transmitir aquilo que se passa... Agora o João já começa a transmitir. É capaz de dizer o que é que comeu e bate certo. (risos) Já começo a ficar mais aliviada, mas até eles terem esse entendimento e poderem transmitir.. Mas aquilo para mim faz-me alguma confusão. E foi essa.. Acho que foi a maior dificuldade que eu tive.. Foi ser capaz de ir trabalhar e de fazer a minha vida sem ele, e hmm, ter serenidade para dizer assim: 'Não, ele tá bem e está a ser..’”.
			Não ceder (1/1)		Mãe 15: “Tentamos não ceder, tentamos arranjar um ponto de encontro que fosse ali uma estratégia que fosse, minimizasse a situação mas ela, que nunca percebesse que eu cedia ou o pai, porque senão, se ela perceber que nós cedemos, no dia a seguir estamos feitos”.
			Negociar e ser flexível (3/3)		Mãe 9: “Há uma característica que eu também tenho. Eu também sou do contra! [I: Hum hum.] E por isso é que eu quando comecei a ver esta questão/ ‘Ok, tu também és do contra, o teu filho é do contra, isto não vai dar resultado. Tu tens que ceder, tu és adulta, portanto atina’”.
		Para aprenderem a desempenhar melhor o seu papel (3/5)			Mãe 30: “ Eu também tentava acompanhar isso tentava perceber tentava ler, questionava conhecidos que tivessem crianças mais velhinhas”.
		Para lidarem com os constrangimentos do dia-a-dia	Atitude calma, otimista e desvalorização das situações (10/15)		Mãe 2: “Tranquilos e calmos e levamos as coisas../ fazemos muito descontraídos, não é.. E correu tudo bem”.
			Comunicação na família (3/5)		Mãe 27: “E depois muita paciência, falando muito.. com o João, também.. [I: Hum hum] Para/ Temos conseguido [gerir?] Gerir”.
			Divisão de tarefas no casal (2/2)		Mãe 7: “Tentamos dividir as tarefas, como é óbvio, passa por aí”.
			Persistência e paciência (6/6)		Mãe 2: “É logo! Está cansada? Esquece. Dói a cabeça? Toma-se um comprimido!”.
			Atribuições relativas à adoção (15/24)		Mãe 15: “Não! É assim, é assim, eu acho que no início ela provavelmente devia pensar que eu era uma pessoa que tratava dela ou qualquer coisa assim, hmm, não, se calhar, não sei”.

Práticas parentais (cont.)	Atitudes na parentalidade (continuação)	Para justificar e aceitar as dificuldades	Atribuições relativas à criança (13/23)		Mãe 30: “Lá está a mais problemática foi de facto na pré-escola não é?! Ai eu senti, senti que ele poderia estar a pensar que estava a ser abandonado. .. Hum não sei, ele tinha três anos acabados de fazer quando foi para a pré .. e estava connosco desde os vinte e um meses portanto estava connosco há pouco mais de um ano. E eu não sabia até que ponto é que ele tinha noção desse dessa situação de ter deixado o que deixou e vir para nós. E eu não sabia se ele estaria a viver uma segunda separação ou não. Não era separação mas na cabecinha dele ele podia achar que era. Ainda por cima porque ele vinha de uma instituição onde havia muitas crianças, e a pré-escola na cabecinha dele podia ser muito idêntica podia ser outra instituição não é?! Portanto eu não sei se isso lhe passou pela cabeça”.
			Atribuições relativas ao período de vida na instituição (10/14)		Mãe 32: “Quando nós vínhamos embora, ela ficava a chorar. Queria vir com nós. Acho que nasceu logo ali uma.. não sei.. Prontos, é normal numa instituição não há muito colo, não há muito mimo, não é?! Não pode”.
Rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais	Tarefas a cargo da mãe	Cuidados básicos de alimentação, higiene e segurança (4/4)			Mãe 23: “O vestir, o dar banho, é sempre mãe, mãe, mãe, mãe! Hum.. comer, e essas coisas assim é sempre a mãe”.
		Interação afetiva (1/1)			Mãe 24: “Há aquelas coisinhas que ele me chama durante a noite e quer um bocadinho de colo é a mãe que lhe dá. “Ó Miguel eu vou buscar o leitinho” pronto, é a mãe. Há assim certas coisinhas que sou eu!”
		Interação lúdica (2/2)			Mãe 28: “Por exemplo, para contar uma história, ela vem ter comigo, para cantar uma canção “Oh mãe, canta! Oh pai não cantes, cantas mal!” ((risos))”.
		Papel de encarregado de educação na escola (1/1)			Mãe 1: “No colégio, depois também vieram fazer (()) que normalmente falam mais comigo do que com o pai”.
		Trabalhar competências desenvolvimentais (2/2)			Mãe 7: “Em termos da correção, talvez da fala, o/ sou eu”.

Rotinas e papéis desempenhados por cada um dos pais (cont.)	Tarefas a cargo da mãe (continuação)	Transporte da criança para a escola (1/1)			Mãe 11: “De manhã normalmente sou eu quem os leva ao colégio, sou eu que os levanto dou-lhes o pequeno-almoço e levo-os ao colégio”.
	Tarefas a cargo do pai	Colocar a criança a dormir (1/1)			Mãe 32: “ (...) Hoje, é o pai que a põe a dormir e tudo.. Sempre foi o Carlos que a pôs a dormir. E.. e.. Eu ponho-a a dormir, ela não fica. Mas eu posso-me gabar.. 'ela não fica a dormir, mas a primeira palavra foi mãe!' (risos) Ela não fica na cama comigo. Eu ponho-a na cama, chego ao quarto, ela está atrás de mim.. Então é o pai sempre que a põe a dormir”.
		Cuidados básicos de alimentação, higiene e segurança (5/6)			Mãe 26: “É o meu marido de manhã que fica com ele e que o veste”.
		Desempenhar a figura de autoridade (1/1)			Mãe 7: “O chichi ((risos)) ou de pôr de castigo é mais o pai ((risos)), que a mim obedece-me muito pouco”.
		Interação lúdica (3/3)			Mãe 28: “Sei que para estas coisas e para as brincadeiras assim mais amalucadas, o pai é melhor”.
		Papel de encarregado de educação (1/1)			Mãe 36: “Ao contrário do que é habitual, que às vezes é que é o pai. Não. Eu trabalho mais longe, o meu marido trabalha ali perto, é mesmo perto da escola. (...) Normalmente, até mesmo ir buscá-lo à escola, às vezes/ se o meu pai não puder, é o meu marido que vai. Por isso, ele já sabe que o pai está ali, e pode sentir essa falta da mãe, porque os outros normalmente é mais comum”.
		Transporte da criança para a escola (1/1)			Mãe 21: “Geralmente quem a deixa no infantário é o Francisco”.
Dificuldades e receios dos pais neste processo	Dificuldades	Relacionadas com a criança	Dificuldades a nível do desenvolvimento (11/19)		Mãe 25: “Foram surgindo algumas questões em termos de desenvolvimento da Cláudia, nomeadamente a nível da linguagem”.
			Caraterísticas de temperamento da criança (14/29)		Mãe 18: “A personalidade dele ((risos)). É a personalidade dele que no fundo nos causa mais dificuldade. É ele ser teimoso..é ele ser, ter aquela personalidade forte”.

Dificuldades e receios dos pais neste processo (continuação)	Dificuldades (Continuação)	Relacionadas com a criança (continuação)	Dificuldades relacionados com a saúde da criança (9/12)		Mãe 10: “Acho que é a tal história que me preocupa do vômito mas também acho que ela provoca, ainda de manhã estava a tentar vomitar”.
			Comportamentos críticos da criança	Birras e comportamentos de oposição (12/34)	Mãe 21: “Uma coisa que sempre me afligi muito e que eu sempre disse que detestava e detesto é as birras [I: Hum hum] principalmente em espaços públicos [I: Hum hum, hum hum]. Que se dizer, eu estou a ir ao supermercado e ver aquela criança que desata a fazer uma birra a mim, punha-me e dizia assim “comigo nunca tal irá acontecer”, ou seja, mesmo antes de saber que não/ de ter sido operada, eu dizia “comigo isso nunca vais acontecer” e agora acontece [[[risos]]] Acontece e eu penso assim “eu não tenho, não compreendo não sei o que é que eu ei de fazer para isto não acontecer” porque/ a maior parte das vezes ela não/ passado um bocado de estar no supermercado quer sair do carrinho/ não quer estar no carrinho não parar quieta, quer andar a correr, uma pessoa não a pode deixar estar a correr [Hum hum], quer se dizer/ e uma pessoa sente-se assim impotente [impotente] não é? [[[risos]]]”.
				Comportamentos agressivos (9/12)	Mãe 13: “Quando ele está muito chato, muito chato ele bem que tenta às vezes levanta-me a mão. E eu “D., eu nunca mais vejo essa mãe levantada. Não se bate nem no papá, nem na mamã. Nunca, nunca, nunca!””.
				Criança recusa separar-se dos pais (6/10)	Mãe 16: “ Eu não podia ir à casa de banho [I: Hum hum]. Ela tinha/ ela a gatinhar, ela vinha! E chorava, e “Mamã, mamã”! Era mesmo muito, muito, muito, muito [I: Hum hum]. Muito”.
			Dificuldades relativas à alimentação (10/11)		Mãe 24: “Em lidar.. pronto as refeições já nós sabemos que as refeições é um momento que pronto [Mais tenso] demora mais, é. Demora mais e temos que ter muita psicologia para ele para, [[[risos]]] para ele comer”.
			Dificuldades relativas ao sono (9/9)		Mãe 25: “ Aquele stress, sei lá, depois ela não dormia, porque ao início dormia pronto, mas depois deixou de dormir, primeiro porque estava ali há uma hora, uma hora e meia, duas horas para adormecer, quer dizer..[I: E como é que foi, uma das dificuldades foi então [foi] no dormir] Foi, pra adormecer, aquilo era um terror, porque depois era colo, depois era sentada, depois não queria assim, depois queria assado, mas no fim queria colo (...)”.

Dificuldades e receios dos pais neste processo (cont.)	Dificuldades (cont.)	Relacionadas com os pais	Falta de atenção e disponibilidade para a criança (5/5)		Mãe 21: “Quando chego a casa, a Rita quer colo e quer brincar comigo, ou seja, e aí eu “Oh Rita, a mãe tem que ir fazer o jantar” [I: Hum hum] e ela “Então eu vou contigo”, ou seja, mas depois “Oh Rita, não posso estar contigo ao colo e estar a mexer nos tachos ((risos))”.
			Desgaste físico e psicológico (9/16)		Mãe 27: “Foi de uma insistência tal.. hum.. eu deixei de existir quase, e.. foi muito puxado. Muito centrado [nela?] nela. hum hum. Porque ela estava tão carente, e absorvia-me de tal maneira a minha energia, que.. eu também queria corresponder”.
			Educação da criança	Definir limites e regras (6/10)	Mãe 15: “Mas a minha maior dificuldade foi e continua a ser a imposição de regras com ela”.
				Escolhas relativas à escola da criança (3/4)	Mãe 3: “Outra das coisas que mais nos preocupou foi o facto de escolher a escola. Onde é que haveríamos de colocar a Cláudia?! E.. pronto.. o nosso receio também foi..ahmm, nós vivemos num sítio pequeno. Toda a gente nos conhece. E até que ponto pôr a Cláudia mesmo ao pé de casa seria benéfico se ela não viesse a ser conotada como a menina que foi adotada. Ahmm, pronto, isso levou-nos a pensar assim um bocadinho”.
				Falta de consistência nas práticas educativas (6/8)	Mãe 9: “Tivemos aqui algumas porradas. Porque o Chico era demasiado permissivo e criticava quando eu era assertiva com ele. [I: Hum hum.] Agora está bem melhor, mas na altura isto foi.. complicado para nós gerirmos”.
			Falta de apoio conjugal (6/7)		Mãe 2: “ Porque às vezes o Paulo não está, não é? Ele chega mais cansado e temos muito pouco tempo. E pronto.. é sempre um bocadinho mais paro nosso lado. [I Exatamente, exatamente] Nem que estejamos cansados.. olha, tem que ser, não é? E ele não, refugia-se um bocadinho na palavra cansaço e eu... Mais tarde, a chegar mais tarde a casa. [I: E..e a mãe não pode fazer isso não é?] Exatamente! Mas eu acho que isso é geral. Devem ser poucos os pais que, que, que dizem que.. 'Ai eu..' é igualzinho! ((risos))”.
			Falta de experiência e de preparação psicológica prévia (4/4)		Mãe 10: “Eu acho que a maior dificuldade foi quando eu tive a B. porque é assim, é o que eu digo nós não estávamos psicologicamente preparados para ter um bebé”.

Dificuldades e receios dos pais neste processo (cont.)	Dificuldades (cont.)	Relacionadas com os pais (continuação)	Falta de recursos económicos (1/1)		Mãe 18: “ Quando uma pessoa engravida, a partir do terceiro mês começa a ter os apoios para a maternidade. Mas quando se adota não se tem ajuda nenhuma. Tive direito a dois ou três meses de abono que me foi retirado! [I: Pois] É assim, nós temos que montar tudo de repente, de um dia para o outro temos que montar uma casa, temos que pôr roupa, temos que pôr sapatos, medicamentos, temos que preparar-nos para se estiver doente. E não temos ajuda nenhuma”.
			Falta de tempo para si (6/6)		Mãe 31: “[I: E esqueceu-se um bocadinho de si?] Sim, sim. Dormir e essas coisas, não é? Eu nem sei se mudava de roupa, não faço ideia”.
			Dificuldade na gestão de emoções e sentimentos (6/7)		Mãe 26: “ [I: É mesmo dificuldade em gerir/] minha dificuldade, sou eu, compreende? [I: Esta pressão]. Em gerir a minha pressão, a pressão que eu criei! Porque nem tenho pressão nenhuma (...)”
			Dificuldades na gestão do dia-a-dia (questões logísticas) (14/16)		Mãe 4: “As minhas dificuldades em relação ao João nem tem muito a ver com o processo de adoção. São as mesmas dificuldades que eu vivo com o Vicente que não foi adotado. Que são aquelas dificuldades de..de logística, não é, que temos de deixá-los onde quando vou trabalhar”.
			Dificuldades nos cuidados prestados à criança (3/4)		Mãe 19: “As primeiras dificuldades que eu encontrei foi saber o que é que ela comia, o que é que ela gostava, como é que ela gostava de dormir, o que é que ela gostava de fazer para dormir, onde é que ela costumava dormir, esses pormenores. Comprei biberão, estou a dar um exemplo. Por exemplo, comprei um biberão e ela já não bebia biberão, nunca utilizei mas são estas pequenas coisas que não nos foram ditas e que logo desde o primeiro dia senti imensa dificuldade em gerir”.
	Receios	Caraterísticas e comportamentos da criança (5/5)			Mãe 28: “ Ela tem uma coisa que me preocupa um bocado que é/ preocupa-me no sentido do gostava que não fosse assim mas que também não.. [I: Exato] que é o de ser pouco persistente nas coisas, nas atividades. (...) A Ana é um bocadinho para o despacha [exato] é já está, está bem, está ótimo.. é um bocadinho para o despacha e eu nisso queria incutir-lhe um bocadinho mais a.. a perfeição, não é? [I: Aa perfeição, hum hum] Tentar ser mais persistente e gostar de fazer as coisas bem feitas. E ela não é muito assim, é mais para o despacha e.. tento-lhe incutir um bocadinho isso”.
		Ficar sem a criança (2/3)			Mãe 33: “E depois (...) 'se calhar ainda te vêm buscar a menina!' ((risos)) E nós ficamos assim naquela a dizer. ..como não é um assunto muito bem posto em cima da mesa, compreende?”.

Dificuldades e receios dos pais neste processo (cont.)	Receios (continuação)	Futuro da criança (7/12)			Mãe 9: ““Às vezes paro e penso.. no futuro, e isso é que me preocupa também um bocadinho. Mas.. faço um esforço para não me/ para não ocupar espaço. [Exatamente. Essa duvida e essa preocupação.] É, como é que vai ser, quando ele for mais crescido, e.. pronto”.
		Não gostar da criança (1/2)			Mãe 4: “Mas, a partir desse dia, que foi numa segunda feira até quinta feira, que foi o dia que eu o fui buscar, eu tive noites que lhe vou dizer!! ((risos)) Horríveis, porque eu tive verdadeiros pesadelos. E eu..a minha maior preocupação era: 'Será que..?', não era se o bebé era bonito ou feio, mas era:' Será que eu vou ter química com ele? Será que eu vou gostar dele mesmo? Ou será que não vou gostar e não vou ser capaz de dizer isso, de exteriorizar isso?”.
		Não ser capaz de desempenhar o papel de mãe (12/23)			Mãe 3: “ Pronto... às vezes o pensar: 'Será que eu a estou a educar bem?' Pronto, mas isso é preocupação.. Foi o facto de escolher a escola 'Será que estou a agir corretamente?’”.
		Revelação da Adoção (3/4)			Mãe 37: “Não vou dizer que não tenho e assusta-me muito eu um dia ter que lhe dizer que ele é adotado e a reação que ele vai ter. [I:Hum hum]. Se eu me esforço para lhe dar tudo, depois ele/ ser um bocadinho rejeitada/ eu acho que ele não em vai rejeitar”.
		Ser rejeitado pela criança (12/18)			Mãe 14: “A minha dificuldade sempre foi em perceber se ele mais tarde me rejeita. Acho que é uma coisa, acho que quem adota acho que tem sempre essa preocupação em “será que mais tarde, quando souber que até que nós não somos pais biológicos que vai rejeitar ou que...”.
Fatores facilitadores da relação	Relacionados com a criança	Caraterísticas da criança (21/35)			Mãe 16: “E ela sempre até muito fácil de lidar, sabe. Comia bem [I: Hum hum], dormia muito bem, não era aborrecida”.
		Idade de adoção (8/11)			Mãe 20: “Foi muito fácil porque eles vieram muito .. muito cedo, cinco meses e três semanas, bebés”.
		Necessidades da criança (1/1)			Mãe 23: “[I: Essa vinculação dela a si logo muito.. rápido?] Sim. [I: E ao olhar para ela? Como é que sentiu esta/] Eu acho que foi.. foi muito rápido também porque/ Por causa de todas as necessidades que ela tinha, não é?”.
		Temperamento (23/30)			Mãe 15: “Ah, a espontaneidade dela, eu acho que em si é boa disposição, a alegria dela e ao mesmo tempo pra nós, é indefesa não é?”.

Fatores facilitadores da relação (continuação)	Relacionados com os pais	Caraterísticas dos pais (10/14)			Mãe 22: “Eu sou um mel. (((risos))) ((risos)) sou uma (()). Sempre fui assim, mesmo com a minha mãe, com o meu irmão e tudo, portanto, não tinha dúvidas que ia ser com ela [I: Hum hum, Hum hum. E portanto, acha que contribuiu para essa/]. Ah sim, sem dúvida. [I: Hum hum] Sem dúvida. [I: Hum hum] Eu sinto-me uma protetora dela, não é? [I: Hum hum, Hum hum] E eu acho que ela sente isso também, que a protejo bastante [I: Hum hum, Hum hum]. É, não, isso aí não tenho a menor dúvida. [I: E é isso também que contribuiu aqui para uma maior/] Sim [I: Maior cumplicidade, não é?] Também acho que sim, também acho que sim”.
		Experiência prévia com crianças (6/6)			Mãe 14: “É assim, para mim não foi muito difícil lidar com ele porque tenho muitos sobrinhos, eu sempre fui habituada a ter crianças connosco, lá em casa”.
		Experiência profissional (3/4)			Mãe 20: “Há quinze anos que trabalho com crianças dos três aos cinco, mal era, se eu agora sentisse ((risos)) posso sentir depois. Às vezes o adolescente a mim, mete-me um bocadinho de confusão, mas isto ((risos)) [I: Já está muito habituada, não é?]. Já estou como peixe na água, como costume dizer, é”.
		Gosto por crianças (2/2)			Mãe 6: “Sei lá, Sra. Dra.. Eu como gostei sempre muito de crianças, adorei sempre crianças, eu acho que eu fazia tudo para que ela gostasse de mim”.
		Idade e experiência de vida (1/1)			Mãe 27: “Foi um processo, e além disso, eu já tinha alguma maturidade, já não tinha propriamente/ O facto de já ter quase 40 anos ajudou/ ((Risos)) a perceber.. já vivi a minha vida, já saí muito, já passei, portanto, porque/ foi de uma insistência tal.. hum..”.
		Licença de maternidade (7/8)			Mãe 23: “Era só eu com ela em casa, todo o dia de maneira que... o, o, o/ a ligação mãe-filha ficou muito mais forte, muito mais reforçada em relação às outras pessoas, porque eu era a única pessoa que estava com ela o dia todo, não é? [Se ela já tinha esse comportamento, ainda mais/] Ainda mais se reforçou. Porque de facto, toda a gente trabalhava, nos dias normais/ O irmão ia para a escola, o pai ia trabalhar, e o dia inteiro era passado comigo.. de maneira que ainda mais reforçava o.. só mãe (())/ essa, essa dependência. Não deixava mesmo ninguém, ninguém”.

Fatores facilitadores da relação (cont.)		Motivação, força de vontade e disponibilidade para receber a criança <i>(12/14)</i>			Mãe 2: “Estávamos no ponto mesmo de ser pais, não é? Estávamos mesmo com aquela vontade muito, muito presente que tínhamos de ter um bebê”.
	Outros facilitadores da relação <i>(8/13)</i>				Mãe 8: “O Miguel foi sempre tão recetivo a nós, o fato de, logo de início ele adormecer ao meu colo, o Miguel no início, sei lá, durante o primeiro mês, dois meses, ele adormecia ao meu colo [I: hum hum]. E era sempre comigo. E eu conseguia que ele adormecesse ao meu colo, e ele acalmava e ia relaxando, relaxando, até adormecer. E.. ele estar a tomar o biberãozinho e agarrar assim a mãozinha, não sei olhe [I: sim sim]. Eu acho foi/ que são estes momentos.. [que acha que fortaleceram esta ligação]. Sim, sim, sim. [I: Que formou esta vinculação assim]. Sim, sim”.

Anexo II - C: Evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 2 - Categoria 'Evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção'

Evolução da criança nos primeiros dois anos de adoção	Exemplos
Crescimento físico (3/4)	Mãe 9: “quando ele veio, nós fomos quatro dias depois ao pediatra. Passado um mês e meio ele tinha dado um salto, tinha mudado imenso já. Do vinte para o cinquenta, uma coisa assim fenomenal. [I: Hum hum.] Ele disse logo "É impressionante!" [I: Hum hum.] Nota-se logo que este menino não precisava só de comer, precisava... de comer afeto, não é? [I: Exatamente, exatamente.] Deu um salto enorme.”
Menor dependência dos pais e maior capacidade de exploração (3/9)	Mãe 16: “É assim, foi formando uma relação mais aberta até [I: Hum hum, hum hum]. Não tão dependente de mim porque eu tinha colegas minhas que diziam “fogo, tu não podes fazer nada, que ela não te larga, é impressionante!”. E foi começando a soltar-se mais um bocadinho o que também me facilitava um bocadinho e já não me preocupava tanto, porque também não era muito saudável ela andar tão agarrada a mim, porque andava mesmo agarrada! [I: Hum hum]. E agora acho que está a ficar mais companheira, já podemos fazer outras coisas, ela também já está mais liberta de mim um bocado, já se entretém mais, já me solta mais um bocadinho, que eu não conseguia fazer nada! [I: Hum hum]. Sempre, e andava com ela ao colo para baixo e para cima [I: Hum hum].”
Desaparecimento da apatia inicial (6/8)	Mãe 39: “M: Pronto, inicialmente a Mariana quando foi principalmente nos primeiros dias, era uma menina muito apática. [I: hum, hum.] Notamos isso, tanto notamos que temos fotografias dela muito parada. Não... sem interagir com muitas pessoas mesmo conosco. [I: hum, hum.]”.
Evolução no sono e alimentação (3/3)	Mãe 6: “ela era uma criança que vinha, pronto, muito fragilizada [I: Hum hum]. E a gente teimava mais um bocadito, e os primeiros tempos (()), agora pronto, embora seja difícil, ela já vai comendo.”
Evolução na fala e motricidade (4/6)	Mãe 33: “Quando ela começou a falar.. porque ela não falava, só dizia 'olá'. Ela quando veio só dizia 'olá'. Ahmm, e depois começou a dizer 'ar', começou a dizer 'mamã', 'papá'. Quer dizer, quando ela 'mamã', quer dizer, .. Mas aquilo foi muito seguido percebe? Foi para aí a partir da segunda semana, ela desenvolveu mais a fala, compreende? E começou a dizer 'mamã', 'papá', e já me identificava logo”.
Maior à vontade na relação com os outros (4/4)	Mãe 14: “A timidez, ele era muito tímido mesmo. Ele ainda é um bocadito mas acho que cada vez mais vai perdendo a timidez. É uma criança que facilmente brinca com qualquer pessoa, fala e assim mas é um bocado tímido”.
Mais calma e sossegada (3/3)	Mãe 31: “Pronto e acho que agora ainda tem algumas características que acho vão ser sempre dela, ser irrequieta e de, mas que já, que tem moldado um bocado com a insistência quer minha quer da educadora. [I: Humm, humm..] Mas que tem vindo a moldar e que ela tem vindo nestes últimos tempos a sossegar. [I: A sossegar.] E a, a conseguir estar sentada e a fazer uma atividade quer goste ou não goste muito”.
Mais irrequieta (2/2)	Mãe 14: “Outra coisa que... acho que é muito mais irrequieto, isso é. Porque ele quando veio, ele era muito mais quietinho, ia a casa de alguém e tudo e estava ali impecável. Agora não.”
Menos comportamentos de oposição (1/1)	Mãe 9: “É mais a teimosia, esta coisa da oposição. [I: Hum hum.] “((imita voz de criança)) Não!” Uma pessoa perguntava-lhe o nome, ele dizia não, não é? [I: ((risos))] Agora já não. E agora já diz muitas vezes sim. [I: ((risos)) Exatamente. O Sim a ganhar espaço!] É”.
Mudanças desenvolvimentais (4/5)	Mãe 14: “Uma coisa que eu acho que ele evoluiu bastante é assim a maneira como ele está, sabe fazer as coisas, a presença de estar dele na mesa, por exemplo, é diferente. A maneira como ele gosta de já ter as coisas arrumadas é diferente”.

Anexo II - D: Ambiente familiar (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 3 - Categoria 'Ambiente familiar'

Ambiente familiar			Exemplos
Relação conjugal	Apoio do conjugue	Ajuda na relação com a criança (3/4)	Mãe 30: “às vezes há ali um, há rutura mesmo, tipo ficou a berrar e depois tem que vir, se a rutura foi comigo tem que ir o pai tentar remediar, e se a rutura for com o pai tenho que chegar eu para remediar ((risos))”.
		Gestão do dia-a-dia no papel de pai e mãe (10/14)	Mãe 3: “Pronto, mas tentamos sempre ultrapassar. E discutimos.. Enquanto casal, discutimos sempre tudo! Os dois juntos..”.
	Qualidade da relação conjugal	Não identifica alterações na qualidade da relação conjugal (3/5)	Mãe 19: “Em termos do casal, manteve-se mais ou menos igual. Acho que sim. Nós sempre conversamos muito e acho que o diálogo aí é fundamental, não é?”.
		Aspetos negativos e agravamento da relação conjugal (2/6)	Mãe 2: “Naquela fase não tanto, acho eu que naquela fase não. Para já estava com licença de maternidade, que me dá aquela tranquilidade para fazer o que fizesse. Eu tinha tempo para tudo. Mas agora é um bocadinho mais complicado.. Porque às vezes o Paulo não está, não é? Ele chega mais cansado e temos muito pouco tempo. E pronto.. é sempre um bocadinho mais para o nosso lado”.
		Identificação de aspetos positivos e de melhorias na relação conjugal (5/6)	Mãe 2: “Arranjávamos estratégias, quer dizer.. ((...)) Viajar! Por exemplo. Tínhamos que tirar proveitos, não é? Nós sabíamos que o bebé ((...)) vinha e enquanto ele não viesse... ((risos)) vamos aproveitar! e Aproveitamos! (()) Divertimo-nos imenso! 'Ah nem sei como é que vocês não se vão abaixo!' E eu, realmente (()) ' estes problemas, sempre foi assim.. tentar ver as coisas pelo lado positivo' Agora o Henrique apareceu e é, é.. Se já eramos felizes, acho que agora somos mais.”.
Relações estabelecidas no contexto familiar	Relação da criança com os irmãos (8/15)		Mãe 4: “Porque eu acho que ele, por exemplo, agora com os dois, eu acho que ele é um bocadinho ciumento. Acho que.. não sei se tem a ver com as idades, mas neste momento eu acho que o João é mais ciumento que o Vicente”.
	Relação da criança com a família alargada	Manifestações de afeto por parte da família alargada (9/15)	Mãe 27: “Mas do lado da minha família toda a gente ficou muito sensibilizada, [I: hum hum] E... foram muito acolhedores. A partir daí, de ela ter chegado, reatamos um tradição familiar, a família inteira, que nós tínhamos há uns anos, que nos juntávamos todos, e saíamos juntos, fazíamos um passeio”.

Relações estabelecidas no contexto familiar (continuação)		Reconhecimento das pessoas da família (5/9)	Mãe 20: “De resto foi tudo muito pacífico é, quer dizer pronto .. eram muito pequeninos, eu acho que eles sempre entenderam que .. eu nem consigo dizer muito bem .. eu acho que ao fim de, sei lá, três dias de verem uma pessoa, eles já a voz, o próprio reagir da voz, o próprio riso, o próprio sorriso, o próprio/ eles já interagiam e já davam sinais de que a pessoa era conhecida, não notei assim...”.
		Relações problemáticas com a família alargada (1/1)	Mãe 5: “Vai ter logo ao pai a dizer que a minha mãe não lhe deu de comer. E a minha mãe passa-se com essas coisas, por isso não há também a ligação com ela, porque ela acha--a também traiçoeira. “.
	Relação da criança com amigos e outros significativos (1/1)		Mãe 31: “Quando eu ainda estava na, na licença de maternidade, às sextas-feiras era o almoço com as amigas.. [I: ((risos))] Por isso, eu dava o almoço à Naiara, metia-a no carrinho e vamos para o Porto, íamos, eu ia almoçar com as minhas colegas às duas e meia, porque achava que era tarde para ter a criança sem comer até essa hora, por isso, ela ia fazer de, ia socializar, eu ia saber as cusquices do serviço..[I: (risos)] Ia-me pôr em dia, pronto, por isso, aquilo foi uma coisa natural, claro que criou elos mais profundos com algumas pessoas e menos com outras e algumas não gosta.[I: Humm, humm..] Pronto.[I: Humm, humm..] Mas, sempre foi comigo para todos os sítios e..acho que ela andou lá, no colo das tias, como eu digo, feliz e contente da vida, também quando íamos às consultas eu passava o tempo no serviço, por isso toda a gente vinha ver a menina, toda a gente e ela acabou por criar algumas pessoas mais significativas pra ela, que ela gosta mais”.
	Relação dos pais com os outros filhos (3/6)		Mãe 23: “De facto, sofreu um bocado nesse aspeto, porque perdeu um bocado a atenção, não é? Perdeu bastante atenção, sobretudo no início. As coisas têm vindo a equilibrar, mas no início ((...)). Porque ele era filho único“.

Anexo II - E: Rede de recursos familiares (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 4 - Categoria ' Rede de recursos familiares'

Rede de recursos familiares		Exemplos
Apoio familiar	Cuidar da criança (18/31)	Mãe 30: “Eu tive os quatro meses com ele em casa, e depois fui trabalhar deixei-o e ele ficou com a minha mãe”.
	Estimulação da criança (1/1)	Mãe 16: “Mas depois tinha também a minha mãe, puxava muito por ela, tentava puxar, e até as primeiras palavras que ela foi dizendo foi com a minha mãe [I: Hum hum]”.
	Apoio emocional aos pais (8/10)	Mãe 9: “um momento em que estava mais angustiada/ Foi.. foi bom. A minha mãe passava cá todos os dias, todos os dias vinha cá. [I: Hum hum.] Ela e o meu pai. Estavam comigo, ou/ portanto/ O meu sogro também vinha cá muitas vezes. Ele vinha a meio da tarde, eu aproveitava, estava o bebé com ele, ia tomar banho ((risos)) [I: ((risos))] Hum.. E quando (()). Com a minha mãe fazia a mesma coisa. Era/ Foi agradável. Foi bom. Acho que me ajudaram”.
	Atitudes barreira ao desenvolvimento da criança (2/2)	Mãe 20: “Porque estiveram com os meus sogros, muitos mimos. Os avós são fantásticos sem dúvida nenhuma, mas também estragam muito ((risos)). E eu como educadora de infância, ainda por cima minha sogra. Se fosse minha mãe dizia mais facilmente ((risos)), mas minha sogra muitas coisas engolia, engolia, engolia”.
Amigos e atividades dos tempos livres	Apoio material (3/4)	Mãe 9: “Eu lembro-me de ter ido buscar a cama da minha/ que a minha colega me emprestou, que a cama de grades que o bebé ainda tem, [I: Hum hum.] e dele me ter.. de ela me dizer isso”.
	Apoio emocional (1/2)	Mãe 2: “tenho amigas que dizem: 'Ah, sempre te admirei a ti e ao Paulo, porque apesar de vocês não terem filhos.. vocês andam sempre na boa' Arranjávamos estratégias, quer dizer.. ((...)) Viajar! Por exemplo”.
	Cuidar da criança (2/2)	Mãe 21: “É assim, por exemplo, ao Sábado, da parte da tarde, hum.. mesmo que eu esteja em casa às vezes a minha vizinha que tem uma miúda com quatro anos ‘Olha, ó Rita, queres ir brincar com a Mariana?’ Ela está lá na casa dela, pronto/ Mas aquilo é porta com porta, praticamente”.
	Partilha de experiências, opiniões e dúvidas (4/4)	Mãe 4: “Eu tenho uma amiga de trabalho muito próxima que tem um filho adotado.. tem quase 8 anos agora. E antes de eu ter o meu, nós falávamos muito disso.. E falávamos de livros, livros que ela comprava sobre adoção, histórias, livros para os pais, livros para as crianças.. E chegamos a falar muito”.
	Atividades dos tempos livres (1/1)	Mãe 27: “com muito yoga, muito/ ((risos)) O yoga.. o yoga está sempre presente! É uma grande ajuda!”.

Recursos Profissionais	Segurança social (1/2)	Mãe 18: "Desde o início que tivemos sempre liberdade se quiséssemos ligar para as assistentes sociais, deram-nos essa liberdade".
	Escolas e Profissionais da Educação (9/12)	Mãe 1: "até que cheguei a questionar a educadora e a pessoa que estava lá".
	Médicos e Enfermeiros (6/7)	Mãe 16: "Depois quando viemos, ela entretanto andava na pediatria do desenvolvimento, que ela precisava era de muito estímulo a nível muscular, e foi isso que nós trabalhamos bastante".
	Psicólogos (3/3)	Mãe 24: "Mais depois pronto, falei logo à psicóloga e a psicóloga disse 'Não se aflija porque é normal'".
	Atitudes barreira à integração da criança (1/2)	Mãe 33: "Portanto, foi muito complicado ajudar-me nos documentos. Mas nem com a coisa do tribunal me davam os documentos. Tive que ligar para o Ministério da Saúde.. ligar para ele, para eles me autorizarem a mudar o cartão de vacinas, aquele livrinho, que eles não queriam fazer nada disso. Mas nem com a ordem do tribunal foram lá. [I: Hmm hmm.] Compreende? Portanto, é tudo muito complicado. ((...)) é tudo muito complicado. Quando sabem que é uma menina adotada ficam... percebe? ".

Anexo III:
Quadros relativos à dimensão de análise:
‘A experiência da maternidade adotiva - construção e avaliação da experiência’

Anexo III: A experiência da maternidade adotiva - construção e avaliação da experiência (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 5 - Categoria 'A experiência da maternidade adotiva - construção e avaliação da experiência'

A experiência da maternidade adotiva - construção e avaliação da experiência			Exemplos
Mudanças da mãe enquanto pessoa	Definição de prioridades (18/24)		Mãe 27: “Relativizando as coisas: antes de a Mafalda vir era muito centrada no trabalho, e.. tinha que estar sempre muito disponível, preocupava-me com algumas coisas, que dava muita importância, que agora é completamente/ Gerir a minha carreira é muito importante, sem dúvida não é para estar/ O mais importante é ela! Tenho que gerir tudo de forma a ter uma/ primeiro... hum... paz de espírito, e estar bem comigo própria, depois estar disponível para a família e para ela. Mudou completamente a visão! [I: Exatamente. Antigamente muito mais focada no trabalho, agora muito mais centrada na família] Sim, sim, sim!”.
	Mudanças positivas	Aparência física (1/1)	Mãe 10: “Emagreci ((risos)), emagreci a sério. Desde que tive a B. que decidi emagrecer”.
		Maior capacidade de auto-reflexão e auto-conhecimento (2/3)	Mãe 9: “Fez mudar muitas coisas na minha.. na minha vida. Aquilo que eu já falei, do facto.. de me entender a mim como pessoa, e saber que passei por várias fases para chegar onde estou, [I: Hum hum] não é, na minha personalidade, nas minhas características”.
		Mais responsabilidade e maior consciência dos seus comportamentos (5/5)	Mãe 14: “Não sei, talvez a minha responsabilidade de ter o jantar pronto a horas por causa dele, de saber deitá-lo a horas, se saímos ter a preocupação se ele vai connosco mas se fica bem”.
		Mais calma e ponderada (6/6)	Mãe 6: “Sei lá Sra. Dra., sou uma pessoa mais calma, já penso de maneira diferente que pensava [I: Hum hum]. Ser mãe é uma coisa/ pronto, é uma coisa muito boa e uma pessoa muda em tudo”.
		Mais felicidade e vitalidade (6/7)	Mãe 24: “A minha vida faz mais sentido com ele do que sem ele [I: Hum hum] e estamos muito mais felizes ((risos))”.
		Mais flexível, permissiva e capaz de relativizar as situações (6/8)	Mãe 35: “É assim: eu sou... é assim, por exemplo: eu não sou muito permissiva. Agora às vezes até me vejo a ser mais permissiva. Pronto, tento.. 'Ah, está bem, faz lá à tua maneira', e não sei quê”.

Mudanças da mãe enquanto pessoa (continuação)	Mudanças positivas (continuação)	Mais perspicaz e atenta (2/3)	Mãe 8: “Aguça-nos a.. perspicácia porque uma pessoa agora está mais atento aos comportamentos, à.. aos nossos comportamentos para com ele [I: hum hum, hum hum] não é, temos que ter cuidado com alguns comportamentos, algo que dizemos, ah.. e também tentamos/ eu pelo menos acho que comecei também a ficar um bocadinho mais perspicaz, para estar atenta aos comportamentos dele, é normal, não é, ele/ o que ele fez hoje, vem no seguimento do que ele tem vindo a fazer, não tem. Para estar o mais atenta possível a possíveis desvios, a possíveis/ a algum indica/ a alguma coisa que nos possa indicar que esteja menos bem com ele. Pronto, e acho que também nisso, o facto de ser mãe, acho que acaba também por/ [I: por contribuir para isso, para essa perspicácia e estar atenta ao que é importante, efetivamente.] importante”.
		Mais sensível e afetuosa (7/7)	Mãe 16: “Ensinam-nos a dar muitos abraços, muitos beijos, muitos/ pronto, muitos carinhos, que a gente às vezes até nos passa um bocadinho isso, despercebido, não é, na relação com as pessoas [I: Exato]. E ensinam a apreciar certas coisas! E nós, como mães, achamos piada a tudo o que eles fazem, não é, que às vezes até é um bocado ridículo, mas achamos”.
		Mais sociável (1/1)	Mãe 36: Não sei. Talvez a parte mais extrovertida do Hélder. É assim, eu até falo, mas por exemplo, eu no meio de pessoas desconhecidas eu não sou assim. Eu costumo dizer que nesse especto ele sai mais ao pai, o meu marido também é que mais fala com toda a gente. E eu sou capaz de ser mais retraída. Mas o facto/ acabo por ser obrigada a falar com as pessoas todas”.
		Mais tolerante e paciente (4/4)	Mãe 13: “Tolero mais. Tolero mais. Apercebo-me mais de como estou e quando há dias que eu posso e digo ‘hoje estou impossível porque estou muito chata, muito a pegar com tudo’ ”.
		Melhoria nas relações com a família alargada (1/1)	Mãe 9: “Agora já sei, e é uma coisa que melhorou imenso a minha relação com a minha mãe, nunca tive má relação com ela, mas estava sempre a.. a criticá-la em alguns aspetos. "Ah, proteges muito o Luís, não te preocupes, não te preocupes! És muito ansiosa, depois ficas/ tens/ depois tens que tomar medicação para dormir, não te preocupes!". E agora realmente já não ((...)). [I: Pois é! ((risos))]"
	Mudanças negativas	Mais exigente (1/1)	Mãe 18: “ Ah, tornei-me um bocado mais exigente, até mesmo com o resto das crianças como o meu sobrinho vem cá a casa”.
		Mais preocupada (4/4)	Mãe 4: “ Olhe, mudou o facto de eu me preocupar mais com o futuro. ((risos)) É..hmm.. hoje em dia acho que sou uma pessoa que me preocupo um bocadinho mais com o futuro. Não é que eu não me preocupasse antes, mas era em relação a outras coisas”.

Mudanças da mãe enquanto pessoa (cont.)	Mudanças negativas (cont.)	Menos tolerante (1/1)	Mãe 17: “ eu acho que me tornei uma pessoa menos... menos tolerante. Com as atitudes dos adultos! Não propriamente com as das crianças, eu isso não me arrependo/ e acho que foi depois de/ acho que foi.. com o Ricardo, foi o Ricardo, também o crescimento, acho que estou menos tolerante! (...)”.
	Papel desempenhado na sociedade (2/2)		Mãe 33: “ Mas por outro lado é diferente, porque há umas certas amizades que a gente tem, por exemplo, com as mães, com os filhos, com a escola, que nos dá outra coisa na sociedade, do que se não tivéssemos filhos, percebe? Dá outro estar na sociedade do que se não tivesse nada.. aquelas pessoas.. compreende? Portanto, é diferente! É tudo diferente”.
Auto-descrição do papel materno e convicções	Capaz de desempenhar o papel de mãe adotiva (6/6)		Mãe 6: “Oh Sra. Dra., eu acho que sou uma boa mãe, não sei. Penso eu. Faço-lhe tudo, só não faço mais porque não posso, não é? [I: Exatamente]. Não a/ não sei, sei lá, eu acho que para ela que sou uma boa mãe”.
	Incapaz de desempenhar o papel de mãe adotiva (1/1)		Mãe 5: “Má! Fraca! Eu acho que ela não merece isso.. eu pessoalmente acho que sou muito fraca”.
	Mãe afetuosa (9/10)		Mãe 20: “Pronto, sou muito do beijinho, miminho e abracinho e tal e pronto, aquelas coisas. Sou.. muito meiguinha”.
	Mãe assertiva (1/1)		Mãe 9: “Depois acho que sou../ tento ser assertiva [I: Hum hum]. Acho que consigo [I: Hum hum]. Ah.. e transmitir segurança também [I: Hum hum, hum hum]. Ah.. depois também sou muito brincalhona com ele”.
	Mãe comunicativa (2/3)		Mãe 28: “(...) Eh, sou mais de falar com ela à medida/ eu acho/ percebes, até pela linguagem/ nós falamos muito com ela e ela interage bem”.
	Mãe cuidadosa (3/3)		Mãe 1: ”Acho que sou uma pessoa cuidadosa, e procuro.. o melhor para ele, não é? Hum.. pronto, posso.. ter.. o reflexo de querer comandar tudo, se calhar. Hum.. E ser.. um bocado.. rígida na.. na/ em alguns aspetos da educação. Mas no geral acho que sou equilibrada. “
	Mãe equilibrada e flexível (7/8)		Mãe 7: “ (...) Naquilo que eu acho que tem que ser..embora eu seja flexível em determinadas regras que eu até acho que são importantes mas, consigo perceber que naquele dia tenho que, acho eu que consigo perceber que naquele dia tenho de ceder um bocadinho...e (...)”.

Auto-descrição do papel materno e convicções (continuação.)	Mãe inconsistente (3/3)		Mãe 34: “Hum, agora, como é que eu sou mãe.. [I: ((risos))] eu não sei se sou boa mãe, se sou... tento fazer tudo para ser boa mãe e há/ no fundo, no fundo, acho que estou a ser.. [I: hum hum] se calhar, não sou sempre justa, ou seja, se calhar sou um bocado exigente com eles e, por isso, eu às vezes questiono se sou justa, se não estou a exigir demais deles. E, se calhar, por isso às vezes dou-lhes assim um bocadinho de baldas. Não é a primeira vez”.
	Mãe permissiva e benevolente (6/6)		Mãe 32: “Eu às vezes acho que não sou boa mãe. Não, porque.... se calhar sim! Porque... Sei lá! Às vezes o meu marido me diz mesmo, muitas vezes.. 'Ela contigo faz o que quer. Tu dizes um não agora e daqui a bocado já estas a deixar fazer o que ela quer.' Acho que foi muito tempo sem ser mãe. E então quando nós.. quando consegui ser mãe, não é? Acho que estraguei um bocadito (...)”.
	Mãe preocupada (13/21)		Mãe 24: “acho que sou normal, uma mãe normal, uma mãe atenta, uma mãe que se preocupa, uma mãe cuidadosa.. é o que eu acho que eu sou.”
	Mãe presente e protetora (12/13)		Mãe 23: “Eu sou, sou uma mãe/ Eu acho ((risos)) Eu acho/ Sou, sou uma mãe muito atenta, muito.. um bocado controladora das situações, porque têm de passar por mim as decisões são basicamente, todas/ Eu que tomo. Melhor ou pior. Hum... Faço muito, muita autoanálise, o que é que corre bem, será que estou a fazer bem, será que estou a fazer mal, será que devia fazer de maneira diferente. Hum... Ela toma muito a minha atenção, e.. eu ponho-a sempre acima ((...)). Custa-me abdicar deles para fazer outro tipo de coisas”.
	Mãe rígida e exigente (9/17)		Mãe 13: “Eu prefiro que me chamem de insensível, de injusta, de fria e não sei quê do que digam que eles são mal educados. Isso é que eu não quero mesmo! Eu prefiro tudo e mais alguma coisa do que alguém me diga que eles são mal-educados. Mal-educados não são! Não podem ser, não vou deixar que sejam! Pronto, é a minha maneira de ser.”
	Incapacidade para se descrever enquanto mãe (2/2)		Mãe 15: “Sei lá, eu acho que.. sou uma pessoa normal, eu acho, também, ou tento ser, tento ser, se calhar! Não sei, eu... não, não sei descrever.”
	Convicções sobre a maternidade (18/35)		Mãe 27: “A questão, penso que tem a ver com as mulheres. Nós temos aqui uma informação, de maternidade, de ser mães, de mães. Seja biológico, ou não, eu percebi que está cá, e portanto eu via-me a fazer coisas que.. pensava, esta informação vem de algum lado, [I: hum hum] mas eu sei que é assim, eu sentia.. hum.. o cuidar, o perceber como ela se/ estava, o sentir, hum.. tudo isso para mim fluía”.

Mãe identifica parecenças entre ela e a criança	Atributos físicos (3/3)		Mãe 4: "Mas eu acho que no momento em que o vi, eu tive logo alguma química e pensei: 'Ah, graças a deus, ainda bem!'. Ainda bem que.. Até parecia que tinha alguma coisa minha. Tinha os olhos grandes como eu e pestanudo. Eu achei: 'Bem, ele tem alguma coisa minha!'"
	Comportamentos (7/8)		Mãe 10: " Ela vem com carteirinha como a mamã, vem com o colarzinho como a mamã, eu estava-me arranjar na casa-de-banho, ela estava a arranjar-se também. Eu punha um colar, ela ia e punha um colar, eu pegava numa carteira, ela pôs a carteira".
	Temperamento (6/9)		Mãe 25: " O pai também diz que sai à mãe, que é o contra. [I: ((risos))] Ela sai, sai. Tem muitas coisas que se.. [I: ((risos))] se fosse biológica não podia ser mais parecida, isso é verdade. [I: ((risos))] Dito por mim, isso é verdade [I: ((risos))]"

Anexo IV:
Quadros relativos à dimensão de análise:
‘Valência emocional das vivências na parentalidade adotiva’

Anexo V: Valência emocional das vivências na parentalidade adotiva (nº de fontes/ nº de referências)

Quadro 6 - Categoria ' Valência emocional das vivências na parentalidade adotiva'

Valência emocional das vivências na parentalidade adotiva	Exemplos
Vivências Negativas (35/320)	Mãe 5: “O processo de adoção é sempre uma coisa muito prolongada. Nós já estávamos à espera há dois anos. Eu acho que com o tempo as pessoas já perdem a esperança e perdem, no fundo, quase a vontade de adotar. E depois quando aconteceu aquilo foi assim uma coisa.. 'tá ali a criança! ((interrupção da criança)) E...hmm.. quando ela veio, para nossa casa, no fundo, já a vontade de adotar já não era a mesma que no início”.
	Mãe 8: “O Miguel, quando veio para nossa casa, aconteceu isso, ao fim de quinze dias, o Miguel adoeceu. E eu achava “ o Miguel veio no Verão, não vai haver aquelas.. aquelas coisas de Inverno, portanto, vem de Verão, deve ser por aí, nunca imaginei que/ eu não estava/ quando o meu filho adoeceu ao fim de quinze dias, eu não estava minimamente preparada para ver o meu filho a arder de febre ((risos)) não sabia o quê que havia de fazer. Eu.. confesso que entrei um bocado em pânico!”.
	Mãe 9: “Mas neste momento o que me preocupa, pronto. Não pode estar sozinho agora/ É mesmo/ É mais a teimosia, esta coisa da oposição. [I: Hum hum.] ”((imita voz de criança)) Não!" Uma pessoa perguntava-lhe o nome, ele dizia não, não é? “.
	Mãe 10: “Tinha a rejeição do Z.M e depois a rejeição do Z.M veio toda para cima de mim, eu não conseguia lidar com o Z.M porque tudo o que eu fazia, tudo, ele não me aceitava. Foi muito complicado”.
	Mãe 14: “Se nós falássemos mais alto, ele escondia-se debaixo das coisas. Era complicado. “Mas porque é que ele faz isso? Como é que nós vamos fazer?”. Se nós: “eu ponho-te de castigo”, ele virava-se logo para a parede, eu achava isso... a minha metia-me muita confusão, para mim castigo não era virá-lo para a parede, estar ali, ‘olha tens de estar aí um determinado tempo a olhar para a parede sem fazer nada’”.
	Mãe 16: “É assim, eu na altura quando decidimos adotar, ela já tinha dezoito mezinhas, uma coisa que me preocupou logo, mesmo muito, foi o facto dela não andar. [I: Hum hum]. Não era normal, dezoito meses, não andava. Falava? Nada. Isso preocupou-me muito! Muito, ela não botava sequer os pezinhos, como as crianças normais, quando começam a andar, já começam a botar os pezinhos, nada”.
	Mãe 18: “ma das dificuldades era realmente deixá-lo na escola, nos primeiros dias. Porque ele chorava tanto, que a gente pensava "mas ele vai ficar bem, não vai?", ele era uma berradeira, agarrava-se com a mão à perna, não nos queria deixar querer levá-lo”.
	Mãe 23: “E depois a juntar tudo a isto, havia.. um elemento lá em casa, não é? Havia um irmão lá em casa a quem eu queria preparar para a chegada de, da/ do novo elemento, mas que sem nenhuma certeza, não podia fazer”.
	Mãe 25: “Aquele stress, sei lá, depois ela não dormia, porque ao início dormia pronto, mas depois deixou de dormir, primeiro porque estava ali há uma hora, uma hora e meia, duas horas para adormecer, quer dizer”.
	Mãe 28: “A parte que menos me agrada é esta parte assim da desobediência. Fico a ferver por dentro! Tento que isso não se espelhe mas ela é mesmo muito teimosa”.

Vivências Positivas (38/438)	Mãe 2: “O mesmo processo que uma mãe biológica, não é, porque ele era tão pequenininho que não houve nem da parte dele, nem de mim qualquer interveniente, não é.. Correu tudo.. É.. é perfeito, quase. Mesmo.. é perfeito”.
	Mãe 4: “Aquele lado alegre dele, acho que foi um dos aspetos que contribuiu imenso, porque eu acho que ele transmitiu tanta alegria à casa, hum, que.. que passou para nós também.. hum, não é? Não sei se também nós transmitimos provavelmente essa felicidade ao bebé, mas eu acho que ele também nos transmitiu muito a nós. E pronto, eu acho que.. até engravidei, está a ver? ((risos))”.
	Mãe 8: " É assim, eu acho que nós fomos uns privilegiados porque correu de uma forma geral, a integração do Miguel, correu mesmo bem“.
	Mãe 13: “O colégio tem-me ajudado imenso mesmo, as educadoras são fantásticas e pronto... é rara a semana ou acho que não existe nenhuma semana que eu não fale com a educadora para ver se eles se portaram bem, se não se portaram”.
	Mãe 16: “Mas facilita, é verdade. Ela sempre foi muito bem. E era uma menina muito sossegada! [I: Hum hum, hum hum]. Era, era uma menina, não.. não fazia birras, não queria nada, não.. pronto! [I: E portanto, nesse sentido facilitou.] Facilitou muito.”
	Mãe 19: “A chegada da T. em termos de familiar, de chamar tio, tia, avó, avô, mãe, pai foi fantástica. Foi logo a partir do primeiro dia. Teve a ajuda do irmão neste caso, não é?”.
	Mãe 20: “Mas aqui foi uma adaptação natural, de parte a parte, não é? Para nós porque estávamos maravilhados, estávamos fascinados, estávamos, tudo, não é? E para eles porque eu acho que, quer dizer, interiorizaram logo que, é a nossa família, é a nossa casa, são as pessoas de quem nós, fazem parte de nós.”
	Mãe 27: “Acho que fizemos uma ligação muito grande logo desde o início... Clicamos ali desde o início, o que ajudou a superar todas essas questões emotivas. Depois o facto de eu andar no yoga e tê-la levado para o yoga de bebés.. E houve ali uns momentos de cumplicidade muito bons. Portanto a ligação estava feita. Agora.. inicial“.
	Mãe 33: “Quer dizer, a adaptação dela foi boa.. Quer dizer, ela não estranhou nada!”.
	Mãe 35: “Ainda ontem estava a falar com ela sobre isso. "A mamã quando te viu a primeira vez ficou apaixonada." [I: A viu fisicamente, não é?] E que "não queria crer que aquela menina era para ela!", não é?”